



UFPB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROLING - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA



THAYSE SILVA DA ROCHA DIAS

O CORPO-PALIMPSESTO EM MONSTRANS

Uma análise crítica do discurso multimodal sobre corpos, sexualidades e gêneros nos quadrinhos autobiográficos de Lino Arruda

JOÃO PESSOA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROLING - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA



O CORPO-PALIMPSESTO EM MONSTRANS

Uma análise crítica do discurso multimodal sobre corpo(s), sexualidade(s) e gênero(s) nos dos quadrinhos autobiográficos de Lino Arruda

Dissertação apresentada na etapa de defesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba, como um requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais.
Linha de pesquisa: Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Alexandre Silva Bezerra

Coorientador: Prof. Dr. Anderson Alves de Souza

JOÃO PESSOA
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D541c Dias, Thayse Silva da Rocha.

O corpo-palimpsesto em monstrans : uma análise crítica do discurso multimodal sobre corpos, sexualidades e gêneros nos quadrinhos autobiográficos de Lino Arruda / Thayse Silva da Rocha Dias. - João Pessoa, 2023.

127 f.

Orientação: Fábio Alexandre Silva Bezerra.

Coorientação: Anderson Alves de Souza.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Narrativa gráfica. 4. Estudos identitários. I. Bezerra, Fábio Alexandre Silva. II. Souza, Anderson Alves de. III. Título.

UFPB/BC

CDU 305(043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
THAYSE SILVA DA ROCHA DIAS

Aos vinte e quatro dias do mês de julho de dois mil e vinte e três (24/07/2023), às catorze horas, realizou-se, via Plataforma Zoom, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: "O CORPO-PALIMPSESTO EM MONSTRANS: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO MULTIMODAL SOBRE CORPOS, SEXUALIDADES E GÊNEROS A PARTIR DOS QUADRINHOS AUTOBIOGRÁFICOS DE LINO ARRUDA", apresentada pelo(a) mestrando(a) **THAYSE SILVA DA ROCHA DIAS**, Licenciado(a) em **Letras** pelo(a) **Universidade Federal da Paraíba - UFPB**, que concluiu os créditos para obtenção do título de MESTRE(A) EM LINGUÍSTICA, área de concentração **Linguística e Práticas Sociais**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). Jan Edson Rodrigues Leite, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof(a). Dr(a). Fábio Alexandre Silva Bezerra (PROLING-UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(a)s Professores(as) Doutores(as) Anderson Alves de Souza (Coorientador/PROLING-UFPB), Betânia Passos Medrado (Examinadora/PROLING) e Renata Gonçalves Gomes (Examinadora/UFPB). Dando início aos trabalhos, o(a) senhor(a) Presidente Prof(a). Dr(a). Fábio Alexandre Silva Bezerra convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) Mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, à qual foi atribuído o conceito APROVADA. Proclamados os resultados pelo(a) professor(a) Dr(a). Fábio Alexandre Silva Bezerra, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 24 de julho de 2023.

Observações

A banca examinadora recomenda a publicação do texto, após uma revisão formal atenta, haja vista sua relevância para a atual contemporânea.

Documento assinado digitalmente

 FÁBIO ALEXANDRE SILVA BEZERRA
Data: 24/07/2023 19:33:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

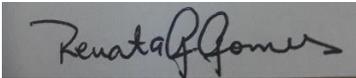
Prof(a). Dr(a). Fábio Alexandre Silva Bezerra
(Presidente da Banca Examinadora)

Documento assinado digitalmente

 BETÂNIA PASSOS MEDRADO
Data: 24/07/2023 17:05:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof(a). Dr(a). Anderson Alves de Souza
(Coorientador)

Prof(a). Dr(a). Betânia Passos Medrado
(Examinadora)


Prof(a). Dr(a). Renata Gonçalves Gomes
(Examinadora)

THAYSE SILVA DA ROCHA DIAS

O CORPO-PALIMPSESTO EM MONSTRANS

Uma análise crítica do discurso multimodal sobre corpos, sexualidades e gêneros a partir dos quadrinhos autobiográficos de Lino Arruda

Dissertação apresentada na etapa de defesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba, como um requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais.
Linha de pesquisa: Linguística Aplicada.
Orientador: Prof. Dr. Fábio Alexandre Silva Bezerra
Coorientador: Prof. Dr. Anderson Alves de Souza

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Alexandre Silva Bezerra
ORIENTADOR – UFPB

Prof. Dr. Anderson Alves de Souza
COORIENTADOR – UFPB

Profa. Dra. Renata Gonçalves Gomes
EXAMINADORA- UFPB

Profa. Dra. Betânia Passos Medrado
EXAMINADORA- UFPB

Profa. Dra. Carla Lynn Reichman
SUPLENTE - UFPB

AGRADECIMENTOS

Nesse corpo, que também é texto, (es)correm signos diversos, escritos de outros, pedaços alheios, rabiscos e traços feitos por pessoas queridas com quem tenho dividido meus passos e que, caminhando ao meu lado, realinham o destino desse meu trânsito compartilhado. Agora, no final dessa reta tracejada, agradeço com o coração transbordante o apoio que tenho recebido em cada detalhe deste percurso.

Acredito que a pesquisa nos ensina muito mais do que os resultados obtidos e creio que a conclusão desse ciclo significa mais do que o título. Talvez não dimensione agora o tamanho de tudo isso, mas por certo consigo sentir na pele o impacto de cada parte desse processo. Que comecem os agradecimentos...

Agradeço a espiritualidade que se faz presente por meio de tantas energias, hoje tenho ciência da força que tive ao caminhar e de como meus passos não andam só! Saravá!

Agradeço ao meu orientador, Fábio Alexandre, hoje já de longa data, por todo e cada ensinamento, pelo cuidado, dedicação, pela paciência e pela confiança no meu trabalho. Hoje, mais do que nunca, estou certa do quanto tenho a aprender com ele, e que venham novos ciclos.

Agradeço a essa banca querida, Renata, sem você na minha trajetória essa pesquisa não existiria, serei sempre e cada vez mais grata pelo nosso encontro nesses caminhos, te admiro muito! Anderson, sua simplicidade e leveza são um afago para mentes cansadas e exaustas nesse processo intenso que é produzir conhecimento acadêmico, obrigada por tudo! Betânia, não há quem passe por você sem te carregar na memória e no afeto, sua vida já atravessou tantas outras e sou muito grata de ter sido uma das pessoas que jamais esquecerá toda a troca e o carinho que brotam de você! Carla, obrigada por fazer parte desse momento, suas palavras sempre me comovem e sua dedicação é um exemplo para todos e todas!

Agradeço também a minha família e amigos, afinal nem só de escritos solitários e noites em claro se faz uma dissertação! Isadora, talvez você seja a única pessoa que sabe narrar cada parte desse meu caminho, com certeza muito melhor do que eu, foi uma honra ter você ao meu lado nesse processo, você foi o eixo de tudo isso, sua inteligência, seu cuidado e seu amor tornaram tudo possível, serás sempre um amor para mim, serei sempre grata e tocada pela sua existência! Elvira, agradeço sua força, sabedoria, seu apoio e sua firmeza serão sempre parte de mim!

Agradeço ao meu irmão Leonardo, você é precioso e terá sempre um lugar guardado ao meu lado, tenho sorte de te ter como família e posso até enxergar o brilho que virá nas nossas vidas! Obrigada pelo apoio nas horas difíceis e pelo cuidado de todo dia. Agradeço ao meu pai

de santo e às minhas irmãs e irmãos, Pai Beto, Perazzo, Leo, Lauren, Ully, Paula, Tayná, Cauê e todos que comemoram comigo cada etapa dessa caminhada, que vibram junto, que desejam comigo, que bebem comigo, que amam comigo, a cada dia sinto que nenhuma vitória é só minha, tudo nosso!

RESUMO

Esta pesquisa de natureza qualitativa analisa a narrativa gráfica *Monstrans: Experimentando Horrormônios* (LINO, 2021), pela ótica da Análise Crítica do Discurso (ACD) (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006), com o objetivo discutir como discursos multimodais sobre corpos, sexualidades e gêneros materializados na obra atuam na manutenção ou contestação de hegemonias relacionadas à construção de identidades. Para tanto, procuramos identificar a frequência dos temas, analisar discursos e relações sociais materializados pelos recursos verbais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e visuais (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) da obra e discutir as implicações das relações interdiscursivas, intertextuais e das práticas sociais nos processos de manutenção, reafirmação e contestação de hegemonias (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006) relacionadas a construções identitárias. A análise dos resultados evidencia a recorrência e naturalização de práticas sociais de violência mantidas por discursos de desumanização e abjetificação (KRISTEVA, 1982) sustentados pela hegemonia e articulados à matriz de opressão (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2016). No corpo da obra percebemos que a produção do corpo abjeto ocorre de fora para dentro por meio de práticas sociais que tanto intermediam a autocompreensão do corpo quanto intervêm na sua forma (Figuras 2, 3, 4, 6 e 7). Todavia, percebemos também que a pulsão e do desejo pode quebrar a repetição de certas práticas enquanto o corpo, em seu caráter múltiplo e palimpséstico, reescreve sentidos por entre suas camadas (Figuras 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14). Portanto, é relevante compreender tanto os processos de abjetificação e desumanização quanto a potencialidade emancipatória do corpo que se reescreve sem perder a multiplicidade de seus sentidos.

Palavras-chave: Monstrans; Sexualidade; Narrativa Gráfica; Estudos Identitários; Transmasculinidades; Lesbianidade

ABSTRACT

This qualitative study analyzes the graphic novel *Monstrans: Experimentando Horrormônios* (LINO, 2021) through Critical Discourse Analysis perspective (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006). The aim is to discuss how multimodal discourses about bodies, sexualities and genders materialized in the graphic novel act on the maintenance or contestation of hegemonies related to identity construction. To this end, we seek to identify the frequency of themes; to analyze discourses and social relations materialized by the verbal (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) and visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) resources of the work; and to discuss the implications of interdiscursive, intertextual relations and social practices in the processes of maintenance, reaffirmation and contestation of hegemonies (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006) related to identity constructions. The analysis of the results shows the recurrence and naturalization of social practices of violence maintained by discourses of dehumanization and abjection (KRISTEVA, 1982) sustained by hegemony and articulated to the matrix of oppression (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2016). We also perceive that the production of the abject body occurs from the outside in through social practices that both mediate the self-understanding of the body and intervene in its form (Figures 2, 3, 4, 6 and 7). However, we also realize that the drive and desire can break the repetition of certain practices while the body, in its multiple and palimpsest character, rewrites senses between its layers (Figures 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14). Therefore, it is relevant to understand both the processes of abjection and dehumanization and the emancipatory potential of the body that rewrites itself without losing the multiplicity of its meanings.

Key words: Palavras Chave: *Monstrans*; Sexuality; Graphic novel; Identity Studies; Transmasculinity; Lesbian;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Corpos fluidos: a conexão corpo-textual	76
Figura 2 - Os corpos do corpo	77
Figura 3 - A gestação do corpo-girino.....	79
Figura 4 - O corpo sob pressão.....	84
Figura 5 - Segunda aparição do corpo-roedor	88
Figura 6 - O corpo interpelado pelo reflexo	90
Figura 7 - O pulo do rato	94
Figura 8 - Você faz com a mão eu desmancho com o pé.....	96
Figura 9 - Do céu ao inverso	97
Figura 10 - Escorrem pelas brechas corpos inteiros	100
Figura 11 - Abjeção: te pego lá fora.....	101
Figura 12 - O rato, o espelho e o desejo	104
Figura 13 - Do meu desejo sei eu	105
Figura 14 - Corpo e desejo no palimpsesto subversivo.....	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Esquema conceitual do corpo-palimpsesto.....	62
Quadro 2 - Análise de Transitividade da Figura 3	80
Quadro 3 - Análise de Transitividade Figura 4	86
Quadro 4 - Análise de Transitividade Figura 5	89
Quadro 5 - Análise de Transitividade Figura 6	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentuais de ocorrência dos termos	69
Gráfico 2 - Percentuais de ocorrência dos termos	70
Gráfico 3 - Mapeamento da distribuição lexical: corpo	72
Gráfico 4 - Mapeamento da distribuição lexical: gênero.....	72
Gráfico 5 - Mapeamento da distribuição lexical: sexualidade.....	73
Gráfico 6 - Tecnologias de produção do corpo (KRISTEVA, 1982; PRECIADO, 2014).....	74

SUMÁRIO

1 CAPA: LINHAS INTRODUTÓRIAS	11
2 ENTRECruzamentos TEÓRICOS: A SEMIÓTICA DO CORPO- PALIMPSESTO	21
2.1 Fios e laços teóricos	21
2.2 LA brasileira: abrindo portas e despedaçando armários	24
2.3 Linhas vivas: o quadro, a sarjeta, a arte e a caneta	30
2.4 Produção de corpos abjetos.....	40
2.5 O corpo-palimpsesto	48
3 (DES)EMBARAÇANDO FIOS METODOLÓGICOS	65
4 QUADRO A QUADRO: A TECITURA VIVA	68
4.1 Mapeando termos: o léxico do corpo.....	68
4.2 Não se nasce abjeto. Torna-se.....	75
4.3 A produção do corpo-monstro	84
4.4 Produzindo corpos abjetos: a hegemonia no espelho	89
4.5 O corpo ainda pulsa: subversão é o movimento do corpo	95
4.6 A brecha do desejo (in)desejável	98
5 CONTRACAPA: LINHAS FINAIS	110
REFERÊNCIAS	118

1 CAPA: LINHAS INTRODUTÓRIAS

Esta pesquisa analisa corpo(s), sexualidade(s), gênero(s)¹, e suas intersecções, a partir dos recursos semióticos e discursivos materializados em *Monstrans: experimentando horrormônios* (2021), do ilustrador e quadrinista transmasculino Lino Arruda. Lino é graduado em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas e Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde desenvolveu sua tese *Monstrans: figurações (in)humanas na autorrepresentação travesti/trans* sudaca* (ARRUDA, 2020), a partir da qual se desdobrou a narrativa gráfica objeto desta pesquisa.

Em seu trabalho, Lino (re)constrói experiências do corpo em trânsito enquanto aborda temas como deficiência, sexualidade e gênero. *Monstrans: experimentando horrormônios* (2021), sua primeira narrativa gráfica, tem sido vista como uma obra impactante construída a partir das suas experiências e da ebulição de questões que brotam a partir do trânsito do corpo no mundo, como deficiência, gênero e sexualidade. Entretanto, seu trabalho no universo dos quadrinhos se inicia com a publicação de *Zines*, dentre os quais destacam-se *Anomalia* (2014), *Novo Corte de Peitos* (2018), *Quimer(d)a* (2015-2018) e *Sapatoons* (2011-2014) (ARRUDA, 2020). Nesses trabalhos, Lino (2021) materializa cruzamentos e intersecções entre marcadores sociais da diferença, como gênero, sexualidade e deficiência enquanto representa um fluir de experiências do corpo no mundo que traz à tona as maneiras pelas quais a hegemonia opera (RESENDE; RAMALHO, 2006).

Na contemporaneidade, as experiências de corpos tanto no espectro das transmasculinidades quanto da deficiência são postas, frequentemente, à margem das produções acadêmicas. No que diz respeito às masculinidades, “o entendimento sobre o tema ainda causa muita confusão às pessoas não transmasculinas”, e explicam que esse espectro “engloba não só homens trans, mas também transmasculines e pessoas não-binárias”(DOMINGUES; RODRIGUES, 2021, p. 50). A deficiência, por sua vez, é frequentemente tratada pelo aparato médico-institucional como uma falha a ser corrigida ou como um desafio a ser superado e cuja natureza é associada ao corpo dos PCDs; todavia, muito se tem discutido sobre o caráter social e interseccional da deficiência (GARLAND-THOMSON, 2005). Compreendemos que a atribuição de sentido aos corpos opera a partir de uma matriz hegemônica e, portanto, a

¹ Utilizamos os parênteses nos termos corpo(s), gênero(s), sexualidade(s) para apontar que lidamos com duas dimensões, uma que diz respeito ao nível conceitual, ou seja, a produção de conhecimento sobre esses temas e a outra para evidenciar a multiplicidade de corporificações, experiências e identidades.

intersecção entre os marcadores evidencia também a relação entre diferentes elementos dessa matriz, a exemplo da relação entre transmasculinidade e deficiência.

De acordo com Moura (2021, p. 93), “a ideia da existência de um transexual masculino ainda não é tão nítida”, de forma que esses corpos transitam com um maior grau de ininteligibilidade do que mulheres travestis e trans. E acrescenta, “o movimento de transhomens e a categoria ‘homem trans’”, no Brasil, enquanto identidade política é recente e remonta ao I Encontro Nacional de Homens Trans (ENAHT), promovido pela IBRAT e ocorrido na USP em fevereiro de 2015”. Todavia, conquistas recentes têm sido alcançadas fruto de uma organização política e da reivindicação de condições visíveis, a exemplo do Parecer Técnico Nº 19/ GEAS/ GGRAS/ DIPRO/ 2019 da Agência Nacional de Saúde (ANS) que incluiu a mastectomia masculinizadora na cobertura dos planos de saúde.

Esses dados evidenciam a necessidade de produzir novas inteligibilidades tanto sobre corpos, experiências e identidades não hegemônicas quanto sobre as maneiras pelas quais a matriz hegemônica desumaniza e abjetifica. Percebemos, nessas experiências corporificadas, a materialização de intersecções distintas entre marcadores sociais da diferença, uma vez que estes se atravessam de forma particular durante o trânsito dos corpos nos espaços sociais.

Aprofundando o conhecimento sobre a complexidade das subjetividades, dos corpos e das vivências sociopolíticas, a Linguística Aplicada Transviada² (BEZERRA, 2023), à qual nos alinhamos, articula perspectivas de estudos interseccionais e descolonias para analisar como opera a tríade opressora, constituída por processos de abjetificação, desumanização fabricada e invisibilização das violências, conforme explica o autor.

proponho uma triangulação de perspectivas ao enfatizar que ao giro descolonial e às questões interseccionais sejam somadas reflexões propostas pelos estudos transviados, constituindo, assim, o que denomino Linguística Aplicada Transviada (BEZERRA, 2023, p. 47)

Há uma profunda relação entre desumanização, abjetificação e a naturalização de opressões, uma vez que esquemas normativos são reafirmados institucionalmente e politicamente como aquilo que é aceitável, normal, natural, humano. Enquanto corpos atuantes na construção de conhecimento, é preciso que “assumamos o compromisso político de revelarmos, por meio de nossas práticas investigativas nos estudos linguísticos aplicados transviados e de novas vivências cotidianas, o funcionamento insidioso dessa tríade opressora”

² O autor explica o uso do termo transviado (BENTO, 2009) como uma tradução cultural para o termo *queer*, assumindo uma postura descolonial para tratar dos posicionamentos que rejeitam a produção de normatividades e lutam por potenciais de ser.

(BEZERRA, 2023, p. 59). Portanto, aprofundar o conhecimento sobre corporeidades não hegemônicas nos permite tanto criar novas inteligibilidades quanto interromper e subverter a repetição de práticas normativas.

A Linguística Aplicada Transviada (BEZERRA, 2023) vai além do diálogo com os estudos *queer*, uma vez que se constitui a partir de uma imbricada articulação entre estudos linguísticos, descolonialidade, transdisciplinaridade e estudos transviados articulados à interseccionalidade. Portanto, nos colocamos como parte desse fluxo transviado de conhecimento ao buscar criar novas inteligibilidades sobre corpos não normativos enquanto investigamos os processos, métodos e meios por meio dos quais a matriz de dominação se sustenta, alcançando, assim, o cerne da questão, conforme aponta Bezerra (2023, p. 55) ao tratar das discussões transviadas.

Para implodir esses sistemas de opressão, por sua vez, é preciso que analisemos atentamente as metalizações de suas práticas, buscando, entre outros aspectos, desestruturar os discursos que sustentam a manutenção e repetição de violências. Por exemplo, em 2019, o G1³ publicou a seguinte notícia, “Garota é espancada em SP por ser lésbica: 'Vai apanhar igual menino’”, acrescentando que “Criminosos colocaram a vítima dentro de um carro e a agrediram com socos e chutes. Em seguida, ela foi deixada em uma travessa no bairro Sítio do Campo, em Praia Grande”.

Em 2020, outra notícia, também publicada no G1⁴, diz o seguinte: “Mulher agredida com garrafada na cabeça em bar do DF foi vítima de homofobia: 'Quer ser homem? Vai apanhar igual homem’”. E continua: “Rebecka Esteves estava com namorada no momento do crime, na madrugada desta terça-feira (2), e foi agredida por dupla em mesa próxima. Outros três homens aproveitaram situação para roubar celular dela.”

Pesquisando intertextos a partir dessa oração, vem à tona a profundidade da naturalização de violências baseadas e justificadas pela hegemonia em função da homofobia. Se nos dois casos acima, a sexualidade, no sentido de se identificar ou ser identificada como lésbica, é utilizada como razão para apanhar igual homem, nas notícias a seguir, percebemos outras relações entre gênero e sexualidade materializadas no corpo.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2019/08/01/garota-e-espancada-em-sp-por-ser-lesbica-vai-apanhar-igual-menino.ghtml>

⁴ <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/08/03/mulher-agredida-com-garrafada-na-cabeca-em-bar-do-df-foi-vitima-de-homofobia-quer-ser-homem-vai-apanhar-igual-homem.ghtml>

Em 2014, o portal O Globo⁵, publicou a seguinte notícia: Jovem gay de 19 anos diz ter sido espancado por três homens: ‘Vai apanhar como mulher’”. E continua, “Gabe, que é um rapaz magro, de traços delicados e usa os cabelos compridos, foi agredido a 300 metros de sua casa por três homens que repetiam: “Você quer ser mulher? Então agora vai apanhar como mulher”, segundo reportagem do site iG.”.

Se nas primeiras notícias, a pessoa mobiliza linguisticamente o gênero masculino, para apanhar igual homem, como a razão que justificaria a prática de violência e ódio, atentando contra a vida das vítimas, na última notícia, é com o termo mulher que se pretende justificar a agressão. Portanto, há dois discursos que podemos destacar, nos primeiros casos o de que homem tem que apanhar para ser homem, evidenciando a relação entre a violência e a visão hegemônica de masculinidade. Já no segundo está implícito que os homens podem bater nas mulheres, naturalizando ódio, feminicídio, homofobia e materializando práticas criminosas. Todavia, em ambos os casos, o gênero é mobilizado para justificar práticas de violência que tem o ódio como centro, práticas essas que são recorrentes contra corpos e identidades socialmente abjetificados. Portanto, não se trata apenas da análise de uma oração ou de uso de recursos linguísticos, mas de quebrar a repetição de práticas e discursos de ódio que desencadeiam violência e morte, conforme sinalizamos nos objetivos específicos.

Ocorre, a mobilização dessa tríade opressora (BEZERRA, 2023, p. 59) para atribuir uma ideia de normalidade a esses processos, justificando práticas de violência, abuso e assédio com base em uma falta normalidade que se vale tanto de processos de desumanização e abjetificação quanto da invisibilização de corpos, subjetividades e experiências não normativas. Portanto, é necessário rever a tradição de estudo e produção de conhecimento, historicamente centrada na experiência de corpos ditos normais para, assim, quebrar processos de naturalização de uma visão generalista e estática das identidades, frequentemente reduzidas ao modelo hegemônico (BENTO, 2015 p. 82 apud DOMINGUES; RODRIGUEZ, 2021, p. 101).

No tocante as masculinidades, percebemos um reforço a visão uno e essencialista do que é ser homem, uma vez que “a masculinidade só se faz dominante, no âmbito da masculinidade hegemônica, da ‘virilidade’ dos homens cis [heterossexuais], brancos, e de classe média (HALBERSTAM, 2008, p. 24 apud DOMINGUES; RODRIGUEZ, 2021, p. 101). Portanto, criar novas inteligibilidades é essencial para desestabilizar as visões uno e essencialistas sobre corpos e identidades.

⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/jovem-gay-de-19-anos-diz-ter-sido-espancado-por-tres-homens-vai-apanhar-como-mulher-14057233>

Nesse sentido, as narrativas gráficas brasileiras propiciam análises especialmente instigantes de temas sociopolíticos nesse movimento de “criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (MOITA LOPES, 2009, p. 21), tão cara à LA brasileira contemporânea, conforme discutimos mais profundamente no capítulo teórico. Assim, ao longo desta pesquisa, compreendemos as narrativas gráficas como um evento discursivo (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006), sinalizando a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), a partir da qual estruturamos o modelo de análise da obra. Nessa perspectiva, o texto é constituído de forma multidimensional e permeado por inter-relações discursivas e práticas sociais que se (re)constituem em um *continuum*, portanto mobilizamos também o Sistema de Transitividade da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) para aprofundar nossa análise das relações entre textos e práticas sociais em interface com a Gramática do Design Visual (doravante GDV) (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), extrapolada da LSF.

Essas narrativas têm sido cada vez mais pesquisadas no Brasil em áreas como História, Tradução, Linguística, Literatura, Sociologia e Filosofia (GOMES, 2020), a partir de diferentes abordagens com base nos campos da Sociologia e da História, por exemplo. Essas abordagens tornaram possível “alcançar diferentes paradigmas de análise que possibilitam a inserção do universo proveniente das histórias em quadrinhos em meio aos estudos e discussões presentes no campo da historiografia” (SILVA; JUNIOR, 2017, p. 56).

No contexto estadunidense, há periódicos e revistas voltadas exclusivamente às narrativas gráficas; não à toa, os *comic studies* vêm se consolidando como uma área em ascensão, caracterizada por sua transdisciplinaridade (GOMES, 2020). Hatfield (2010) afirma que o crescente número de estudos, revistas e livros voltados aos quadrinhos têm consolidado os *comics studies*, moldando um futuro promissor para a área. Portanto, esse campo de estudos não possui um *status* disciplinar delimitado, mas se caracteriza pelo caráter multidisciplinar que evidencia a insuficiência dos limites disciplinares (HATFIELD, 2010).

No contexto brasileiro, pesquisas contemporâneas têm investigado narrativas gráficas pela ótica da ACD (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006). Por exemplo, a análise crítica do discurso em *comic books* com base no modelo tridimensional (SILVA; ACIOLI, 2020); a análise crítica do gênero discursivo de quadrinhos da revista Zé Carioca (DANTAS; CARVALHO, 2020); e a discussão de quadrinhos como documento histórico de grande valor cultural e pedagógico na interface entre Ciência e Educação (SOUZA FILHO, 2016).

Já Predebon (2015) mobiliza a multimodalidade e o conceito de gênero discursivo para discutir o uso de quadrinhos no contexto pedagógico, evidenciando seu potencial nas práticas de letramento crítico, enquanto Coimbra e Beraldi (2017), abordam multiletramentos e quadrinhos a partir da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), em interface com conceitos da ACD (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006), para construir uma sequência didática voltada à disciplina de filosofia. E Roeder (2017), por sua vez, analisa a experiência estético-discursiva das reportagens em quadrinhos publicadas pela revista Fórum no ano de 2012 a partir da análise do discurso.

Na área da História, Souza Filho e Vieira Ouriques (2017, p. 5) discutem as origens históricas dos quadrinhos no ocidente, sugerindo que *comic books* de super heróis “encaixam na definição de Fairclough (1995) para Mídia em massa, pois mediam a relação entre a esfera pública e o domínio privado”.

Dalla Vecchia e Mastella (2017), por sua vez, abordam multimodalidade e discurso ao investigar o tema da igualdade social na revista X-Men utilizando a Gramática do Design Visual (doravante GDV) de Kress e van Leeuwen (2006). Já Castro (2021) disserta sobre multimodalidade e quadrinhos a partir da análise da HQ Vidas Secas, discutindo padrões de realizações de sentidos internacionais nesse gênero textual com base na GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Por fim, na área de tradução, Calderon Bastidas e Córdova Duclós (2019) discutem a tradução para o espanhol de Persépolis, de Marjane Satrapi (2000), analisando relações verbo-visuais, marcas de oralidade, onomatopéias, jogos de palavras, aspectos histórico-culturais e linguísticos.

Nessa ótica, a pesquisa sobre quadrinhos na América Latina, apesar de ser visto como “uma vertente incipiente”, anuncia um futuro bastante promissor, sobretudo por “possibilitar uma leitura própria sobre a América Latina” (GOMES, 2020, p. 193). Todavia, referências aos teóricos do Sul Global ainda são escassas nas pesquisas sobre narrativas gráficas, deixando de fora autores como o brasileiro Álvaro de Moya (1993)⁶, os argentinos Oscar Masotta e Oscar Steinberg, e o trabalho de David William Foster, um marco dos estudos latino-americanos sobre humor gráfico, bem como *Las historietas en Chile 1962–1982: Industria, ideología y prácticas sociales* (As histórias no Chile 1962-1982: Indústria, ideologias e práticas sociais), de Rojas Flores e a obra *Comics & Memory in Latin America* (Quadrinhos & Memória na América Latina) (CARRASCO; DRINOT; SCORER, 2017) (GOMES, 2020).

⁶ Autor da obra “História da História em Quadrinhos” (1993);

discursivas que podem contestar a hegemonia ao quebrar a linha da repetição violências, exclusões e opressões a medida em que busca criar novas inteligibilidade sobre corpos e identidades não hegemônicas (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006).

O Brasil é o lócus onde se materializam práticas de feminicídio, transfobia, racismo, capacitismo, exclusão social e inúmeras ramificações de violências e crueldades praticadas à serviço da manutenção da dominação de certos grupos sociais que exercem seu poder por meio da monstrificação, desumanização e abjetificação de corpos não normativos, conforme evidenciado pelos dados do ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais).

Em 2020, ano em que todos os corpos estão em isolamento, em quarentena em decorrência da Pandemia da COVID-19, é o ano em que as mortes de pessoas trans no Brasil aumentaram consideravelmente em relação ao ano de 2019, em que foram registradas 124 mortes. Até o dia 20 de novembro, 155 pessoas trans morreram em 2020 (ANTRA, 2020). O Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo, conforme o último relatório da ONG Transgender Europe (TGEU, 2020) (DOMINGUES; RODRIGUES, 2021, p. 56)

Nesse sentido, compreendemos que esses dados estão intertextualmente e interdiscursivamente (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006) relacionados a obra de Lino (ARRUDA, 2021), uma vez que a narrativa gráfica aponta diferentes dimensões dos corpos e dos seus trânsitos no mundo social. Assim, conforme explica Dalmaso (2018, p. 18), é relevante investigar “como tecnologias de autorrepresentação funcionam na construção de categorias tais como (I)dentidade, (A)utoridade e (V)erdade”.

Além disso, a relação entre *Monstrans: experimentando horromônios* (ARRUDA, 2021) e os temas de investigação desta pesquisa também se dá em diversos âmbitos. Quanto a forma de mobilizar a linguagem, destacamos a indisciplinaridade dos quadrinhos (HATFIELD, 2010), dos corpos em trânsito (GOMES; LION, 2020) e da própria LA (MOITA LOPES, 2006), de forma que essa escrita multimodal de si abre portas para investigações em diversos campos de estudos, como a semiótica, os estudos do discurso, estudos identitários e demais áreas voltadas práticas sociais voltadas aos fenômenos sociais, às linguagens e às corporeidades. Há, ainda, a necessidade de evidenciar narrativas gráficas brasileiras e na academia e no cenário nacional, sobretudo frente às assimetrias de poder do mercado editorial intrinsecamente ligadas à colonialidade (MIGNOLO, 2017). Dessa forma, investigar essa obra impulsiona um mergulho descolonial, uma vez que a práxis acadêmica se permite imergir nas fendas coloniais para construir novas inteligibilidades que podem quebrar pilares hegemônicos, visto que o exercício

da dominação também se inscreve intersubjetivamente nas camadas do nosso tecido e na nossa compreensão do mundo e do outro.

No que diz respeito às questões identitárias, percebe-se, na obra *Monstrans: experimentando horromônios* (ARRUDA, 2021), a materialização de complexidade dos corpos e vivências, uma vez que evidencia a intersecção entre marcadores sociais da diferença, como gênero, sexualidade e deficiência, enquanto reconstrói experiências corporificadas. Dessa forma, esta pesquisa traz linhas frescas para os estudos semióticos, os *comics studies*, os estudos discursivos, as críticas feministas, os estudos transviados e outras perspectivas teóricas que analisam corpo(s), identidade(s), gênero(s) e sexualidade(s).

Quanto à estrutura, este texto está dividido da seguinte forma: o próximo Capítulo, **Entrecruzamentos teóricos: a semiótica do corpo-palimpsesto**, se inicia com a contextualização das narrativas gráficas, seguindo para uma breve discussão sobre a LA contemporânea, relacionando o estado da arte da área e o objeto da pesquisa para, em seguida, apresentar os principais referenciais teóricos mobilizados nas análises. No capítulo posterior, **(Des)embaraçando fios metodológicos**, explicitamos a natureza da pesquisa, descrevendo procedimentos analíticos e metodológicos envolvidos na escolha da obra e na delimitação do recorte de análise. Já no Capítulo **Quadro a Quadro: a tecitura viva**, mergulhamos na análise do recorte da obra, discutindo a produção do corpo-monstro por meio da abjetificação, bem como os movimentos de subversão que partem dos corpos. Por fim, no último Capítulo, **Contracapa: linhas finais**, retomamos elementos centrais na medida em que trazemos as considerações finais da pesquisa.

2 ENTRECruzamentos TEÓRICOS: A SEMIÓTICA DO CORPO-PALIMPSESTO

Este Capítulo está dividido em cinco subseções, na primeira, **Fios e laços teóricos**, apresentamos as principais teorias mobilizadas para dar corpo a análise, a saber: ACD (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006), LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e GDV (KRESS; LEEUWEN, 2006), apontando seus conceitos principais. Na segunda seção, **LA brasileira: abrindo portas e despedaçando armários**, discutimos brevemente o estado da arte da LA e sua relação com o objeto de pesquisa. Na terceira seção, **Linhas vivas: o quadro, a sarjeta, a arte e a caneta**, traçamos algumas considerações sobre as narrativas gráficas, contextualizando aspectos históricos relevantes do contexto ocidental, sobretudo do Norte Global, particularmente EUA, e o Sul Global, sobretudo o Brasil. Na seção seguinte, **Produção de corpos abjetos**, discutimos a produção de corpos abjetos, evidenciando a ótica teórica por meio da qual analisamos as práticas hegemônicas. Por fim, na quinta e última seção, **O corpo-palimpsesto**, abordamos e discutimos sobre o palimpsesto e sua associação aos corpos, uma vez que este é central para a análise do *corpus* e permeia os temas de pesquisa.

2.1 Fios e laços teóricos

Nesta seção, discutimos perspectivas teóricas mobilizadas para analisar e interpretar recursos semióticos materializados no evento discursivo, a fim de discutir os temas centrais a partir da experiência do corpo a partir de referenciais teóricos que se entrecruzam em dois eixos, o eixo teórico-metodológico e o eixo crítico-transdisciplinar. Todavia, ressaltamos que tanto a Semiótica (KRESS; LEEUWEN, 2006; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014;) quanto a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006), as quais integram o eixo teórico-metodológico, são também teorias críticas que se debruçam sobre questões da linguagem, discurso e sociedade. Já no tocante a ACD, esse viés crítico é ligado ao caráter emancipatório de sua constituição, que fundamenta a análise de relações de poder e assimetrias sociodiscursivas que se materializam no tecido social, de forma que é necessário “movimentar-se entre o linguístico e o social” (RESENDE; RAMALHO, 2004, p. 185).

Nesse sentido, para analisar o discurso multimodal em *Monstrans: experimentando horrormônios* (ARRUDA, 2021), utilizamos como recorte teórico o modelo tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006). Esse modelo

de análise percebe e investiga eventos discursivos em três dimensões que se entrecruzam, a saber: texto, práticas discursivas e práticas sociais. Apesar de dividir o evento em níveis de análise, separando metodologicamente discurso e prática social, compreende-se a intrínseca relação entre essas dimensões, uma vez que o discurso é constitutivo, ou seja, é também uma prática (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006). Compreendemos, ainda, que esse modelo de análise pode contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre as relações entre discursos e textos, sobretudo nas categorias de análise intertextualidade e interdiscursividade. Enquanto a intertextualidade aponta para intertextos materializados em outros eventos discursivos, a interdiscursividade faz de discursos que constituem e perpassam textos diversos. Portanto, a investigação do evento discursivo ocorre a partir da articulação dos três níveis de análise, mobilizando e articulando os referenciais teóricos.

No nível do texto (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006), analisamos o uso de recursos semióticos, utilizando o Sistema de Transitividade da LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) para analisar os recursos linguísticos e a GDV (KRESS, LEEUWEN, 2006) para as imagens.

A LSF é dividida em três metafunções: a ideacional, a interacional e a composicional. Dentre elas, debruçamo-nos apenas na metafunção ideacional, utilizando o Sistema de Transitividade para analisar os recursos mobilizados para representar as experiências, percebendo quem realiza que tipo de ação ou atividade, com quem e em que circunstâncias. Portanto, evidenciam-se as maneiras pelas quais os sujeitos-falantes representam, constroem e modificam as realidades, visto que são analisados diferentes tipos de processos mobilizados para representar “quem faz o quê com quem e em que circunstâncias” (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2014, p. 169).

Esse Sistema de Transitividade, por sua vez, está dividido em seis tipos de processos: processos materiais, processos mentais, processos relacionais, processos comportamentais, processos existenciais e processos verbais, os quais, por meio da linguagem, representam, constroem e/ou modificam as realidades de sujeitos-falantes.

Os processos materiais evidenciam ações ou acontecimentos, como na oração *Ninguém me encontrou* (ARRUDA, 2021, p. 37), na qual *ninguém* é o ator, *encontrar* é um processo material, e *me* é a meta, podendo haver outros participantes, como recipiente, cliente e iniciador, além da circunstância de lugar. Os processos mentais se referem a atividades cognitivas materializa linguisticamente por verbos como perceber, pensar, desejar e amar, como na oração *Meu Pai lembra do carro* (ARRUDA, 2021, p. 17), na qual *Meu Pai* é experienciador, *lembra*

problematizadas de (I)dentidade, (H)istória, (A)utoridade e (V)eracidade, categorias frequentemente associadas ao fazer autobiográfico” (DALMASO, 2018, p. 19). Portanto, a análise proposta nesta pesquisa não se limita à descrição do nível texto, mas caminha na (re)narração de experiências sociais e discursivas materializadas no corpo-texto.

A visão crítico discursiva dessa “escrita de si” implica que o texto multimodal (re)cria ininterruptamente narrativas autobiográficas da experiência corporificada e impermanente de corpos abjetos (KRISTEVA, 1982). Portanto, a tensão entre permanência e transformação não é antagônica-opositiva, mas tem força dinâmico-criativa, de forma que propicia novos desdobramentos e usos dos modos de linguagem, tal qual o atrito que impele o movimento.

No fluxo dessas considerações, investigamos o evento discursivo *Monstrans: experimentando horromônios* (ARRUDA, 2021) a partir do problema central: Como discursos multimodais sobre corpo(s), sexualidade(s) e gênero(s) materializados na obra atuam na manutenção ou contestação de hegemonias relacionadas à construção de identidades?

Essa questão central, por sua vez, se desdobra nas seguintes perguntas específicas: a) Como os temas corpo(s), sexualidade(s) e gênero(s) aparecem na obra?; b) Quais discursos e relações sociais são materializados no relato multimodal das experiências do autor por meio de recursos verbais e visuais?; c) Quais são as implicações de relações interdiscursivas, intertextuais e práticas sociais materializadas na obra nos processos de manutenção, reafirmação e contestação de hegemonias relacionadas a construções identitárias?

A partir desses questionamentos definimos como objetivo principal desta pesquisa investigar como discursos multimodais sobre corpo(s), sexualidade(s) e gênero(s) materializados na obra atuam na manutenção ou contestação de hegemonias relacionadas à construção de identidades. Para alcançá-lo, delimitamos os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar a frequência dos temas na obra a partir das ocorrências diretas e indiretas a corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s);
2. Analisar discursos e relações sociais materializados no relato multimodal das experiências do autor por meio de recursos verbais e visuais.
3. Discutir as implicações das relações interdiscursivas, intertextuais e das práticas sociais, materializadas na obra, nos processos de manutenção, reafirmação e contestação de hegemonias relacionadas a construções identitárias.

No que diz respeito à justificativa, a relevância deste trabalho é transpassada pelo caráter constitutivo da pesquisa e do texto acadêmico, compreendidos como práticas sociais e

Essas pesquisas supracitadas evidenciam a relevância histórica das narrativas gráficas a “legitimidade para abordar, de maneira original, questões de ordem política e social como desigualdades, autoritarismos e a difícil construção democrática após anos de ditaduras” (GOMES, 2020, p. 195). Entretanto, enquanto objeto de pesquisas acadêmicas, “os quadrinhos foram ignorados quase que em sua totalidade nos estudos acadêmicos”⁷ (CELOTTI 2014 apud CALDERÓN BASTIDAS; CÓRDOVA DUCLÓS, 2019, p. 10).

Estudos voltados aos quadrinhos têm se intensificado para englobar um leque de publicações como *comic books*, tirinhas, web tirinhas, *graphic novels*, *graphic memoirs*, charges, cartoons, zines, e assim por diante. Porém, ainda assim, “esses estudos, em princípio, não forma uma área acadêmica específica, estando dentro de áreas mais gerais como linguísticas, tradução literária”⁸ (CALDERÓN BASTIDAS; CÓRDOVA DUCLÓS, 2020, p. 11).

Ademais, enquanto marco nos estudos sobre narrativas gráficas encontra-se referência ao trabalho de Jakobson (1960) sobre a relação entre quadrinhos e tradução a partir do estudo de *Ilíada* e *Odisséia*, no qual o autor defende o uso da linguagem dos quadrinhos ao concluir que “pode-se manter sua trama, mesmo quando se converte o formato dos quadrinhos”⁹ (JAKOBSON, 1960, p. 350 apud CALDERÓN BASTIDAS; CÓRDOVA DUCLÓS, 2020, p. 11). Portanto, na subseção que se segue, resgatamos aspectos relativos ao contexto de surgimento das narrativas gráficas, discutindo a indefinição marcada tanto na terminologia quanto na classificação e conceitualização dessas obras.

Nessa ótica, a dimensão representativa da linguagem não é intrinsecamente ligada a algo real que é revelado no texto, sendo a linguagem, como fenômeno penetrável e impermanente, também partícipe na constituição de práticas discursivas e sociais (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006). Há, portanto, uma tensão entre definição/identidade e impermanência/transformação que acompanha o corpo, e que também atravessa os quadrinhos, uma vez que sua linguagem é percebida “como uma ‘arte de tensões’, que se opõem e se justapõem continuamente (HATFIELD, 2005, p. 32 apud DALMASO, 2018, p. 18). As tensões evocadas em quadrinhos do Eu autobiográfico evidenciam nuances, complexidades de sujeitos, sobretudo, se lidos a partir de uma ideia de verdade, uma vez que essas particularidades do gênero evidenciam “as dissonâncias presentes nas noções não

⁷ No original: “*los cómics fueron ignorados casi en su totalidad en los estudios académicos*”.

⁸ No original: “*estos estudios, en un principio, no formaban parte de una rama académica en específico tal, sino dentro de estudios más generales, como la lingüística, la traducción literaria*”

⁹ No original: “*pueden mantener su trama aún cuando se las convierte a formato de cómics*”

é o processo mental e carro é o fenômeno. Os processos relacionais materializam relações atributivas, identificativas ou possessivas entre entidades participantes, como na oração *Eu sou uma lésbica* (ARRUDA, 2021, p. 48), na qual *Eu* é o participante identificado pelo processo relacional de identificação *sou*, relacionado ao identificador *lésbica*. Os processos comportamentais indicam atividades físicas ou fisiológicas, como na oração *para ele conseguir escutar* (ARRUDA, 2021, p. 70), na qual *ele* é o comportante. Similarmente, nos processos existenciais há o participante existente e o processo existencial, como na oração *Existem várias tecnologias de extermínio* (ARRUDA, 2021, p. 7). Por fim, os processos verbais são ações do dizer materializadas em verbos como relatar, proferir e falar, como na oração *Nós vamos chamar ele de Ricardão* (ARRUDA, 2021, p. 28), na qual *Nós* é dizente, *chamar* é processo verbal chamar, *ele* é recipiente e *Ricardão* é verbiage.

Extrapolando o modo verbal, a GDV (KRESS, LEEUWEN, 2006) analisa imagens, sistematizando regularidades de sentido que se interconectam sem que haja uma subordinação entre elas ou em relação ao texto verbal. Kress e Leeuwen (2006) destacam um amplo leque de aplicações da GDV, incluindo pinturas, *layout* de revistas, quadrinhos, diagramas científicos e assim por diante. A GDV, também se subdivide em três metafunções, a representacional (narrativa e conceitual), interacional e composicional, dentro as quais transitamos ao longo das análises.

A metafunção representacional investiga significados narrativos e conceituais com o foco para a presença de vetores indicadores de ação, participantes e circunstâncias. Na narrativa há o processo acional transacional no qual há a presença de pelo menos dois participantes e do vetor indicativo de ação e não-transacional, quando há apenas o participante e o vetor; e o processo reacional (transacional ou não-transacional) quando o vetor se refere a linha do olhar do participante representado na imagem, podendo haver fenômeno explícito ou não.

A metafunção interacional lida com aspectos interacionais da relação entre a imagem e os participantes interativos, ou seja, leitores(as), analisando o tipo de interação a partir das dimensões: contato, distância social, atitude e poder. A dimensão contato diz respeito à relação visual estabelecida entre participantes representados e interativos, se há contato visual é classificado como demanda e se não há como oferta. A distância social indica o nível de proximidade entre participantes graduando da proximidade máxima, com o plano fechado, até o nível impessoal, plano aberto. A atitude, por sua vez, é realizada pelo ângulo horizontal, sendo frontal, para o envolvimento e oblíquo para o distanciamento, enquanto a dimensão do poder se realiza no ângulo vertical, que confere poder aos leitores pela realização do ângulo alto,

estabelece uma relação de igualdade se está nível do olhar e atribui poder ao ponto de vista dos participantes representados por meio do ângulo baixo.

Já a metafunção composicional investiga a relação entre os sistemas que organizam e distribuem elementos que compõem o texto visual, a saber: valores da informação, enquadramento e saliência. O sistema de valor da informação trata como a disposição dos elementos na imagem, esquerda-direita, topo-base, centro-margem atribuem aos elementos valores, respectivamente, de dado-novo, ideal-real, principal-secundários. O sistema de enquadramento estabelece relações de conexão e/ou desconexão entre os elementos se estes estão interligados ou separados por linhas divisórias. Por fim, a saliência é um sistema utilizado para modular o grau de atenção conferida aos elementos da imagem por meio de recursos como cores, tamanho e foco.

As análises semióticas que integram a investigação do evento discursivo, articuladas às perspectivas críticas transdisciplinares sobre o corpo(s), sexualidades, gêneros e suas intersecções, contribuem para a produção de conhecimento sobre as questões relativas aos usos da linguagem, aspecto que tem se consolidado na práxis científica da LA contemporânea em sua faceta transdisciplinar e crítica, conforme discutimos na seção que se segue.

2.2 LA brasileira: abrindo portas e despedaçando armários

Nesta seção, discutimos o estado da arte da LA para retomar aspectos sócio-históricos relacionados às transformações da área, sobretudo no século XXI, visto que essa trajetória está fortemente relacionada às aberturas que hoje permitem a concretização desta pesquisa. Portanto, não seria possível desenvolver esta pesquisa sem as ações crítico-reflexivas e socialmente responsivas desse corpo (indisciplinar) de pessoas que se dedicam a derrubar barreiras de contenção da *práxis* acadêmica, criando brechas epistemológicas na tradição da produção de conhecimento científico e contribuindo com a construção de novas inteligibilidades.

A LA brasileira contemporânea figura como uma área múltipla, indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), transgressiva (PENNYCOOK, 2006) e crítica (RAJAGOPALAN, 2003; 2006). É justamente essa inter/trans/indisciplinaridade (MOITA LOPES, 1998; CELANI; 1998; MOITA LOPES, 2006) que alavanca as transformações, sobretudo se pensarmos no contexto estadunidense de surgimento da área, no alvor da II Guerra Mundial. Portanto, os contornos atuais da LA se desenham em razão da interpenetrabilidade da área, especialmente nos influxos das Ciências Sociais, da crítica feminista e dos estudos *queer*, conforme evidenciado por

Pennycook (2006, p. 77) ao discutir as “viradas linguística, somática e performática”. Já Moita Lopes (2009, p. 18) se refere a essas mudanças como “um processo de ebulição nas Ciências Humanas e Sociais”, localizando-a entre o final do século XX e o início do século XXI.

Notadamente, o fulgor de novas potencialidades traz deslocamentos e, com isso, desafios particulares frente às concepções de sujeito, realidade, verdade e ciência, especialmente se pensadas a partir dos critérios positivistas solidificados no *modus operandi* da produção de conhecimento científico do século XIX.

Refutando o discurso da neutralidade, a LA brasileira contemporânea percebe a construção de conhecimento como um processo aberto, político, não autônomo e sócio-historicamente situado, portanto, trazer o estado da arte da LA implica refletir tanto sobre sua constituição quanto sobre sua trajetória (TILIO, 2020; MOITA LOPES, 2009).

Localizar a LA brasileira no espaço-tempo sócio-histórico traz à tona a edificação de fronteiras entre os campos do conhecimento por meio de limites disciplinares pretendidos intransponíveis.

Rajagopalan (2003) discute a relação entre a LA e a Linguística Teórica usando o termo torre de marfim para se referir a essas barreiras e limites entre as disciplinas. Segundo ele, “qualquer disciplina que se dá ao luxo de permanecer restrita a uma torre de marfim corre o perigo de perder todo vínculo com os anseios da sociedade” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 42). Tanto a disciplinarização do conhecimento quanto a crença na produção científica neutra remontam raízes do pensamento hegemônico ocidental (ROBINS, 1983), formalizadas no positivismo filosófico (FABRÍCIO, 2006), e que perduram nos dias atuais como parte da lógica colonial (LUGONES, 2014).

Nesta pesquisa, portanto, compreende-se a produção de conhecimento como prática social e, por esta razão, capaz de abrir portas conceituais, despedaçar armários epistemológicos, criar caminhos teóricos e construir possibilidades práticas para a sociedade. Todavia, sabe-se que as lentes através das quais as realidades são construídas, e significadas, frequentemente, têm como foco a manutenção da hegemonia (RESENDE, RAMALHO, 2006).

Em busca de romper com as barreiras, inclusive das dicotômicas, Moita Lopes (2006, p. 14) ecoa o espírito de transformação da área ao formalizar que o objetivo da LA é “criar inteligibilidades sobre problemas sociais que a linguagem tem papel central”. Essa redefinição foi fundamental para os contornos atuais, visto que ações foram construídas no sentido de ampliar o alcance das raízes teórico-epistemológicas da LA, sobretudo no âmbito da Linguística Aplicada Transviada (BEZERRA, 2023), pela sua indisciplinaridade ao articular perspectivas transviadas, interseccionais e descoloniais, por meio da conexão com outras áreas do

conhecimento que se relacionam com fenômenos linguísticos-sociais. Nesse processo, a homogeneidade do sujeito é questionada, enquanto as assimetrias de poder são investigadas para a construção de novas perspectivas sobre os estudos linguísticos, sociais e identitários.

A multimodalidade (KRESS; LEEUWEN, 2006), uma das perspectivas que orienta esta pesquisa, também tem relação com as mudanças históricas e tecnopolíticas (BRUNO *et al.*, 2018) iniciadas no norte do mundo no século XX; e que se expandem pelo Brasil, acompanhando a disseminação da *internet* no século XXI, cuja constituição evidencia fortes assimetrias de poder para a construção e manutenção da hegemonia (RESENDE; RAMALHO, 2006; BENJAMIN, 2019; CASTELLS, 2001; MARTEL, 2012).

O percurso histórico da LA brasileira é marcado pela postura reflexiva que prioriza processos de redefinição da identidade da área em detrimento a edificação de sua dependente autonomia. Ainda no século XX, cria-se a necessidade de redefinir epistemologias, romper com a dependência da disciplina-mãe e, conseqüentemente, com o rótulo aplicacionista (MOITA LOPES, 2009). Na última década do século XX havia, ainda, a busca pela “solução de problemas relacionadas à linguagem (CELANI, 1992 apud TÍLIO, 2020); ou, como entendia Moita Lopes (1996, p. 22-23 apud TÍLIO, 2020, p. 30), a atuação da LA brasileira como área “mediadora, interdisciplinar, centrada na resolução de problemas de uso da linguagem”. Portanto, a LA chega ao Brasil como mediadora e ainda fortemente ligada ao seu contexto de surgimento.

A fundação da ALAB (Associação de Linguística Aplicada do Brasil), em 27 de junho de 1990, fruto da dedicação e das contribuições da Profa. Maria Antonieta Alba Celani e do Prof. Francisco Gomes de Mattos foi um dos marcos na trajetória da LA brasileiras, refletindo em uma série de artigos sobre a identidade da área, publicados na década de 80 e 90 (CAVALCANTI, 1986; KLEIMAN, 1990; CELANI, 1990; MOITA LOPES, 1990). Portanto, o início da década de 90 marcava um momento de crise de identidade, trazendo questionamentos sobre o viés aplicacionista da área e evidenciando a necessidade de repensar as questões da linguagem de forma situada. Após os anos 2000 construiu-se uma postura em investigações sobre “usos situados da linguagem” que abarcam “diversas esferas do meio social, caracterizando-se como um campo de investigação, transdisciplinar, transgressivo, híbrido e indisciplinar” (TÍLIO, 2020, p. 29).

A ampliação da LA no Brasil para além da sala de aula abriu espaço para o estudo de novas práticas da linguagem, estreitando relações entre a LA e outras áreas do conhecimento. Notadamente, há influência dos estudos pós-estruturalistas, uma vez que se modificam concepções positivistas sobre sujeitos, ensino-aprendizagem, língua e identidade, entre outras

(MOITA LOPES, 2006; KLEIMAN, 2013). Essas concepções, por sua vez, são fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa no âmbito da LA, uma vez que colocam em evidência as maneiras pelas quais as dimensões histórica, social e discursiva se interpenetram e se materializam nos usos da linguagem, inclusive aqueles relacionados à construção de identidades sociais e de inteligibilidades sobre os corpos.

Na articulação entre a área e a obra de Lino (ARRUDA, 2021), ressalta-se o esforço da LA em reconhecer “limites de seu saber/conhecer” (SPIVAK, 1993, p. 5 apud TÍLIO, 2020, p. 30) e em romper com posturas positivistas e prescritivas. Fruto desse esforço, animamos uma LA brasileira aberta, pulsante, reflexiva, plural, ética, dinâmica, transdisciplinar e transviada (BEZERRA, 2023). Portanto, a LA brasileira tem se mostrado um campo fértil, aberto às pesquisas que se alinha a produção de conhecimento socialmente responsivo (CELANI, 2005; PAIVA, 2005), compreendendo que construir novas inteligibilidades, sobretudo no que diz respeito aos corpos abjetos (KRISTEVA, 1982), potencializa a vida de corpos ditos invivíveis (BUTLER, 2015). Portanto, esta pesquisa propõe-se a tratar dos temas centrais – corpo, sexualidade e gênero – enquanto interroga-se: como investigar um *continuum* de impermanências que não se esgota na semelhança e não se estanca na diferença?

Neste século, influxos de pesquisas acadêmicas rediscutem noções cristalizadas compreendendo a multiplicidade e a impermanência dos corpos, experiências e identidades, sobretudo, em face do entrecruzamento de marcadores sociais da diferença em todas as dimensões da experiência humana (COLLINS; BILGE, 2006; BUENO, 2020). Portanto, os temas que abordamos se inter-relacionam tanto nas experiências dos corpos quanto nas tecnologias que os produzem (LAURETIS, 1987).

Eva Hayward (2008 *apud* ARRUDA, 2021) sinaliza relações entre identidade e movimento, afirmando: “Eu sou sempre do mesmo tecido, mesmo em sua constante transformação”. Há, portanto, uma relação não opositiva entre sentidos aparentemente antagônicos, a qual nos permite, por meio da linguagem, equacionar permanência e transformação. São essas noções que, se pensadas em amplitude, estão em competição na atribuição de definições, na formalização de conceitos, na sistematização do conhecimento, na consolidação de áreas de pesquisa, na produção de identidades sociais e na construção de inteligibilidades sobre os corpos. Portanto, as narrativas gráficas trazem à tona processos de construção de sentidos (sempre inacabados), cuja constituição sociodiscursiva recria experiências de corpos marginalizados em um movimento de constante “renarração da vida social” (MOITA LOPES, 2006, p. 31).

Essa renarração da vida social toma um corpo transdisciplinar a partir de influxos de diversas áreas (MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006). De acordo com Pennycook (2006), enquanto a virada linguística supera a sedução da técnica e a dependência da Linguística Teórica, a virada somática faz efervescer discussões sobre a relação entre discurso, sociedade e identidade, enquanto a somática retoma a materialidade e discursividade do corpo. A partir desses movimentos, o sujeito da LA entra em processo de redefinição, pois deixa de existir em um idealismo atemporal e homogeneizante, passando a ser visto em heterogenia e complexidade dada a sua constituição multifacetada e interseccional, seja no que diz respeito ao seu corpo seja a sua subjetividade.

Essa redefinição de agenda de pesquisa que nasce de uma LA crítica, reflexiva e ética é um dos arcos de sustentação da Linguística Aplicada Transviada (BEZERRA, 2023), sobretudo pelo caráter descolonial de sua constituição (MIGNOLO, 2012). Há uma íntima relação entre a potência acolhedora, desestabilizadora e potencializadora da LA brasileira contemporânea e as questões descoloniais, pois é no nosso lócus e a partir da nossa sóciohistória como vozes do Sul que a produção de conhecimento reflexiva, responsiva e crítica arrebatou limites e fronteiras possibilitando tanto a renarração da vida social quanto a criação de novas inteligibilidades a partir da proximidade crítica (MOITA LOPES, 2006).

Desestabilizar a lógica hegemônica significa reescrever os sentidos dos corpos e produzir novos sentidos sobre corpos e identidades invisibilizadas. Há, portanto, um paralelismo na escritura do texto e do corpo, conforme afirma Preciado (2017, p. 27 apud BEZERRA, 2022, p. 36) ao afirmar que “o que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições”. Esse sentido corporifica o texto e textualiza o corpo em uma relação que compartilha a impermanência e produz uma constante de força transformativa.

Dalmaso (2018, p. 15, 16) evidencia uma interessante relação entre texto e corpo quando propõe o uso do termo “quadrinhos autobiográficos corpo(rificados)”, ou *graphic body memoirs*” para se referir a “autobiografias em quadrinhos publicadas desde o início dos anos 2000, em diversas línguas e contextos”. Os quadrinhos corporificados, tal qual a perspectiva da textualização do corpo, no sentido de camadas de sentido que se interseccional, compartilham o fator da indisciplina (GOMES, 2020), uma vez que o corpo é também o lócus de subversão, de quebra e de ruptura com normatividade e a hegemonia. Essa perspectiva parece coerente com a visão corpo-texto a partir da qual desenvolvemos esta pesquisa, bem como em relação à narrativa gráfica de Lino (ARRUDA, 2021), tanto pelo caráter autobiográfico quanto pela ênfase no corpo (DALMASO, 2015; 2018).

O fator autobiográfico também impacta essa formulação. Além do meio dos quadrinhos e suas particularidades de representação textual e visual, as obras do gênero “quadrinhos autobiográficos corpo(rificados)” são narrativas autobiográficas, ou seja, pautadas por uma série de pressupostos acerca da ideia do papel da “(V)erdade” e da construção de um Eu em narrativas de não-ficção (DALMASO, 2018, p. 16).

Em se tratando de narrativas gráficas autobiográficas, essa relação entre verdade-ficção se aprofunda e se dissipa à medida em que compreendemos o caráter constitutivo do movimento continuum que é a linguagem, sobretudo se pensada em suas relações com processos de definição e autocompreensão de identidades. Em relação a tipologia, Dalmaso (2018) define o gênero autobiográfico destacando a questão da veracidade, posta por muitos críticos como critério central para classificação de uma narrativa gráfica como não-ficcional, como acontece com as *memoirs*. Ela retoma, também, diálogos teóricos acerca da tradição do Estudos de Autobiografia, evidenciando a exclusão de obras e sujeitos, uma vez que “autores que não eram do gênero, da classe, da raça ou da posição política ‘apropriada’ não eram vistos como fazendo parte deste gênero literário, já que não eram vistos por críticos como representativos o suficiente de suas épocas” (DALMASO, 2018, p. 17). Como resultado, “narrativas de vida de mulheres, sujeitos coloniais, indivíduos considerados sexualmente ‘desviantes’, ou escravos, só para citar alguns exemplos, eram vistas como formas ‘menores’ de escrita e não chegavam ao status de autobiografias” (DALMASO, 2018, p. 17).

Na contra capa obra de Lino (ARRUDA, 2021), ao apresentar informações sobre o autor, ocorre uma menção ao gênero textual descrito como *graphic novel*, mantendo a tipologia em língua inglesa, e não como *graphic memoir*, tipologia que sinaliza mais enfaticamente o caráter autobiográfico e memorístico da narrativa gráfica. Compreendemos, entretanto, que escolha linguística não diz respeito apenas a aspectos relativos à constituição textual da narrativa gráfica, mas pode ter relação com questões editoriais, conforme discutimos mais profundamente na seção seguinte. Assim, *Monstrans: experimentando horrormônios* (ARRUDA, 2021) é uma narrativa gráfica construída tanto a partir de experiências do corpo quanto da subjetividade, como fica evidente no subtítulo. E, conforme explica Dalmaso (2018, p. 18), é relevante investigar “como tecnologias de autorrepresentação funcionam na construção de categorias tais como (I)dentidade, (A)utoridade e (V)erdade”.

A escrita autobiográfica, nessa perspectiva, passa a ser vista como uma “prática de descoberta (e concomitante produção de si)”, fugindo ao “status ontológico do Eu autobiográfico” (e poderíamos acrescentar, do corpo e da identidade)” (DALMASO, 2018, p.

18). Assim, não haveria um Eu de fora que é referido pelo texto autobiográfico, espelhado por meio da linguagem e registrado no texto multimodal, pois “o sujeito é construído através da própria escrita autobiográfica” (DALMASO, 2018, p. 18). Portanto, na seção seguinte, apresentamos uma breve contextualização sobre narrativas gráficas, discutindo tanto aspectos históricos quanto aspectos relativos à linguagem e a tipologia dessas obras.

2.3 Linhas vivas: o quadro, a sarjeta, a arte e a caneta

O texto multimodal é constituído por relações semióticas entre modos de linguagem, de forma que os quadrinhos, em sua origem, remontam aos primórdios da história da linguagem. Eisner (2010), a partir da definição de quadrinhos como arte sequencial, afirma que a justaposição imagem-texto é encontrada desde tempos antigos nas inscrições de pinturas medievais registradas até o século XVI. Ademais, Will Eisner recebe o crédito por uma das primeiras grandes obras em quadrinhos do Norte Global, *Um contrato com Deus* (1978), e por cunhar o conceito de quadrinhos como arte sequencial (EISNER, 2010).

Mccloud (1995, p. 9), compreende quadrinhos como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada”, e identifica, a partir dessa definição, exemplos de quadrinhos nos tempos antigos, como: a) o manuscrito em imagem descoberto por Cortês, em torno de 1519; b) uma tapeçaria francesa datada de 1066 que registra a conquista normanda; c) os hieróglifos egípcios, a exemplo da pintura para a tumba de “Menna”, feita há mais de trinta e dois séculos; d) a sequência de pinturas intituladas *o progresso de uma prostituta*, de William Hogarth, datada de 1731; e) as xilogravuras, como as produzidas por Lynd Ward, em 1929; ou ainda, f) os vitrais das igrejas, como a série de Monet, retratando cenas bíblicas. Entretanto, apesar dessa linguagem multimodal para contar história possa remeter a outros momentos e monumentos históricos, é com a disseminação dos quadrinhos no mercado editorial do Norte Global que as narrativas gráficas passam a ser vistas como um gênero textual, processo que se intensifica, segundo Castro (2021), durante o século XIX.

Há uma origem europeia dos quadrinhos associada ao suíço Rodolphe Töpffer e estimada por volta do ano 1820, e uma origem estadunidense associada à publicação da renomada tirinha *The Yellow Kid*, em 1896, nos jornais *New York World* e *New York Journal* (GARCIA, 2012; CHIEN; VERGUEIRO; RAMOS, 2014; CASTRO, 2021). Além disso, Mccloud (1995, p. 17) também se refere a Töpffer como “pai dos quadrinhos modernos”, destacando o elemento satírico presente nas produções registradas no século XIX e afirmando ser esta “a primeira combinação interdependente de palavras e imagens na Europa”.

Castro (2021, p. 64) organiza, ainda, um quadro cronológico dos quadrinhos no Norte Global. Na primeira metade do século XX, registra-se os quadrinhos de aventura, em 1920, passando ao surgimento dos *comic books* e *actions comics*, na década de 30, reconhecida como a era de ouro dos quadrinhos e marcada pelo sucesso da revista *Captain Marvel Adventures* (1944); após isso, caminha-se para o período pós-guerra que traz a “busca por se contar histórias mais reais” (CASTRO, 2021, p. 64). Na segunda metade do século XX, a autora cita *underground comix*; a publicação da primeira *graphic novel* reconhecida no Norte Global, *Maus: A Survivor's Tale* (1991); e a publicação de *The Dark Knight Returns* (1986) e *Watchmen* (1986), consolidando os quadrinhos adultos no mercado. Assim, as *graphic novels* foram um movimento de (re)criação, produção e circulação de HQ's que, entre outros aspectos, ampliou o público para incluir adultos (CASTRO, 2021).

No Brasil, os irmãos Gilbert e Jaime Hernandez como grandes contribuidores na transição do *underground comix* para *graphic novels* a partir do olhar latino, sobretudo a análise de Henrique Garcia sobre o trabalho dos irmãos Hernandez “a partir dos aportes teóricos de nomes como Mikhail Bakhtin e Linda Hutcheon sobre temas como identidade e sexualidade” (GOMES, 2020, p. 196).

É evidente que essas influências do Norte Global reverberam na produção contemporânea de narrativas gráficas, sobretudo pelo poder mercadológico dos conglomerados corporativos britânicos/estadunidenses, os quais concentram a circulação e venda de livros na América-Latina. Assim, mesmo sendo relevantes, os marcos canônicos não apontam a efetiva produção de quadrinhos, pois registram os eventos por meio de uma lógica colonial (MIGNOLO, 2017) e hegemônica (RESENDE; RAMALHO, 2006) que rejeita certas produções, histórias e obras.

No Brasil, o surgimento dos quadrinhos é associado aos desenhos humorísticos que marcam o século XIX, como os publicados na *Semana Ilustrada* (1860) e os trabalhos de Ângelo Agostini (1869;1883 apud CASTRO, 2021)¹⁰. No século XX, destaca-se: a revista *Tico-tico* (1905); a revista *Suplemento Infantil* (1934), pioneira no nicho quadrinhos de super-heróis; a revista *A turma do Pererê* (1959) e *O menino maluquinho* (1980), de Ziraldo; *Mônica e a sua turma* (1959), de Maurício de Souza, talvez a mais famosa HQ brasileira.

Fanzines, como a pioneira *Ficção* (1965), de Edson Rontani; o início do jornal *O Pasquim*, em 1969; a revista *Ciro* (1986); a tirinha *Níquel Náusea* (1985), de Fernando

¹⁰ Como a publicação de *As aventuras de Nhô Quim ou impressões de uma viagem à corte* (1867) e *As aventuras de Zé Caipora* (1983) (CASTRO, 2021).

Gonsales; e o trabalho de Lourenço Mutarelli,¹¹ criador da obra *O cheiro do Ralo* (2002), adaptada para o audiovisual, (CASTRO, 2021).

Após os anos 2000, as narrativas gráficas chegam ao mercado editorial brasileiro, atraindo e consolidando outros públicos, sendo a editora Abril¹² uma das primeiras a distribuir *graphic novels* no mercado brasileiro (CASTRO, 2021).

Quanto à definição dos quadrinhos, além da aparente indefinibilidade do gênero textual, há uma certa polêmica quanto à classificação dos quadrinhos como literatura ou não. Por um lado, argumenta-se que a inserção dos quadrinhos na categoria literatura poderia corroborar a atribuição de um *status* inferior, ou seja, de subliteratura. Por outro lado, defende-se que a própria configuração semiótica dos quadrinhos pede que sejam classificados como uma linguagem própria, distinta das literaturas (CASTRO, 2021).

No entanto, compreendemos que a inferiorização dos quadrinhos está diretamente relacionada ao *status* inferior conferido às imagens, sobretudo a partir do século XIX (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). No que diz respeito ao argumento de que os quadrinhos, se considerados literatura, estariam sujeitos a um *status* inferior, ressaltamos a importância de repensar não apenas o que significa classificar os quadrinhos como literatura, mas quais discursos e processos sócio-históricos estão envolvidos na rejeição de usos multimodais da linguagem no cânone literário.

Em relação ao argumento de que os quadrinhos são, pela sua constituição, uma linguagem própria, compreendemos que mesmo o uso exclusivo de recursos linguísticos realiza diferentes sentidos visuais, não havendo uma classificação monomodal, uma vez que recursos como diagramação, fonte, negrito, tipo de paginação, entre outros, têm influência na composição do texto. Afinal, como atestado pelo próprio Eisner (2010, p. 2), “letras são símbolos elaborados a partir de imagens que têm origem em formas comuns, objetos, posturas e outros fenômenos reconhecíveis”.

Eisner (2010, p. 3-5) afirma que o “letreiramento (manual ou eletrônico), tratado ‘graficamente’ e a serviço da história, funciona como uma extensão da imagem”, e acrescenta que “ele fornece o clima emocional, uma ponte narrativa e a sugestão de som”. Essa técnica foi um dos grandes marcos nos seus quadrinhos, reconhecidos como tendo grande influência nas

¹¹ Solúvel, Diomedes (2012) e Over-12 (1988).

¹² Apesar dos anos 2000 serem reconhecidos como um marco, a história da Editora Abril com os quadrinhos se inicia bem antes, tendo publicações de quadrinhos registradas desde a década de 70, por isso ela é reconhecida como a maior editora da América Latina e de grande relevância para o universo dos quadrinhos. Para mais informações sobre o contexto e o surgimento da Editora Abril, ver *O império dos Gibis: a incrível história dos quadrinhos da editora Abril* (SOUZA; MUNIZ, 2020).

narrativas gráficas que se sucedem. Ele traz, ainda, uma importante relação entre a oralidade e a escrita, visto que “as letras de um alfabeto escrito, quando executadas num estilo particular, contribuem para dar sentido”, portanto, “não difere da palavra falada, que sofre influência das mudanças de inflexão e nível sonoro” (EISNER 2010, p. 9).

Essas considerações, sobretudo se pensadas em relação a pressupostos hegemônicos sobre linguagem e texto, apontam pontos a se investigar, por exemplo, a ativa participação da esfera editorial, responsável pela revisão e formatação dos textos, na efetiva construção de sentido em obras literárias centradas no texto verbal; ou ainda, os efeitos discursivos e sociais da normatização de trabalhos acadêmicos, que determina aspectos referidos no letreiramento, como fonte, formatação etc.

Percebe-se que esses elementos deixam de ser considerados uma mera capa gráfica, que apenas envolve o conteúdo textual, e passam a ser vistos como constituintes de sentido multimodal. As potencialidades de construção de sentidos a partir do letreiramento, que pode ser compreendido como *o desenhar as letras*, são reconhecidas e usufruídas nos quadrinhos, enquanto a dimensão visual é comumente deixada de fora na análise literária centrada no modo verbal. Prevalece, assim, a relação dicotômica verbal x visual, ou formato x conteúdo, na qual a oposição é necessária para solidificar o limite, isso é, a linha de corte entre o que é e o que não é, e cuja função é sustentar o poder envolvido na ação de definir. Como discutiremos ao longo deste trabalho, a manutenção do conhecimento hegemônico sobre identidades, corpos, fenômenos e práticas depende dessa construção de binarismos, essencialismos e dicotomias (RESENDE; RAMALHO, 2006).

Nos quadrinhos, modos de linguagem são mobilizados de forma relativamente estável (BAHKTIN, 2003), mas aberta à transformação, de forma que oferece aos estudos da linguagem a possibilidade de retomar aspectos deixados fora na tradição acadêmica, além de materializar a interrelação e interpenetrabilidade dos modos de linguagem no processo de construção de sentido. Na tipologia das obras literárias, a classificação dos gêneros textuais se dá frequentemente em função do uso de recursos como narração, construção de personagens, enredo, cenário e assim por diante. Portanto, mobilizar a linguagem, em suas amplas possibilidades semióticas, para contar uma história, não rompe a práxis literária, a não ser que o critério central para definição do que é literatura seja exclusividade e superioridade do texto verbal.

Nesta pesquisa, reafirmamos a polissemia e a multidimensionalidade dos textos e, portanto, dos modos de linguagem e assumimos narrativas gráficas como uma produção híbrida, no âmbito da semiótica, a qual tem o seu potencial ampliado pelo seu lugar fronteiro

(ANZALDÚA, 1999), de forma que a aparente indefinição das narrativas gráficas sinaliza o potencial subversivo de sua faceta indisciplinar (HATFIELD, 2010). No viés do discurso (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006), as narrativas gráficas são uma prática social e discursiva constitutiva da realidade e da sociedade, materializando, entre outros temas, conhecimentos e experiências não hegemônicas. Portanto, compreendemos que as narrativas gráficas, tal qual os corpos, escapam, em certo sentido, dos limites preestabelecidos para classificá-las, como ocorre na classificação do gênero textual e, similarmente, nos processos de atribuição de gêneros aos corpos.

Existe, ainda, uma confusão quanto à relação entre nomenclatura e conteúdo dos quadrinhos, sobretudo no contexto de produção e distribuição dos EUA, cujo nascimento dos *comics* é associado à sátira (CASTRO, 2021). A tradição satírica dos quadrinhos que se inicia, no recorte Europeu, com Töpffer, perdura até o século XX, quando passa a dividir espaço com elementos da fantasia (MCCLOUD, 1995). Eisner (2010) também se refere à fantasia como central aos quadrinhos, sobretudo em virtude do público alvo que, em meados do século XX, era majoritariamente infantil.

Vargas (2016) identifica *comics underground* como um marco para os quadrinhos alternativos, destacando a revista Zap Comics, de Robert Crumb, publicada em 1968, e influenciada pela Revista *Mad*, publicada entre 1952 e 1956.

Nas últimas décadas do século XX, as narrativas gráficas aparecem no horizonte e transformam o rumos dos quadrinhos, se tornando “o tipo de literatura que mais cresce nos Estados Unidos” (EISNER, 2010, p. 148), sendo o termo *graphic novels* compreendido como uma forma genérica de se referir a narrativas mais longas, ficcionais ou não. A partir de 1970, parece haver uma mudança de postura por parte dos autores, que passam a trabalhar com temas e abordagens inovadoras, associadas às mudanças tecnológicas e digitais que marcam o final do século XX (EISNER, 2010). Além disso, a hostilidade e a indiferença do mercado para com os quadrinhos perdem espaço para o entusiasmo por esse gênero textual que “se ocupa de investigar a experiência humana” (EISNER, 2010, p. 149). Já McCloud (2000) critica a utilização do termo *graphic novel* como pouco criteriosa, apesar de reconhecer que o termo contribuiu para combater o *status* inferior dos quadrinhos em relação aos livros e para enfatizar diferenças quanto à extensão narrativa.

Ainda no contexto estadunidense, *Maus: A história de um sobrevivente*, de Art Spiegelman, publicada em série a partir de 1980, na revista *Raw*, é reconhecida o primeiro marco no universo das *graphic novels* ocidentais, além do prestigiado Prêmio Especial Pulitzer (1992) (CHUTE, 2010; EISNER, 2010; VARGAS, 2016).

No século XXI, *Persépolis* (2003), a grande obra de Marjane Satrapi, reforçou o tom crítico e autobiográfico das narrativas gráficas ao recriar a experiência da sua família durante a Revolução Iraniana. Não à toa, *Persépolis* (2003) continua no centro de pesquisas acadêmicas, sendo referência obrigatória ao universo das narrativas gráficas e das *memoirs*. Mais recentemente, a memorista estadunidense Alison Bechdel também se tornou outro grande nome das narrativas gráficas, sobretudo em função da sua premiada *graphic memoir Fun Home* (2006).

Para Chute (2010, p. 4), que discute narrativas gráficas de teor autobiográfico e memorístico, há uma forte relação entre quadrinhos e subjetividade, pois “os quadrinhos e o movimento, ou ato, de compartilhar similaridades formais que sugerem memória, sobretudo a escavação das memórias da infância” perpassa a arte sequencial dos quadrinhos. Assim, quadrinhos autobiográficos são “uma possível metáfora para memória e lembrança”, isso porque a fragmentação do texto visual em quadros remete à maneira de se organizar mentalmente os fragmentos de memória (WARE apud CHUTE, 2010, p. 4), conforme explica:

A arte de esculpir palavras e imagens juntas em uma narrativa acentuada pela pausa ou a ausência, como nos quadrinhos, reproduz também o processo de memória.[...] Em todos esses trabalhos há um narrador em primeira pessoa que é graficamente visível na página, todos essas obras lidam com violência, e todas propõem uma intervenção política, por meio da sua forma, frente a tradição hegemônica de suas representações¹³ (CHUTE, 2010, p. 4).

Essa relação entre memória e quadrinhos parece se estreitar à medida que novas formas de contar histórias e de usar os recursos multimodais que constituem as narrativas gráficas passam a ganhar mais espaço e a circular mais intensamente nos mercados editoriais. No século XX, houve um *boom* de narrativas gráficas em quadrinhos de super heróis voltadas ao público adulto, com histórias mais sérias e adaptadas para os interesses de outra faixa etária (SANTOS, 2020).

A maior circulação e a ampliação do alcance dos quadrinhos, influencia a consolidação das *graphic novels* no mercado editorial do Norte Global como uma categoria específica de obras (SANTOS, 2020). No que diz respeito a autoria, durante muito tempo esse título excluía toda uma rede de profissionais que eram responsáveis, direta ou indiretamente, pela produção

¹³ No original: “The art of crafting words and pictures together into a narrative punctuated by pause or absence, as in comics, also mimics the procedure of memory. [...] In all these works there is a first-person narrator who is graphically visible on the page, all these works deal with violence, and all make a political intervention into mainstream representation through their form”

das obras, sobretudo pela atribuição indevida do crédito de único autor a determinado artista a por questões de interesse patrimonial (VARGAS, 2016)¹⁴.

Entre as classificações elaboradas, encontra-se “coletâneas de revistas com edições antigas; antologias de um ou vários autores; material gráfico de não-ficção e biográficos; e material europeu em formato (extensão) de livro” (ROTHSCHILD, 1995, p. xiii-xiv apud SANTOS, 2020, p. 131). Há certa tentativa de enquadrar essas obras nas categorias preexistentes, enquanto se procura, também, diferenciá-las ao descrevê-las. Há ainda a sugestão de que o uso do termo *graphic novel* seria uma questão de marketing editorial, partindo da visão de que não há diferença entre revistas em quadrinhos e *graphic novels* senão a extensão narrativa (SANTOS, 2020).

Nessa perspectiva, o termo seria nada mais do que “uma convenção do mercado para rotular um produto que pode ser adquirido sem que seus leitores se sintam constrangidos de percorrer as prateleiras em busca de seus personagens prediletos” (SANTOS, 2020, p. 132). Enquanto, para Gomes (2020, p. 196), há uma confusão no termo *narrativas gráficas*, cujo sentido parece ser usado tanto para englobar HQ’s em geral quanto, de forma retroativa, para classificar obras “de maior fôlego criativo por público e crítica e, por isso, editadas e consumidas hoje em dia como *graphic novels*”.

Nessa perspectiva, narrativas gráficas seriam nada além de HQS compiladas ou produzidas originalmente em formato de livro para facilitar e impulsionar a inserção no mercado editorial. Todavia, apesar da nítida influência do mercado e do *marketing* editorial, que perdura até os dias atuais, essa visão do termo e das obras como mera capa mercadológica de um tipo de conteúdo já produzido e consolidado é reducionista, pois assume o gênero textual como estático e perfeitamente delimitável, deixando de lado não apenas o potencial transformativo do uso multissemiótico da linguagem, mas também suas potencialidades temáticas, narrativas e semióticas.

Ocorre uma presença majoritária de narrativas gráficas e bibliografias teóricas (GOMES, 2020) produzidas em língua inglesa ou traduzidas para o inglês, sendo essas as mais acessíveis em plataformas de vendas, sobretudo se comparadas às obras produzidas e distribuídas em português e espanhol. Estando os EUA entre os três principais pólos de HQ’s do ocidente, ao lado do eixo França-Bélgica e Japão, é de se esperar que haja uma maior concentração de publicações em língua inglesa. Todavia, esse fenômeno tanto reforça e aprofunda assimetrias

¹⁴ No segundo caso, o autor menciona os quadrinhos do Tio Patinhas, cujos créditos foram concedidos a Walt Disney em detrimento do artista criador (VARGAS, 2016).

de poder conectadas à colonialidade (MIGNOLO, 2017), sobretudo frente à centralidade das plataformas e das tecnologias digitais na contemporaneidade.

Nesse cenário, quadrinistas nacionais têm utilizado esse espaço para produzir obras gráficas, muitas vezes, por meio de financiamento coletivo, pela publicação de trechos, quadrinhos e *zines* em plataformas digitais e por meio do incentivo de empresas privadas (SANTOS, 2020), como é o caso de *Monstrans: Experimentando Horrormônios* (ARRUDA, 2021), que recebeu do projeto Rumos¹⁵, do Banco Itaú. Outro exemplo é a obra *DayTripper* (2010), de Fábio Moon e Gabriel Bá, publicada pela Vertigo, a qual foi financiada, produzida e distribuída, majoritariamente, nos EUA, onde ganhou repercussão e um lugar no topo da lista de coletâneas do *New York Times*, além do Prêmio Eisner e do Prêmio Harvey (ASSIS, 2020).

Dentre as obras marcantes do século XX, está o livro de charges *Hiroshima meu amor* (1996), de Henfil, cujo traço influencia os quadrinhos nacionais (VARGAS, 2016). O traço é “o que dá forma ao desenho, é, por si só, uma assinatura, uma maneira muito peculiar, intensa e íntima de constituir a caligrafia de um autor” (VARGAS, 2016, p. 30). Essa relação entre traço e autoria se intensifica quando há uma só pessoa responsável pela criação e ilustração da obra, como é o caso de Arruda (2021). Além do trabalho de Henfil, há menção a outras revistas que marcaram os primórdios da circulação de quadrinhos no cenário nacional do século XX, dentre essas estão a revista *O bicho* (1975), de por Reginaldo Fortuna, a revista *Grilo* (1971), que sofreu censura anos depois (VARGAS, 2016).

Como efeito da colonialidade [inserir] há uma concentração da produção e distribuição de narrativas gráficas em países do Norte Hegemônico, como os EUA, o que tem influência nas dificuldades de financiamento, produção e distribuição vivenciadas por quadrinistas no Brasil e na América Latina.

A lista das dez HQs brasileiras que marcaram a década, publicada no site Omelete.com, organizada por Érico Assis¹⁶, um dos principais tradutores de narrativas gráficas em circulação no Brasil, evidencia a falta de incentivo, recursos, abertura e suporte para a produção, impressão e distribuição dessas obras. É o caso de *Achados e Perdidos* (2011), dos quadrinistas Eduardo Damasceno e Luís Felipe Garrocho, sobre a vida de uma criança que tem buraco negro na barriga, publicada de forma independente por meio do financiamento coletivo feito por fãs através da plataforma brasileira Catarse¹⁷. Destaca-se, também, o premiado o quadrinista

¹⁵ Programa vinculado ao Banco Itaú que atua desde 1997 no financiamento de projetos e ações artísticas e culturais no Brasil por meio de editais privados. Ver: <https://www.itaucultural.org.br/institucional/perfildoinvestimento/2020/rumos.html>

¹⁶ Para maiores informações sobre as obras trazidas consultar: <https://ericoassis.com.br/#graphic-novels>

¹⁷ Ver: <https://www.catarse.me/>.

Marcello Quintanilha, cujo trabalho *Tungstênio* (2014), ambientado em Salvador e adaptado para o audiovisual em 2018 ganhou, dentre outros, o Prêmio Jabuti de Histórias de Quadrinhos (ASSIS, 2020).

Marcelo D'Saete é reconhecido pelo seu impactante trabalho, marcando o contexto contemporâneo dos quadrinhos brasileiros. O professor de História da Arte e artista de quadrinhos é reconhecido mundialmente pela obra *Angola Janga: Uma história de Palmares* (2017), ganhadora do Prêmio Jabuti e do Prêmio Grampo Ouro, entre outros; e pela aclamada *Cumbe* (2018), ganhadora do Prêmio Eisner, além de ter sido selecionada pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) literário de 2019 para o Ensino Médio¹⁸. Notadamente, a inclusão dos quadrinhos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 2006, teve grande influência nos anos posteriores (CASTRO, 2021), sobretudo por indicar práticas de leitura de histórias de quadrinhos, dentre outros textos visuais, além do uso de tirinhas e charges para o ensino de língua portuguesa (GASQUE; RAMOS, 2012).

Além disso, D'Saete evidencia o caráter documental de suas criações permeadas por representações de fatos históricos que foram recriados a partir de pesquisas e estudos prévios, ainda que publicados sob a classificação de ficção, como é o caso de *Angola Janga*. D'Saete (2019 *apud* GOMES, 2019, p. 123) considera que estamos vivendo um momento rico para produções nacionais em quadrinhos, e acrescenta que “os quadrinhos estão cada vez mais trazendo narrativas complexas e interessantes sobre o nosso período, sobre o nosso tempo, sobre o nosso contexto, sobre a nossa sociabilidade hoje e no passado”.

Nesse mesmo cenário, a exclusão de mulheres no mercado editorial nacional de narrativas gráficas, fato que pode ser comprovado com uma breve busca pelas principais obras gráficas brasileiras (ASSIS, 2020). A primeira *graphic novel* assinada por mulher e publicada por meio de editora é *Amana ao Deus Dará* de Edna Lopes, publicada apenas em 2004. Já na última década, Paula Mastroberti publicou *Bela Adormecida: Cem anos para sempre* (2012), que vem de um projeto iniciado em 1980. Além de muito recentes, as quadrinistas frequentemente precisam recorrer aos financiamentos coletivos, os chamados “projetos independentes” (ASSIS, 2020). Lelis (2021) sinaliza a dificuldade de publicação desse tipo de obra no Brasil, que reverbera na quantidade de publicações por meio de financiamento coletivo ou programas de incentivo de empresas privadas.

Esse processo de individualização, sob a égide de produção independente, em detrimento a mudança no mercado editorial, pode contribuir para a manutenção de assimetrias

¹⁸ Conforme informado na sua plataforma. Para mais informações sobre o quadrinista, suas obras e prêmios, visitar: <https://www.dsaete.art.br/bio.html>

no mercado editorial, fazendo com que as narrativas gráficas no Brasil continuem dependentes de editoras estrangeiras ou de tecnologias digitais, as quais têm, em sua maioria, relações com o Norte-Global, enquanto a circulação de narrativas gráficas estrangeiras é facilitada pelos baixos preços de venda e entrega.

É nítido que as narrativas gráficas, e também os quadrinhos, de forma mais ampla, são ao mesmo tempo usos da linguagem que remontam práticas e tempos antigos e produções disruptivas, subversivas. Para Santos (2020, p. 133) há uma possível categorização geral para as narrativas gráficas, que podem ser: “a) ficcionais: podem abordar temas atuais, sociais ou de época; B) documentais: narrativas históricas, quadrinhos autobiográficos ou biográficos e jornalismo em quadrinhos”. Entretanto, os limites entre as duas categorias tendem a uma maior hibridez, uma vez que essas narrativas gráficas, frequentemente, tratam de temas sociais enquanto transitam pelo universo autobiográfico da experiência humana.

A hibridez entre o caráter ficcional e documental, como pode ser percebida em *Maus: a História de um sobrevivente* (1980-1986), perdura de forma relativamente estável em outras produções, como *Monstrans: experimentando horrormônios* (ARRUDA, 2021), uma vez que ambas compartilham a densidade simbólica construída pelas representações de animais, sobretudo o rato. Outro personagem que intertextualiza sentidos com o roedor de Lino (2021) é o icônico Mickey Mouse, o qual já representava para o *mainstream* do universo dos quadrinhos um elemento de subversão dos significados repulsivos associados à figura do rato no imaginário social. Nesse sentido, Lino (2021) retoma a figura do rato em um movimento de subversão da subversão, dialogando com as obras que antecedem sua narrativa gráfica. Portanto, é justamente a indisciplina dessas narrativas (HATFIELD, 2020) que borra contornos limítrofes não apenas dos quadros e das sarjetas, mas dos gêneros e classificações textuais.

Semelhantemente, em *Você é minha mãe? Um drama em quadrinhos*¹⁹ e *Fun Home: Uma tragicomédia em família*, o estilo detalhista da memorística Alison Bechdel tem forte caráter documental realizado pela sua habilidade como ilustradora e pelo seu método de produção, que inclui documentar a vida em fotografias ou, na impossibilidade de captar as cenas, pousar e se auto-fotografar para, então, (re)desenhar-se como memória. Nessa perspectiva, longe de propor mais uma definição para as narrativas gráficas, nos interessa perceber o potencial desse lugar fronteiro de indefinição e indisciplina.

¹⁹ Sobre essa obra, sugiro a leitura de dois artigos, o primeiro trata da experiência social da lesbianidade (BEZERRA; DIAS, 2021) enquanto o segundo aborda a relação mãe-filha (DIAS; BEZERRA, 2021).

Não à toa, no âmbito dos *comic studies*, os quadrinhos têm se destacado pela sua indisciplina, conforme explica Gomes (2020):

Tal diversidade parece atestar a “indisciplina” como condição definidora dos assim chamados *comics studies*, conforme sustenta Charles Hatfield: pelas características próprias da linguagem das HQs, tal campo de conhecimento deve primar pelo constante desafio às convenções disciplinares —e suas respectivas fronteiras e delimitações— pré-estabelecidas e reforçadas pelos ditames da vida acadêmica (GOMES, 2020, p. 193).

É nesse sentido que as narrativas gráficas se constroem nas bordas, transitando por entre as linhas que definem limites, e constituindo-se, assim, como uma linguagem de fronteira. Essa indisciplina também perpassa a face contemporânea da LA brasileira, uma vez que, desde meados do século XX, vivenciamos processos histórico-sociais que impulsionam o repensar de identidades, sujeitos, corpos e das relações sociais e discursivas que se constituem nesse terreno vivo das experiências humanas. No fluxo dos estudos pós-estruturalistas, surgem também novas aberturas epistemológicas que trazem influxos questionadores, sobretudo no que diz respeito a concepções naturalistas e essencialistas sobre a constituição multifacetada e inacabada das identidades e dos corpos.

É nesse fluxo que trazemos à baila nas próximas seções discussões sobre os corpos, uma vez que este é o lócus onde a nossa identidade interseccional se materializa. Portanto, abordamos mais profundamente o conceito de abjeção, para discutir os processos de abjetificação e de corpo-palimpsesto, abordando o paralelo entre texto e corpo e a potencialidade de seus sentidos subversivos.

2.4 Produção de corpos abjetos

O discurso é uma prática socio-constitutiva que materializa relações de poder, portanto, por meio da análise do discurso aprofundamos a compreensão sobre processos de naturalização de concepções hegemônicas para, assim, desmontar esses pilares hegemônicos (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006; COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2016). Escancarar as naturalizações significa também quebrar a força da lógica hegemônica, emancipando nossa visão da matriz colonial e, assim, desarticulando a repetição de práticas sociais que reforçam estruturas excludentes.

A partir dessa matriz, produz-se uma “complexa rede interseccional de classificações” (COLLINS, 2000, p. 23). que intensifica processos de exclusão que sustentam a hegemonia

mantida pelas relações assimétricas de poder (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006). Matriz de dominação (colonial e hegemônica) a partir da qual opressões de raça, classe, gênero, sexualidade, deficiência e assim por diante se originam. Collins (2000, p. 228 – tradução da autora) explica que o termo é utilizado para descrever “a organização social geral a partir da qual as opressões se interseccionam, são originadas, desenvolvidas, mantida e contidas”²⁰.

O conceito de hegemonia adotado nesta pesquisa (FAIRCLOUGH, 1997, 2001a apud RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 43), e elaborado a partir do pensamento gramsciano, se refere ao “domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais”, tanto (ou mais) pelo consenso quanto pela força, de forma que há uma relação direta entre hegemonia e dominação. Essa hegemonia, constituída por assimetrias de poder materializadas em discursos e práticas, é instável e aberta, portanto, para que seja mantida, necessita de constante reforço, de forma que “existe uma possibilidade intrínseca de desarticulação e rearticulação desses elementos” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 44). Para Haraway (2009, p. 99), a imagem do ciborgue rompe com a matriz de complexas dominações, cuja noção identitária natural e totalizante produz exclusões, portanto, “pode sugerir uma saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos”.

Por meio de mecanismos de desencaixe, ou seja, formas de quebrar ciclos de repetição e naturalização, há um potencial emancipatório que se materializa na quebra do ciclo de repetição que reforça e mantém determinadas concepções como naturais (GIDDENS, 1991, p. 25-36; 2002, p. 221 apud RESENDE; RAMALHO, 2004, p. 191). Portanto, a repetição de práticas sociais e discursos é fundamental para cristalizar opressões, todavia, pelo seu caráter constitutivo e aberto, novas práticas sociais podem contestar inteligibilidades excludentes, conforme explicam as autoras:

Desse modo, permanências de articulações entre práticas são compreendidas como efeito de poder sobre redes de práticas, e tensões pela transformação dessas articulações são vistas como lutas hegemônicas. Dado o caráter inerentemente aberto das práticas sociais, toda hegemonia é um equilíbrio instável, e a ADC como prática teórica emancipatória trabalha nas brechas ou aberturas existentes em toda relação de dominação (RESENDE; RAMALHO, 2004, p. 196).

É justamente essa impermanência que abre brechas através das quais o corpo irradia sua transformação. Portanto, o discurso e as práticas sociais, em sua constituição aberta e instável,

²⁰ No original: “*describes this overall social organization within which intersecting oppressions originate, develop, and are contained*”.

transpassam o corpo em uma tensão constante entre (im)permanências relativas e processos de atribuição e definição de identidades. Assim, adentrar o terreno movediço dessas relações é trabalhar nas brechas da impermanência, nas fendas que irradiam a transformação, ampliando-as por meio de práticas emancipatórias que intensificam a ação dos mecanismos de desencaixe:

O deslocamento das relações sociais de contextos e práticas locais e sua reestruturação em extensões indefinidas de tempo-espço dependem de dois mecanismos de desencaixe: as fichas simbólicas e os sistemas especializados (sistemas peritos), que separam a interação das particularidades do lugar (RESENDE; RAMALHO, 2004, p. 191).

Nessa ótica, esses mecanismos de desencaixe podem ser mobilizados por corpos abjetos (KRISTEVA, 1982) de forma a subverter a ordem hegemônica, uma vez que o corpo é ebulição a partir da qual o sujeito em processo está sempre em fluxo e transformação. De acordo com Kristeva (1982, p. 2 – tradução da autora):

O abjeto tem apenas uma das qualidades do objeto - que é ser em oposição ao Eu. Se o objeto, no entanto, através da oposição, funda em mim a frágil textura de um desejo por sentido, que, na verdade, faz-me incessantemente e infinitamente homólogo a ele, o que é abjeto, pelo contrário, o objeto alijado, é radicalmente excluído e me impele ao lugar onde os sentidos colapsam²¹.

A gestação desses corpos abjetos necessita de uma relação binária e opositiva, normal/abjeto, que, por meio da repetição, poderá se ramificar e se solidificar no tecido social, resultando em processos de desumanização atrelados a matriz de dominação hegemônica (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2016). Todavia, é nesse lugar onde colapsam os sentidos hegemônicos e, portanto, opositivos, que encontramos as brechas emancipatórias através das quais é possível perverter, corromper e subverter o *modus operandi* hegemônico.

De acordo com Rina Arya (2014 apud OLIVEIRA, 2020, p. 194), o conceito de abjeto escreve o corpo no terreno fronteiro, associando-o a termos como anomalia e ambiguidade para evidenciar o desencaixe “corpo/sistema”. Excluído de reconhecimento e direcionado à ininteligibilidade, atribui-se ao corpo abjeto sentimentos de repulsa, nojo, náusea, ojeriza e desgosto, produzindo, assim, um corpo-monstro, para que seja passível de extermínio, e um

²¹ No original: “*The abject has only one quality of the object—that of being opposed to I. If the object, however, through its opposition, settles me within the fragile texture of a desire for meaning, which, as a matter of fact, makes me ceaselessly and infinitely homologous to it, what is abject, on the contrary, the jettisoned object, is radically excluded and draws me toward the place where meaning collapses*”.

corpo-impuro, significado como a sujeira que transita na indeterminação, pois escapa às categorias de classificação hegemônicas.

Segundo Oliveira (2020, p. 193), “os fluidos corporais causam abjeção por se situarem nessa fronteira entre o ‘eu’ e o ‘mundo’, entre o ‘indivíduo’ e o ‘outro’, uma vez que não nos é possível saber o exato momento em que deixou de ser ‘eu’ e passou a ser ‘outro’”.

A sujeira, por sua vez, não é intrínseca ao corpo, mas “uma espécie de *omnibus compendium* que inclui todos os elementos rejeitados de sistemas ordenados”, evidenciando a constituição sociodiscursiva do sujo, a qual opera nos limites do inapropriado (DOUGLAS, 1966 p. 50 apud OLIVEIRA, 2020, p. 192).

Refletindo sobre o julgamento que diferencia aquilo que é sujo daquilo que é limpo, o autor discute nosso comportamento de poluição, conforme explica:

Sapatos não são em si sujos, mas é sujeira colocá-los na mesa da sala de jantar; comida não é sujeira em si, mas é sujeira deixar utensílios de cozinha no quarto, ou deixar comida salpicada na roupa [...] Resumindo, nosso comportamento de poluição é a reação que condena qualquer objeto ou ideia capaz de confundir ou contradizer classificações ideais (DOUGLAS, 1966, p. 50-51 apud OLIVEIRA, 2020, p. 194).

Os fluidos corporais são vistos como repulsivos a partir da dualidade dentro/fora, uma vez que, ao saírem do corpo, perfuram os limites determinados naturais e deixam marcas poluidoras por onde passam (OLIVEIRA, 2020). Os corpos desencaixados são lidos como sujos, tal qual os fluidos, secreções e excrementos, pois sua inteligibilidade é mediada pelas tecnologias de produção (LAURETIS, 1987; HARAWAY, 1991; PRECIADO, 2014) associadas a matriz de dominação (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2016). Além dessa oposição dentro/fora, há uma tensão entre (im)permanência e identificação, visto que os fluídos e excrementos, após expurgados, colocam em questão a localização espaço-temporal do corpo, uma vez que ainda são e não são parte do corpo, gerando não apenas um conflito quanto *ao que é o corpo*, mas uma existência dupla do corpo no tempo-espaço.

Discutindo o desvanecer do limite na oposição vida/morte, Oliveira (2020) retoma a expressão *memento mori* para evidenciar a fragilidade e temporalidade da vida, sendo a morte, nesses termos, anunciada pelos fluídos corporais que causam ojeriza em razão da abjeção. Kristeva (1982, p. 15 – tradução da autora) explica que “o abjeto é a violência de velar o “objeto” que sempre esteve perdido²², e acrescenta, “abjeção é a ressurreição que se realiza por

²² No original: “*the abject is the violence of mourning for an "object" that has always already been lost*”

meio da morte (do ego). É uma alquimia que transforma a morte implicada no início da vida, de uma nova significância”²³.

Esse luto pelo que nunca foi evidencia a importância e a mutabilidade de todos os corpos, entretanto, percebe-se que essa mutabilidade é legitimada apenas quando o corpo muda para encaixar-se aos sistemas hegemônicos de significação e produção de inteligibilidade. Portanto, a ação das tecnologias de produção dos corpos, quando alinhadas à matriz de dominação, é invisibilizada para que o corpo seja percebido como fixo, estável, neutro, natural e normal. É nesse sentido que o abjeto escapa e, ao escorrer pelas brechas, recria-se e revive-se, de forma que “mata-se em nome da vida”²⁴ (KRISTEVA, 1982, p. 15 – tradução da autora).

Haraway (2009, p. 84) aponta o colapso de sentidos do/no corpo como uma tecnologia das potencialidades, pois “é a simultaneidade dos colapsos que rompe as matrizes de dominação e abre possibilidades geométricas”. Já Bento (2017, p. 49) considera que “‘abjeção’ torna-se uma potente categoria heurística nos estudos voltados para a compreensão do lugar reservado socialmente aos corpos sem inteligibilidade social, a exemplo das pessoas trans”. Portanto, é possível interromper a repetição de práticas que reforçam as normas “através da incorporação política do outro-abjeto”, entretanto, “a abjeção deve ser pensada cultural, política e historicamente” para que se tensione processos de humanização e desumanização (BENTO, 2017, p. 248).

A perspectiva interseccional (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2016) desmonta lógicas essencialistas para apontar que as tecnologias de produção, e de abjetificação, de corpos têm a branquitude cisheteronormativa e colonial (LUGONES, 2014; MIGNOLO, 2000; SOUSA SANTOS, 2019) como uma força que liga eixos *transpenetráveis* constituintes da matriz de dominação, operando, também, pela mobilização da noção de humanidade.

A mobilização da noção de humanidade, no discurso hegemônico, materializa-se como a defesa da vida, e aparece, frequentemente, como a defesa da vida do feto, generalizando o valor da vida humana e naturalizando a ideia de que a humanidade é neutra e homogênea. Produz-se, assim, o molde hegemônico do corpo-humano-sagrado, tornando-o real apenas por meio da produção de corpos abjetos que, ditos sujos e pecaminosos, viveriam vidas inanimadas, invivíveis (BUTLER, 2003; 2004; 2015) e, portanto, descartáveis. A produção da humanidade por meio da desumanização é responsável por naturalizar a “crença de que mulheres com

²³ No original: “*abjection is a resurrection that has gone through death (of the ego). It is an alchemy that transforms death drive into a start of life, of new significance*”.

²⁴ No original: “*It kills in the name of life*”.

deficiência não são capazes de fornecer cuidados maternos”, ou a negação da sexualidade de pessoas com deficiência (GOMES et al, 2019, p. 7).

Estudos sobre a deficiência evidenciam como pessoas com deficiência têm sido pensadas como não completamente humanas e, portanto, possuidoras de corpos que precisam de tutela médica e jurídica, que não respondem por si. No discurso hegemônico, pessoas com deficiência (PCDs) são “seres incompletos, tortos ou desviados, projetos inconclusos, um devir mais que um ser”, tendo seus corpos, experiências, subjetividades, bem como a fruição dos seus desejos, reduzidas ao corpo dito “deficiente, disfuncional, não adaptado, grotesco” (CLÍMACO, 2018, p. 149).

Necessita-se, portanto, repensar a categoria deficiência a partir da perspectiva interseccional, reafirmando a desessencialização do corpo em razão da multiplicidade e variabilidade humana. A deficiência, como se tem discutido desde a última metade do século XIX, não está no corpo, mas na sua relação com o modelo social hegemônico construído a partir de uma matriz de dominação que produz corpos abjetos e, para tanto, renega as multiplicidades e variações corporais. Para Collins (2017, p. 1), a interseccionalidade é “uma forma de investigação crítica e de práxis” relacionada a práticas emancipatórias que surgem fora das instituições, mas que têm sido por elas retomadas.

Assim como o gênero, a deficiência é um construto ramificado no tecido social, que produz humanidades e desumanidades a partir de dicotomias e binarismos que sustentam a matriz de dominação, como o normal/anormal, humano/monstro, capaz/incapaz, de forma que, em última análise, a deficiência é produto das assimetrias de poder (GOMES *et. al*, 2019).

Garland-Thomson (2005) discute a relação entre corpo e deficiência pela ótica da crítica feminista para que se evite pensar a deficiência (*disability*) a partir do diagnóstico das lesões (*impairment*) e variabilidades dos corpos, entendendo deficiência como um sistema de exclusão que se sustenta a partir da estigmatização da diferença humana. Estudar sobre deficiência a partir da crítica feminista significa adotar um modelo social de deficiência, no qual se objetiva:

Examinar os padrões de sentido atribuídos aos corpos ao invés das configurações corporais específicas, funcionalidades e comportamentos. Os estudos feministas sobre deficiência escrutinam como as pessoas com uma ampla variação física, mental e emocional são coletivamente imaginadas como defeituosas e excluídas de um lugar de equidade na ordem social²⁵ (GARLAND-THOMSON, 2005, p. 1558).

²⁵ No original: “it focuses on examining the patterns of meaning attributed to those bodies rather than specific forms, functions, and behaviors. Feminist disability studies scrutinizes how people with a wide range of physical, mental, and emotional differences are collectively imagined as defective and excluded from an equal place in the social order”.

Nessa perspectiva, outras categorias identitárias relacionadas, por exemplo, à raça e ao gênero também experienciam uma variabilidade de características físicas e subjetivas. Essas relações desestabilizam concepções essencialistas e biologizantes sobre a deficiência, implicando em outros usos linguísticos para se referir a esses corpos, como “pessoas consideradas deficientes”, “pessoas que se identificam como não deficientes” (GARLAND-THOMSON, 2005, p. 1559).

Essa perspectiva questiona a concepção de que deficiência é um problema do corpo e que pode ser resolvido por meio de procedimentos normalizantes, situando a deficiência em um sistema social representacional, tal qual o gênero (GARLAND-THOMSON, 2005; 2017). Assim, a deficiência é também generificada na medida em que se intersecciona com a atribuição e designação do gênero no corpo, de forma que “figuras textuais da deficiência tanto registram como materializam o viés dos padrões sociais e exclusões baseadas em normas capacitistas que operam de forma similar aos sistemas de raça e gênero” (GARLAND-THOMSON, 2005, p. 1565).

Garland-Thomson (2005) argumenta que ter a deficiência como uma categoria de análise lança luz sobre a complexidade das corporeidades, o que evidencia a importância de levar em consideração a variabilidade dos corpos e a intersecção entre marcadores sociais da diferença (COLLINS; BILGE, 2016). Por essa razão, a autora critica a exclusão do marcador deficiência na perspectiva da teoria de Donna Haraway, pautada na perspectiva do corpo híbrido, ciborgue, monstruoso, grotesco. Portanto, o termo “deficiência” aponta para uma epistemologia de interpretação que legitima determinadas variações corporais enquanto disciplina e corrige outras, indicando, também, uma relação entre os corpos e o ambiente social normativo em sua materialidade palpável e subjetiva.

Clímaco (2018, p. 2) discute como o modelo social de deficiência, que enfrentou a perspectiva da deficiência biológica, sobretudo na segunda metade do século XIX, ganha novos rumos ao longo deste século a partir da perspectiva interseccional, sobretudo por resgatar a experiência corporificada, rompendo com visões deterministas e essencialistas. Conforme explica Clímaco (2018, p. 3):

As teóricas feministas da deficiência problematizam cuidadosamente uma grande gama de materiais e práticas que envolvem o corpo, e isso as distingue de outras teorias críticas. Baseiam-se nas premissas da teoria crítica que concebe que: as representações estruturam realidades; as margens definem o centro; gênero e deficiência são formas de significar relações de poder; a identidade humana é múltipla e instável, e toda análise e avaliação têm implicações políticas.

Analisar a deficiência pelo viés da crítica feminista (GARLAND-THOMSON, 2005) significa questionar estereótipos naturalizados sobre corpo(s) e deficiência(s), ao mesmo tempo em que põe em evidência que o corpo é o lócus onde se materializam, e se interseccionam, diferentes camadas das identidades que constituem o ser.

O processo de abjetificação dos corpos que envelhecem não se materializa a partir dos mesmos eixos de opressão da matriz de dominação para todos os corpos, de forma que, tal qual a maternidade, o envelhecer é transpassado por opressões distintas a partir da intersecção de marcadores sociais da diferença materializados no corpo que envelhece, como gênero, raça, classe, sexualidade, e assim por diante.

Moura (2021) discute o trânsito de corpos transmasculinos nas trincheiras corpo-mundo, evidenciando as conexões entre o abjeto, o não-humano e o animalesco, pontuando que

Nós não participamos dos espaços de decisão da polis, ressignificamos nossas vivências nos camuflando na cidade para acessar serviços e direitos básicos. Sinto que quando aparecemos, de fato, representamos uma ameaça e os que não conseguem lidar com as nossas existências procuram uma forma de nos eliminar, somos como míseros animais que rastejam no chão (MOURA, 2021, p. 89).

Para Mahin (2021, p. 60), vivências transgressoras são tecnologias de resistência que transformam o cotidiano por meio do trânsito do corpo, de forma que “o viver já é uma enorme resistência”. Além disso, de forma interseccional, esse processo de monstrificação ancorado na desumanização de corpos e identidades não normativas também é relatado por Cidinha da Silva (2019, p. 110 apud BEZERRA, 2023, p. 48) quando aponta que “o racismo estrutural que justifica a perda da vida de jovens negros como se eles fossem pulgas. Ratos. Baratas. O racismo institucional que executa esse pressuposto por meio da política, o braço armado do Estado”. Esses símbolos animalescos, por sua vez, se conectam interdiscursivamente pela imagem do asqueroso, o repulsivo, o monstruoso, pois não se trata apenas da diferenciação humano-animal, mas uma ativa monstrualização que aprofunda a desumanização. Notadamente, ao longo da última década, o Brasil se manteve em 1º lugar no ranking dos países que mais matam por LGBTIfobia, conforme apontado pela ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) (MOURA, 2021). Portanto, a etnografia dos corpos constitui-se em uma experiência sensorial e subjetiva, pessoal, coletiva e intrinsecamente relacionada com textos culturais, sociais e políticos (RODRIGUEZ, 2021). Dessa forma, os corpos não estão subjulgados às tecnologias que os produzem, mas são potências de sentidos que (re)criam enquanto transitam. Portanto, tal qual outras naturalizações, “as masculinidades hegemônicas

são para serem desconstruídas nos vieses das transmasculinidades, pois não se pode ter uma leitura unificada de ser homem” (MAHIN, 2021, p. 60).

2.5 O corpo-palimpsesto

Nesta seção, trazemos à baila o corpo-palimpsesto para discutir as tensões entre (im)permanências dos corpos e processos de atribuição de identidades. Busca-se, também, compreender a relação entre o corpo-palimpsesto (COSTA, 2012; BACELLAR, 2020), a matriz de dominação (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2006) e as tecnologias de produção (LAURETIS, 1987; HARAWAY, 1991; PRECIADO, 2014).

Na contemporaneidade, o conceito do corpo tem sido retomado e rediscutido para romper com visões deterministas. Portanto, buscamos aprofundar o pensamento sobre o corpo pensando-o como um palimpsesto, “e que este palimpsesto seja inesgotável, regressando incessantemente o que foi escrito que se escreve para o tornar sobrelegível - isto é, ilegível” (BARTHES apud COSTA, 2012, p. 9).

Já que o trânsito dos corpos no terreno social produz marcas interpretadas, frequentemente, a partir de textos hegemônicos, são nessas marcas que se inscreve a resistência de dizer “sim, esse é o meu corpo” (RODRIGUEZ, 2021, p. 100). De forma que o corpo não pode ser traduzido ou sintetizado a partir de uma marca, como um gênero, haja vista a interseccionalidade que constitui suas camadas. Afinal, o corpo é um texto multifacetado, polimorfo e polissêmico no qual os sentidos transitam e se transformam enquanto se materializam e redefinem no tecido texto-corporal. Bento (2017, p. 12), discute a relação corpo-texto, afirmando que:

Corpo é um texto socialmente construído, um arquivo vivo da história do processo produção-reprodução sexual [...]. A materialidade do corpo deve ser analisada como um efeito de poder e o sexo não é ‘aquilo que alguém tem’ ou uma descrição estática. O sexo é um dos padrões pelos quais a pessoa se torna viável, é o que qualifica um corpo para a vida no domínio do humano (BENTO, 2017, p. 12).

Esse paralelo entre corpo e texto nos leva a uma compreensão mais holística do ser/estar, considerando sua complexidade corporificada e subjetiva. Arrojo (2007, p. 23), ao tratar da problemática do texto original na tradução, retoma o conceito de palimpsesto, desarticulando o essencialismo de uma visão rígida, na qual o texto/signo é suporte para “uma carga determinável e totalmente resgatável”. Nessa ótica, “ao invés de considerarmos o texto, ou o signo como um receptáculo em que algum ‘conteúdo’ possa ser depositado e mantido sob controle”, propõe-se

a imagem de um palimpsesto, em seu sentido, do grego, ‘raspado novamente’ (ARROJO, 2007, p. 23).

Essa perspectiva evidencia que a polissemia do texto-corpo é mutável e constituída na transformação. O raspar novamente do palimpsesto sugere que os sentidos e textos que existem nas subcamadas continuam a constituir a materialidade, ou seja, o que foi escrito no palimpsesto, ainda que não esteja visível aos olhos do momento, continua a existir no tecido textual (e corporal). Compreendemos que essa polissemia e polimorfia do corpo-palimpsesto potencializa uma visão relacional e mais ampla do corpo, desnaturalizando perspectivas deterministas e essencialistas. Portanto, assim como o palimpsesto, o corpo “se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do ‘mesmo’ texto” (ARROJO, 2007, p. 24).

A figura do corpo-texto também faz parte do pensamento de Preciado (2017, p. 27 apud BEZERRA, 2022, p. 36) pois, para o filósofo, é preciso “sacudir as terminologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições”.

Costa (2012, p. 20) traz a imagem de uma anatomia *palimpsestica* para discutir a pesquisa em Educação como uma prática *palimpsestosa*, como a experimentação de um corpo múltiplo e em obra, pois “ao ocuparmo-nos desse plural, constituímos topicamente a anatomia expressiva de um corpo-palimpsesto”. Assim, é na transtextualidade do corpo-palimpsesto que encontramos, “os pergaminhos polifônicos, há tempos revisitados, raspados, reescritos” e que “não escondem o traçado das inscrições precedentes, de maneira que seguimos encontrando o antigo sob o novo” (COSTA, 2012, p. 10). Portanto, as relações textuais permitem “um procedimento sutil de raspagem, pelo qual vemos, sobre um mesmo plano, um texto sobrepondo-se ao outro, de maneira que não o dissimule completamente” (COSTA, 2012, p. 10).

A relação tecido-corporal, ou corpo-textual, conforme teorizada por Barthes (2006, p. 74 apud COSTA, 2012, p. 14) se transcorre no “véu epidérmico de entrelaçamento contínuo, no qual o sujeito se desfaz ao mesmo tempo em que constitui sua teia, o seu território, o seu próprio modo de dizer eu”. Há, portanto, uma fenda espaço-temporal na qual o eu-desfeito e eu-refeito entrelaçam-se na tecitura do corpo-palimpsesto, rompendo com o determinismo corpo-essência, para pensar um corpo-aquiescência. A aquiescência, aqui sugerida, indica a concordância do tempo outro e do agora na simultaneidade das camadas do corpo-palimpsesto e, sobretudo, a não exclusão do passado pelo presente no outro-mesmo corpo que consente-se, revive-se e transforma-se em sua contínua tecitura na qual o devir e por vir estão sobrescritos (DELEUZE, 2006).

Essa ideia de dobra espaço-temporal aparece também na análise de Carreto (2008, p. 9) sobre o personagem Merlin, visto que o corpo-palimpsesto “põe em causa a desejada e necessária linearidade do sentido, na medida em que quebra a relação de contiguidade entre o nome e o corpo na qual se funda o processo de reconhecimento e de identificação”. Já Ribeiro (2013, p. 35) traz o corpo-palimpsesto a partir do poema *Outros, o mesmo*, de Ricardo Aleixo, no qual o poeta tece o palimpsesto para ecoar “a problemática do sujeito enquanto unidade complexa, posicionando-o numa zona de fronteira onde as noções de eu e outro ensaiam infundáveis papéis e permutas”.

Rodrigues e Souza (2021), usam o conceito de palimpsesto para discutir a decolonização do corpo, do gênero e da sexualidade no processo de alfabetização, propondo que a leitura e escrita das crianças é uma prática com potencial de criar mundos não avessos à estranheza dos corpos e identidades. Assim, utilizando de registros de memórias coletivas sobre práticas de leitura e escrita durante a alfabetização, nos quais a escrita é vista como um modo de ser, existir e se expandir no mundo. Portanto, buscam descolonizar o corpo (re)afirmando sua potência de ser ao afirmar que “o cu é um lugar antropofágico. É palimpsesto, é território, é texto, pretexto e é também ação revolucionária” (RODRIGUES; SOUZA, 2021, p. 247).

Bacellar (2020, p. 284) contribui com a construção da figura do corpo-palimpsesto ao questionar as bússolas que têm sido utilizadas pelos feminismos para transitar nos corpos, buscando, na potência de palimpsestos e encruzilhadas, “forjar um corpo erótico descolonial”. Na produção contemporânea dos feminismos, assim, os feminismos descoloniais e interseccionais são forças pulsantes de movimento, (re)criação e subversão do conhecimento produzido pelos feminismos hegemônicos, os quais, frequentemente, invisibilizam o potencial polimorfo e polissêmico do corpo. O corpo-palimpsesto nos impele, portanto, a uma ruptura epistemológica e a análise das tecnologias por meio das quais “a matriz colonial de poder afeta, (de)forma e informa nossos corpos, nossas sexualidades, nossas maneiras de desejar” (BACELLAR, 2020, p. 286).

Compreendemos que nas subcamadas do palimpsesto corporal se inscrevem sentidos múltiplos e interseccionais (re)constituídos a partir das experiências do corpo. Esse folheado de sentidos corporificados, por sua vez, não se comunica, mas se constitui em um fluxo de sentido multidirecional. A experiência do corpo seria, nessa imagem metafórica, semelhante ao escorrer de um líquido por entre as camadas de um pergaminho marcado por tintas policromáticas, de tal forma que a constituição do pingo de água que atravessa o folheado palimpséstico não é a soma da essência de suas camadas, mas uma constituição mutável, impermanente e não cronológica dos sentidos - e experiências - sobrescritas no tempo-espaço material do

palimpsesto. A matriz de dominação (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2006) que sustenta e mantém a hegemonia (FAIRCLOUGH, 1997, 2001a apud RESENDE; RAMALHO, 2006), produz corpos abjetos, monstificados por meio das tecnologias de produção (LAURETIS, 1987; HARAWAY, 2009[1991]; PRECIADO, 2014). Por entre as folhas textuais dos corpo-palimpsestos, invadidas pela experiência, marcas materializam-se e transtextualizam-se no ir e (de)vir de sentidos. É nas dobras espaço-temporais que tantos corpos se encontram e se conectam por entre as brechas da matriz hegemônica cujas fendas desafiam o inteligível, o dizível e, portanto, a finitude dos sistemas de signos. O corpo cobra o recombinar-se, o (des)dobrar de outras voltas na língua, o refazer do tempo, o oxigênio do fôlego, a simultaneidade da vida. O corpo-palimpsesto é um constante Estar a partir do qual transitam sentidos inscritos, sobrepostos e superpostos no Ser.

É no corpo-palimpsesto que se subscrevem e se interseccionam experiências que marcam a diferenciação e (auto)construção da identidade, seja na relação corpo-mundo ou na subjetividade. Nessas camadas, se interseccionam tanto marcadores sociais da diferença (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2006), como raça, gênero, sexualidade, classe, religião, e assim por diante, quanto o tempo-espaço de nossas experiências, uma vez que, tal qual o palimpsesto, as camadas do corpo comportam sentidos que não se extinguem com novos escritos. Dessa forma, o corpo palimpsesto é o corpo vivo que rompe o tempo e abre fendas sem deixar de ser interseccional, histórico e situado. É o corpo que escreve sendo escrito, cujo tecido abriga infestações de experiências e sentidos, e cuja carne, exposta ao mundo, é tinta e caneta que transborda a polissemia desses sentidos. Portanto, o corpo-palimpsesto também é parte de um tecido social constituído pelo entrecruzar histórico-discursivo de fios.

Preciado (2015, p. 4), enquanto revive o transformar-se do seu corpo, diz que “entre linguagem e moléculas bioquímicas, fabrica-se uma subjetividade política”, e acrescenta, “apenas quando os outros começam a me chamar de Paul que eu me torno Paul: eu devo a eles o meu nome”. Para ele, é essa relação corpo-mundo que permite tirar o gênero dos trilhos, de forma que essa via bidirecional abriga uma constante, constituir-se constituindo, a partir da qual se entrecruzam potenciais de disciplinamento e subversão, repetição e quebra, contestação e manutenção da hegemonia.

Dessa forma, assim como elementos linguísticos, a semiose do corpo-palimpsesto transborda no intercâmbio de discursos e práticas sociais experienciada por uma multiplicidade de identidades (FAIRCLOUGH, 1997; 2001a apud RESENDE; RAMALHO, 2006). Dentre essas práticas, a violência contra corpos não normativos se repete cotidianamente, como se uma

ponte espaço-temporal ligasse práticas sociais de violência através do tempo espaço sócio-histórico.

Nessa ótica, “a lei não protege a todos”, pois as vias que a orientam são as ideologias das classes dominantes (GOMES; MAGNANI, 2020, p. 76). São essas perspectivas hegemônicas que buscamos desorientar por meio da desestruturação de seus pilares ideológicos e de práticas sociais que as reforçam, uma vez que a quebra da repetição é uma força de emancipação. Para Elias (2000, p. 27 apud GOMES; MAGNANI, 2020, p. 76), processos de estigmatização criam a diferenciação estabelecidos/*outsiders*, na qual estes últimos são vistos “pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros”. Compreendemos, assim, que essa diferenciação age a serviço da manutenção da hegemonia por meio de tecnologias de legitimação (ou aniquilação) de vivências corporificadas. Portanto, essas tecnologias (LAURETIS, 1987; HARAWAY, 1991; PRECIADO, 2014) que modulam corpos se constituem em intrínseca relação com a matriz de dominação (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2006).

Essas tecnologias, enquanto conceito, são associadas ao pensamento de Teresa de Lauretis (1994 apud BEZERRA, 2022, p. 27) sobre a construção do gênero, e “podem ser compreendidas como recursos semióticos, discursivos, epistemológicos e institucionais utilizados para atribuir sentidos aos corpos”. Por recursos semióticos, compreende-se “a língua, as imagens, as cores e o movimento” (BEZERRA, 2022, p. 27), de forma que a língua não apenas materializa o gênero, mas o constrói, e reconstrói. Esses recursos semióticos, por sua vez, operam tanto nas desinências de gênero dos substantivos, como menino/menina, quanto na redesignação e modulação da identificação dos corpos trans, por exemplo, por meio da mudança do nome próprio. No segundo caso, entre o nome morto e o nome novo há uma diferenciação não apenas semiótica, mas temporal, uma vez que, junto com o gênero, marca-se o ponto encarnado do corpo no espaço-tempo de sua existência.

Preciado (2014, p. 24) discute a “temporalidade fractal do acontecimento na qual cada fato escapa à causalidade linear”, isso é, “uma temporalidade fractal constituída de múltiplos ‘agoras’, que não podem ser o simples efeito da verdade natural da identidade sexual ou de uma ordem simbólica”. Portanto, esses múltiplos *agoras*, seguem acontecendo no trânsito e nas transformações do corpo, as quais são percebidas como uma progressão linear, mas que, se pensadas como camadas que se interconectam, abrem margem para pensar o tempo não linear do tempo do corpo, cujo transcorrer ocorre entre as camadas interpenetráveis do corpo-palimpsesto.

Os recursos epistemológicos, parecem “operar de maneira mais insidiosa, pois estabelecem normas, frequentemente não explícitas” (BEZERRA, 2022, p. 31), ou seja, operam por meio de uma lógica, uma determinada maneira de inteligir o mundo a partir de arranjos normativos. Pode-se dizer, portanto, que enquanto os recursos linguísticos modulam, na materialidade da linguagem, a identificação dos corpos, os recursos epistemológicos e discursivos exercem poder de medir inteligibilidades, uma vez que operam na construção intersubjetiva da inteligibilidade. Já os recursos institucionais (LAURETIS, 1994a apud BEZERRA, 2022, p. 31), associam-se aos aparelhos ideológicos do Estado, de Althusser (1985, p. 74 apud BEZERRA, 2022, p. 32). Portanto, enquanto os recursos semióticos e institucionais operam por meio de relações mais explícitas, modulando, e modelando, a produção dos corpos por meio de práticas e discursos como a nomeação, a atribuição, a descrição, a identificação, a avaliação, o diagnóstico, as intervenções, a designação sexual, o registro legal, a educação, e assim por diante. Os recursos discursivos e epistemológicos parecem mediar a produção dos corpos de forma intersubjetiva, uma vez que se inserem no espaço (inter)mediário entre o corpo e a inteligibilidade que se faz dele.

Para Lauretis (1987), as práticas, discursos e os espaços sociais são engendrados por meio de narrativas fundadoras que constroem o inconsciente político a partir do conceito de diferença sexual. Portanto, Lauretis (1987, p. 208) explica que

[...] Pensar o gênero a partir de uma visão teórica foucaultiana, que vê a sexualidade como uma “tecnologia sexual”; desta forma, propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana (LAURETIS, 1987, p. 208).

Nessa ótica, a sexualidade e o gênero não são propriedades fundantes/fundadas dos/nos corpos, tampouco existentes a priori, mas são parte de “uma complexa tecnologia política” constituída pelo “conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais” (LAURETIS, 1987, p. 209).

Pesquisando o verbete “*gender*” no *American Heritage Dictionary of the English Language*, Lauretis (1987) retoma dois principais sentidos: a) classificatório, que corresponderia ao gênero gramatical da língua portuguesa, no sentido de uma categoria gramatical que agrupa palavras de acordo com o sexo, ou a sua ausência, a exemplo o *natural gender*, presente em línguas como inglês e alemão; b) e o sentido da classificação do sexo. Segundo ela, enquanto o verbete *gender*, no inglês, aproxima sexo (*sex*) e gramática (*grammar*), a semântica do espanhol *género*, do italiano *genere* e do francês *genre* - adotado posteriormente

pela língua inglesa com um uso mais aproximado ao gênero gramatical - não sugere o gênero do corpo, sendo este designado pelo termo sexo. Assim, ela conclui que o termo *gender* é uma representação não apenas de um significado linguístico, mas de uma relação de pertencimento que indica certa posição dentro de classes ou grupos predeterminados (LAURETIS, 1987).

A modulação do gênero por meio de recursos por meio dos quais operam as tecnologias de produção dos corpos fica evidente no uso do *natural gender* para se referir a objetos, entidades assexuais e crianças (LAURETIS, 1987). Lauretis (1987, p. 211) explica que, no seu aprendizado formal, o possessivo correto para se referir a crianças seria *its*, assim, “embora a criança tenha um ‘sexo natural’, é só quando ela se torna (i.e. quando é significada como sendo) menino ou menina que adquire um gênero”. Portanto, o gênero (in)forma uma relação solidificada a partir da repetição de uma oposição sexual binária entre corpo e modelos hegemônicos de masculino e feminino, de forma que “a construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação” (LAURETIS, 1987, p. 212).

Donna Haraway (2009[1991]), quando dá vida ao corpo-ciborgue que influencia o pensamento contemporâneo desde o final do século XX, teoriza um organismo híbrido criado pelas tecnologias. “Somos quimeras, híbridos - teóricos e fabricados - de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues” (HARAWAY, 2009[1991], p. 37). Além de ser sensível ao espírito da época, sobretudo o *boom* das tecnologias da comunicação e informação que foram aprimoradas, ramificadas e disseminadas ao longo do século XX e XXI, o corpo-ciborgue de Haraway (2009[1991]) é importante por desessencializar e desnaturalizar o corpo ao evidenciar que a produção corporal é intrinsecamente ligada à sócio-história.

O Ciborgue, portanto, não nasce das “narrativas de origem”, mas “pula o estágio da unidade original, da identificação com a natureza, no sentido ocidental” e por isso é capaz de subverter as tecnologias de sua produção por meio de uma “polis tecnológica” revolucionária que bagunça as relações repetidamente estabelecidas na sociedade (HARAWAY, 2009[1991], p. 39). Rejeitando narrativas de origem e ideais de salvação, os ciborgues buscam conexão à medida em que perfuram fronteiras essenciais para a manutenção da hegemonia, como o limite humano/animal²⁶, que vai sendo borrado tanto na medicina quanto nas ciências sociais. Portanto, “longe de assinalar uma barreira entre as pessoas e os outros seres vivos, os ciborgues assinalam um perturbador e prazerosamente estreito acoplamento entre eles”, uma vez que a

²⁶ Optamos por utilizar a diferenciação humano/animal ao invés de humano/não humano para evidenciar que processos de desumanização incluem, frequentemente, a associação daquilo que não é normativo ao animalesco, sendo essa monstrificação um tema central na obra *Monstrans: Experimentando Horrormônios* (ARRUDA, 2021).

máquina e organismo são textos codificados “por meio dos quais nos engajamos no jogo de escrever e ler o mundo” (HARAWAY, 2009[1991], p. 42).

Esses textos, por sua vez, são historicamente interpretados a partir de uma autoridade transcendente que reivindica autoria ontológica das narrativas originais fundadas pela epistemologia ocidental hegemônica a partir da ideia do corpo-orgânico e, poder-se-ia incluir, branco, europeu-estadunidense, heterossexual, cisgênero, cristão, de classe alta etc. Todavia, pensar o ciborgue como resistência significa lutar por outros sentidos de ser e outras formas de poder e de prazer, conforme Haraway (2009) argumenta:

[...] um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais que não temem sua estreita afinidade com animais e máquinas, que não temem identidades permanentemente parciais e posições contraditórias (HARAWAY, 2009[1991], p. 46)

Investigando atribuição de humanidade na definição do termo *hu-man*, identifica-se como referente “‘um animal que utiliza instrumentos’, por oposição aos ‘primatas’, e às ‘mulheres’” (HARAWAY, 1998, p. 9 apud PRECIADO, 2014, p. 148). Assim, o termo tecnologia, se pensando nos termos da instrumentalização daquilo que existe na natureza, carrega, em sua semântica, critérios colonizadores e engendrados *man/tecnologia*, e *woman/primata* (HARAWAY, 1998).

Esse mesmo conceito de tecnologia, segundo Lugones (2014), cria a identidade hegemônica, mulheres, em corpos alvo à violência colonial, transformando-os, na linha do pensamento de Preciado (2014), em supostos recursos naturais à espera da ação do homem que tem uma missão civilizatória e que opera continuamente na lógica opressiva da modernidade colonial e capitalista, cuja ação visa a produção de uma inteligibilidade hegemônica. Lugones (2014, p. 936) expõe a agência colonial na distinção humano/não humano, central ao pensamento de Haraway (2009[1991]), situando-a “a serviço do homem ocidental”:

O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês (LUGONES, 2014, p. 936).

Lugones (2014) evidencia que as assimetrias de poder partem da colonialidade, portanto, o entrecruzamento de opressões não só transforma certas pessoas em recursos, mas determinam, na linha de produção de corporeidades, como esses corpos-recursos serão utilizados. Notadamente, os códigos por meio dos quais se explora o corpo-recurso mobilizam

uma base de dados constituída pela produção de conhecimento estadunidense e europeu de intelectuais brancos do século XIX e XX, que definem o corpo (in)formado masculino como tecnológico e o feminino como natural e sexualmente disponível (PRECIADO, 2014, p. 149).

Nos corpos transitórios, reencontramos energias de resistência na impermanência, uma vez que “as transmasculinidades habitam um ‘entre-lugar’ (NERY, 2018, p. 401 apud DOMINGUES; RODRIGUES, 2021). O entre lugar, como um terreno movediço e fronteiro da indefinição, significa também a potência da possibilidade, uma vez que os corpos, como palimpsestos, abrigam nas subcamadas de suas materialidades, sentidos e experiências intersubjetivas não lineares. Preciado (2014, p. 26) aborda essas questões ao afirmar que

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de ser espontânea de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstaurar através de operações constantes de repetição e recitação dos códigos (masculinos e feminino) socialmente investidos como naturais (PRECIADO, 2014, p. 26).

Preciado (2014) dialoga com Haraway (2009[1991]) para discutir as tecnologias que produzem o sexo nos corpos e suas relações com as narrativas opositivas, legitimadas pela hegemonia, que determinam uma oposição primeira entre o corpo orgânico, natural, “vivo”, e o corpo máquina, inanimado, fabricado, inatural.

O termo tecnologia (cuja origem remete à *techné*, ofício e arte de fabricar, opondo-se a *physis*, natureza) coloca em funcionamento uma série de oposições binárias: natural/artificial, órgão/máquina, primitivo/moderno, nas quais o “instrumento” joga um papel de mediação entre os termos da oposição (PRECIADO, 2014, p. 147).

Nessa ótica, o conceito de tecnologias do sexo/gênero quebra a ligação binária opositiva, natural/construído, por meio da qual opera uma ideia de essência do corpo. Para Preciado (2014, p. 147), a tecnologia é “o próprio motor da história e do tempo”, de forma que, enquanto tecnologias, sexo/gênero jamais serão estáveis e permanentes. Assim, a oposição essencialismo/construtivismo, que perpassa a crítica feminista estadunidense do século XX, carrega uma ideia de distinção sexo/gênero a partir da diferença sexual, aproximando o sexo ao ontológico, isso é, designando o corpo como uma essência física ou psíquica; e conceituando gênero como inteiramente construído e explicado na cultura e na sociedade. O ponto em questão, aponta o filósofo, é que em ambas as concepções subjaz o discurso de que “o corpo resguarda um grau zero ou uma verdade última, uma matéria biológica (o código genético, os órgãos sexuais, as funções reprodutivas) ‘dada’ (PRECIADO, 2014, p. 157).

Butler (2003, p. 27) critica a perspectiva construtivista beauvoiriana, a partir da qual “o corpo é representado como um mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado”. Butler (2003, p. 29) retoma que, para Beauvoir, as mulheres são o Outro, enquanto para Irigaray é uma ausência, um sujeito (in)existente não marcado na “economia significativa falocêntrica e fechada”. Em ambos os casos, a teorização totalizante de uma categoria identitária implica no ideal de unidade e homogeneidade que “pode operar para levar a cabo outras relações de subordinação heterossexista, racial e de classe” (BUTLER, 2003, p. 34). Para Preciado (2014), na perspectiva beauvoiriana construtivista do gênero, se o corpo se torna mulher como resultado da sua sociabilização, o corpo-homem figura como paradoxalmente natural. Há, portanto, um paralelo na visão reducionista do texto-signo, contestada na imagem do palimpsesto (ARROJO, 2017), e a ideia do corpo como receptáculo para o conteúdo socialmente construído.

O discurso subjacente a essas visões essencialistas exclui a variabilidade dos corpos e a interseccionalidade das experiências, menospreza a ação das tecnologias que os produzem e, assim, reforça a ideia de uma permanência inquestionável de corpos e identidades. Portanto, a ideologia de que há uma verdade capaz de traduzir identidades produz uma rede de identificações opositivas que classifica os corpos para estabelecer uma homogeneidade interna nas categorias de gêneros classificatórios mutuamente excludentes.

A ideia de uma experiência social pode ser integralmente compartilhada e, assim, definir a identidade apaga o caráter relacional dos processos de atribuição de sentido aos corpos (PRECIADO, 2014), visto que estes não existem a priori, mas são produtos-processo de práticas tecnológicas que os constituem por meio de recursos semióticos, epistemológicos, discursivos, institucionais (LAURETIS, 1987; HARAWAY, 2009[1991]). Preciado (2014) também aponta o caráter construído do corpo enquanto tece críticas a noção binária e opositiva da diferença utilizada para definir o corpo:

A primeira, ao se dedicar na análise da diferença feminina, passou por cima do caráter construído do corpo e da identidade de gênero masculinos (o que redundou no estudo das masculinidades, mas que segue em ação no tocante aos corpos transmasculinos). A segunda, ao demonizar toda forma de tecnologia como dispositivo a serviço da dominação patriarcal, esse feminismo foi incapaz de imaginar as tecnologias como possíveis lugares de resistência à dominação (PRECIADO, 2014, p. 151).

Para Preciado (2014), o feminismo do século XX deixou escapar questões centrais às tecnologias da sexualidade. Assim, sua disputa por um novo conceito de tecnologia é uma

crítica a concepção de “tecnologia como aquilo que modifica uma natureza dada, ao invés de pensar a tecnologia como a produção mesma dessa natureza” (PRECIADO, 2014, p. 154).

Dentre essas tecnologias, sobretudo no que diz respeito aos corpos trans, identifica-se a concentração de poder institucionalizada nos manuais de diagnósticos médico-psiquiátricos, cujo texto orienta e legitima práticas de modulação e mediação dos corpos, conforme a citação a seguir:

Os problemas enfrentados não se resumem a questões legais, mas também a uma luta contra a medicina, pois para realizar seu sonho foi necessário se curvar ao poder dos especialistas que, por meio de laudos clínicos e psicológicos, exerciam **seu poder/saber sobre seu corpo e sua vida** (GOMES; MAGNANI, 2020, p. 77 grifos da autora).

Essas questões, para Preciado (2015, p. 6), precisam ser discutidas no transfeminismo, uma vez que o feminismo não é mais suficiente, sabendo que “transfeminismo não é pós-feminismo. Transfeminismo é o feminismo do século XXI *reloaded*”.

Sem relevar a importância dos feminismos do século XX, incluindo a crítica feminista branca, para a produção de conhecimento sobre a relação corpo(s)/sexualidade(s)/gênero(s) e as experiências vividas em sociedade, é necessário refletir sobre a cristalização de visões essencialistas sobre corpos para agrupá-los por meio de um princípio aglutinador que determinaria a categoria de identidade, significando-os como elementos constituintes desse mesmo conjunto social institucionalizado em função de uma ideia homogênea e generalista das experiências, identidades e opressões. Essa noção, portanto, funciona como atribuição de identidade e tradução integral de corpos de uma mesma categoria, cujas experiências devem ser as mesmas.

Se o gênero, como critério de classificação de corpos, passou a ser central na produção de conhecimento do século XX, a sexualidade tem sido frequentemente relacionada ao sentido de orientação sexual. Todavia, a sexualidade, em uma perspectiva mais ampla, pode causar fissuras nas concepções hegemônicas sobre os corpos, uma vez que a orientação sexual, sobretudo a partir da categoria gênero, é incapaz de explicar a fruição do desejo e cargas eróticas que se desprendem no trânsito dos corpos pelo mundo (MORTENSON, 2014). Assim, a sexualidade tem sido discutida ao longo da produção de conhecimento (WINNICOTT, 1953; BEAUVOIR, 1967; FOUCAULT, 1984, 1985, 1997; FREUD, 1996; BUTLER, 2003, 2004; PRECIADO, 2014).

Segundo Stryker (2017), a sexualidade está ligada ao prazer e ao corpo (ou a corporeidade) de uma forma mais ampla do que a definição centrada nos órgãos sexuais e é

analiticamente distinta do gênero, sobretudo pela relação com o desejo e o erótico, pois envolve a forma como agimos em relação a esses desejos. Contudo, as expressões de sexualidade parecem se tornar inteligíveis apenas a partir das leituras socioculturais do gênero que, por sua vez, classificam o desejo do corpo enquanto direciona e controla o seu entendimento. Em vista disso, Stryker (2017, p. 25) afirma que gênero e sexualidade “são como duas linhas que se entrecruzam em um gráfico”.

Já Preciado (2014) questiona os processos sociodiscursivos que trabalham para que a sexualidade esteja fixamente ligada e reduzida aos órgãos genitais e propõe a subversão dessas tecnologias de produção do sexo na corporificação de outras possibilidades de experienciar os corpos, o fruir dos desejos e a potência das sexualidades. Portanto, se no pensamento determinista o gênero definiria naturalmente e/ou socialmente a identidade e, portanto, a sexualidade, questionamos em que instância, social ou do corpo, a sexualidade seria materializada?

Preciado (2014) aborda a questão da verdade do sexo enquanto revisita os casos de reatribuição de gênero em recém-nascidos, apontando que

Tal como mostram os casos de reatribuição para o gênero feminino dos recém-nascidos geneticamente “masculinos” sem pênis ou dotados de um pênis excessivamente pequeno, a verdade do sexo é decidida em função da adequação a critérios heterossociais normativos, de acordo com os quais a produção de um “indivíduo incapaz de ter relações heterossexuais genitais” é, para Money, o pior erro que se poderia cometer em matéria de atribuição e de reatribuição de sexo. (PRECIADO, 2014, p. 138)

Há, portanto, a institucionalização da produção dos órgãos sexuais a partir de critérios engendrados e aplicados para criar a coerência do corpo e da identidade sexual sempre em função da heterossexualidade (PRECIADO, 2014). O trabalho de John Money (1975 apud PRECIADO, 2014, p. 141) evidencia a variabilidade dos corpos e expõe as tecnologias que trabalham para produzir inteligibilidades denominados normais e assegurar a constância do processo de sexualização e genderização. Portanto, a produção da (hetero)sexualidade, e sua inscrição no tecido corporal, se faz não na repressão de uma força, ou de um desejo, naturalmente orientado para uma direção predeterminada, mas como resultado de “um conjunto de tecnologias produtivas” (PRECIADO, 2014, p. 156):

A forma mais potente de controle da sexualidade não é, logo, a proibição de determinadas práticas, mas a produção de diferentes desejos e prazeres que parecem derivar de predisposições naturais (homem/mulher, heterossexual/homossexual etc.), e que serão finalmente reificadas e objetivadas como “identidades sexuais”. As técnicas disciplinadoras da sexualidade não são um mecanismo repressivo, e sim

estruturas reprodutoras, assim como técnicas de desejo e de saber que geram as diferentes posições de sujeito de saber-prazer (PRECIADO, 2014, p. 156).

É nesse sentido que a percepção e compreensão sobre a sexualidade é atravessada pelo imaginário social, fortemente influenciado pela matriz de dominação hegemônica cuja ação se dá significativamente por meio da forma como a linguagem é utilizada para construir realidades conectadas à práticas e discursos ancorados em dualismos (BEZERRA, 2023).

Estudos sobre assexualidade (CHIEN, 2020) retomam o conceito de heterossexualidade compulsória (RICH, 1980) para desestruturar a ideia de que a sexualidade é natural e normal, ou seja, de que os corpos são, a priori, sexuais, evidenciando que a prática sexualizada é política e historicamente constituída. Compreendemos que, se “o movimento mais sofisticado da tecnologia consiste em se apresentar exatamente como “natureza” (PRECIADO, 2014, p. 164), o movimento do corpo-palimpsesto de (re)criar-se na impermanência constitui-se enquanto potência. Braz (2012, p. 80) evidencia que “a possibilidade de existência (ou a ‘abjeção’) dos corpos e dos ‘sujeitos’ depende da matriz discursiva de inteligibilidade”, de forma que construir novas inteligibilidades significa, também, alterar a matriz por meio da qual os corpos são (re)conhecidos, criando novas potencialidades de ser. Portanto, o corpo, nessa perspectiva, é um constante tecer de fios narrativos e analíticos que está não apenas conectado a matriz, mas tem poder de alterá-la.

Repensar o corpo é uma agenda necessária à produção de conhecimento que contesta visões deterministas, essencialistas e biologizante, frequentemente justificadas pelo discurso de que haveria um corpo normal, natural, correto e portador de certa identidade fixa. Assim, no Quadro 1, sintetizamos algumas perspectivas sobre o corpo, sobretudo a partir do seu caráter impermanente e múltiplo. Aprofundar essa discussão é essencial aos estudos sobre identidades, sobretudo para evitar que o corpo venha sempre à vida por um viés essencialista, mas que possa ser pensado como um fenômeno sempre em-relação, constituído em impermanência e moldado entre espaços e agoras (PRECIADO, 2014).

Para Bacellar (2020), os regimes de verdade da colonialidade neoliberal são regimes de poder que classificam, produzem e mobilizam, a partir de binarismos hierárquicos, não só os corpos, mas também seus afetos, desejos e prazeres. Descolonizando a epistemologia do corpo, Bacellar (2020) propõe uma visão do corpo palimpsesto cujas inscrições coloniais rasuraram outras epistemologias e potenciais, afirmando que

Somos impelidas a imaginar o corpo como um palimpsesto no qual modos de vida, sensações, saberes de distintas ordens, memórias, afetos e intuições foram rasurados pela modernidade/colonialidade e substituídos pela perversa ordem binária

hierárquica e taxonômica que garante o funcionamento do capitalismo e da colonialidade (BACELLAR, 2020, p. 290).

Isso não quer dizer que há um texto original do corpo que antecede a colonialidade, mas o corpo é constituído por camadas que dobram o espaço-tempo, visto que “convergem e se justapõem, assim, discursos e temporalidades distintas” (BACELLAR, 2020). Ao pensar na colonialidade como aquela que rasura o corpo-palimpsesto e substitui suas lógicas, determina-se o poder colonial como ator do raspar novamente palimpséstico, cujo poder permite o reescrever das/nas camadas do corpo, enquanto convida-nos a “uma escritura de si orientada para uma autonomia experimental corporal” que figura como “a força que emerge do que foi rasurado” (BACELLAR, 2020).

No âmbito da Linguística Aplicada Transviada, Bezerra (2023, p. 50) trata da complexidade de subjetividades e corporeidades, apontando que “os corpos são arenas vitais para a compreensão de relações de poder estabelecidas nos mais variados contextos”, dialogando com o conceito de corpo-política (BROWN; GERSON, 2020 apud BEZERRA, 2023) para se referir à potência transformativa dos corpos.

O corpo, portanto, assume um lugar central na investigação de questões relacionadas à identidades, sobretudo por encarnar, incorporar e interseccionar, durante o seu trânsito no mundo, atravessamentos de marcadores da diferença. É nessa ótica que o autor posiciona o corpo como “lugar de mediação e de inscrição de representações sobre complexas questões socio-identitárias, que impactam o modo como concebemos gênero e sexualidade, por exemplo” (BEZERRA, 2023, p. 80).

Discutindo a inscrição dessas representações nos corpos, Simakawa (2014) chama atenção para a relação entre compreensões essencialistas, restritivas e binárias dos corpos e a colonialidade, propondo uma descolonização dos corpos ao centralizar as diversidades corporais e de gênero, conforme explica que é preciso

Reconhecer que a colonização de corpos e gêneros inconformes à cisnormatividade remonta a processos genocidas e racistas nos posiciona – particularmente aquelas pessoas que, como esta autora, se situa de maneiras privilegiadas em relação à branquitude e classe dominantes – diante do desafio constante de ampliar as frentes de lutas decoloniais (SIMAKAWA, 2014, p. 34).

Nesse sentido, compreender a complexidade das identidades significa, impreterivelmente, adentrar na discussão sobre a multiplicidade e mutabilidade dos corpos,

buscando evidenciar os processos por meio dos quais essa diversidade é invisibilizada enquanto modelos fixos hegemônicos são naturalizados no imaginário social.

Quadro 1 - Esquema conceitual do corpo-palimpsesto

Corpo-palimpsesto	
CONCEPÇÕES	
Mobiliza o conceito de palimpsesto aplicado ao texto para tratar do problema texto-original/tradução, uma vez que nas camadas palimpsésticas do tecido textual o dito texto original continua a existir enquanto novos sentidos são criados no texto fonte.	ARROJO, 2007
Retoma o conceito de palimpsesto para questionar a linearidade do sentido na análise do personagem Merlin.	CARRETO, 2008
Evidencia a transdisciplinaridade de corpos, conceituando-os como fios narrativos e analíticos.	BRAZ, 2009
Sem associá-lo propriamente ao corpo, traz o palimpsesto como um regressar inesgotável de sentidos sobrelegíveis.	BARTHES apud COSTA, 2012
Articula o conceito de palimpsesto à pesquisa em educação para falar da transtextualidade da pesquisa, na qual se sobrescrevem sentidos no processo do antigo sob o novo.	COSTA, 2012
Por meio desse conceito questiona a unidade do sujeito, posicionando-o em um lugar fronteiro ao analisar o poema Outros, o mesmo, de Ricardo Aleixo.	RIBEIRO, 2013
Investiga processo de produção do sexo nos corpos, questionando a ideia de uma verdade natural ou simbólica do corpo e propondo uma temporalidade fractal que escapa a causalidade linear.	PRECIADO, 2014
Discute a descolonização dos corpos ao centralizar as diversidades corporais e de gênero.	SIMAKAWA, 2015
Traz o sentido de corpo como um tecido vivo, um arquivo da história,	BENTO, 2017

aproximando-o de uma visão palimpséstica, ainda que não conceituada dessa maneira.	
Traz a figura do corpo-palimpsesto para forjar um corpo erótico descolonial e interseccional que revive a potência das encruzilhadas. Uma vez que regimes de verdade da colonialidade concentram poder de identificar o corpo, a autora propõe uma visão do corpo palimpsesto cujas inscrições coloniais rasuraram outras epistemologias e potenciais.	BACELLAR, 2020
Afirma que o cú como um lugar antropológico, palimpsesto. Ressalta, portanto, que é preciso que se investigue processos sociodiscursivos que trabalham para que a sexualidade esteja fixamente ligada e reduzida aos órgãos genitais.	RODRIGUES; SOUSA, 2021, a partir de PRECIADO, 2014
Centraliza o corpo como lugar de mediação e de inscrição de representações sobre questões socio-identitárias.	BEZERRA, 2023

Fonte: produzida pela autora.

Acrescentamos à discussão (Quadro 1) sobre a relação entre os conceitos de corpo e de palimpsesto a visão de que o fruir do corpo, em sua mutabilidade, é a rasura e, portanto, o seu poder, a sua tecnologia, cuja potência a colonialidade busca controlar. Controlar a potência palimpséstica do corpo e materializar sentidos hegemônicos em suas camadas só é possível por meio da constante repetição, de regimes de verdade, da cristalização de binarismos, da naturalização de essencialismos e das assimetrias de poder. Exercer esse controle significa, ainda, assegurar a manutenção de práticas e identidades heteronormativas, uma vez que essas dependem da não-heteronormatividade para serem reafirmadas.

Essa relação é evidenciada por meio da noção de complementaridade (DERRIDA, 1973), na qual a homossexualidade é construída como uma negação da heterossexualidade, reforçando a coesão de sua existência, de forma que, para que a heteronorma exista como tal, ela necessita não apenas do seu par opositivo-negativo, mas da repetição de práticas e processos de identificação que mobilizem essa binaridade. É nesse viés que Derrida (1973) propõe a superação dessa relação por meio da desconstrução, conceituada como uma metodologia que traz à superfície essas relações constitutivas de dependência, mostrando a fragilidade das práticas e conceitos hegemônicos para expandir a potencialidade da desconstrução. Portanto, o

corpo é sua própria potência e sua impermanência é a rasura que abre as fendas e brechas emancipatórias através das quais tecnologias hegemônicas são subvertidas enquanto novas tecnologias de viver são criadas. Não a colonialidade, mas a encruzilhada corporificada (BACELAR, 2020), em suas possibilidades e caminhos, é o poder de raspar-se novamente no palimpsesto que se transforma na simultaneidade de agoras, no devir e no por(vir).

3 (DES)EMBARAÇANDO FIOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, de natureza qualitativa e de caráter interpretativista, investiga como discursos multimodais sobre corpo(s), sexualidade(s) e gênero(s), materializados em *Monstrans: experimentando horromônios* (ARRUDA, 2021), atuam na manutenção ou contestação de hegemonias relacionadas à construção de identidades. Portanto, nos interessa analisar como “interpretações que os participantes da pesquisa fazem a respeito de suas próprias realidades” (HERNÁNDEZ et al., 2013, p. 35) constroem sentidos e identidades, não apenas representando-os.

Compreendemos a pesquisa como “convergência de várias realidades”, haja vista a estreita e ativa relação entre quem pesquisa e o objeto de estudo, pois quem pesquisa submerge “nas experiências dos participantes e constrói o conhecimento, sempre consciente de que é parte do fenômeno estudado” (HERNÁNDEZ et al., 2013, p. 35). Dessa forma, reconhecemos o caráter ético e político da pesquisa, evitando o apagamento tanto da dimensão político-ideológica quanto da sócio-história de sujeitos envolvidos no processo, inclusive a de quem pesquisa (CELANI, 1998, 2005; MOITA LOPES, 2006).

A escolha desse evento discursivo (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006) se dá por ser a primeira *graphic novel* de Lino Arruda, sendo também ganhadora do Mix Literário de Melhor Livro LGBTqiap+ de 2021. Um segundo critério diz respeito à relação entre os temas abordados na narrativa gráfica a partir da experiência transmasculina e as áreas de interesse de pesquisa, a saber: estudos sobre corpo(s), estudos sobre sexualidade(s) e gênero(s), estudos transviados e identitários (BENTO, 2017; BEZERRA, 2022, 2023). Consideramos, também, a importância do lócus de produção do evento discursivo (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006), por se tratar de uma narrativa gráfica criada, produzida e publicada no Brasil. Assim, nos interessa analisar tanto os recursos semióticos usados para construir sentidos quanto as dimensões discursivas e sociais do evento discursivo.

Monstrans: experimentando horromônios (ARRUDA, 2021) se constitui em 4 seções: 1) a Introdução, rica em processos simbólicos e metáforas textuais com foco em um participante que tem sua identidade conferida pelas formas corporais que se assemelham a aracnídeos, equinos e aves; e outros sentidos conceituais mobilizados a partir de símbolos como: espinhas, seios, espelho, constelações e pus; 2) I - Terapia de Conversão, que mescla o corpo-humanizado e o corpo-roedor, trazendo intertextualidades e interdiscursividades com práticas institucionalizadas, como a fisioterapia. Assim, há uma concentração de textos visuais do

corpo-Lina²⁷, pois a narrativa transita, de forma mais enfática, nas experiências de infância e adolescência; 3) I Segunda Natureza, traz à vida narrativa o corpo-Lino, (re)construindo experiências durante a sua vida adulta. Nessa seção, o processo conceitual simbólico corpo-roedor dá lugar à construção de outros sentidos simbólicos, como o derreter, fortemente conectado a questões de identidades, como a disforia; 4) Eu ainda fui, última seção, vem como desfecho narrativo, uma última palavra momentânea de si sobre si, um ponto cravado em uma elipse.

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos da análise, utilizamos o modelo tridimensional do discurso, no âmbito da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006). No nível descritivo da dimensão do texto, mobilizamos o Sistema da Transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) da Linguística Sistêmico-Funcional hallidayana e a sua extrapolação, a Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021). Todavia, não objetivamos mobilizar essas ferramentas teórico-metodológicas de forma exaustiva, mas utilizá-las para “mapear a conexão entre relações de poder e recursos linguísticos [e visuais] selecionados por pessoas ou grupos sociais” (RESENDE; RAMALHO, 2004, p. 185). Dessa forma, apesar de transitar nas metafunções da GDV, há um foco nos sentidos conceituais e narrativos, em virtude da densidade simbólica do texto multimodal. No âmbito da LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), mobilizamos o Sistema de Transitividade, pois as classificações contribuem de forma satisfatória para identificação das relações de poder materializadas no texto verbal. Já para a análise das práticas discursivas e sociais, que constituem as dimensões interpretativas e explicativas do evento discursivo (RESENDE; RAMALHO, 2004), construímos uma perspectiva teórica transdisciplinar com base nos estudos transviados (BENTO, 2017; BEZERRA, 2022, 2023), na interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2006; BUENO, 2020) e nos estudos sobre corpo(s) e identidade(s).

Na etapa descritiva da dimensão textual, busca-se mergulhar no evento discursivo em um processo observação investigativa para “obter as perspectivas e os pontos de vista dos participantes (suas emoções, prioridades, experiências, significados e outros aspectos subjetivos)” (HERNÁNDEZ et al., 2013, p. 34). Portanto, para realizar esta pesquisa,

²⁷ Optamos por utilizar corpo-Lina para nos referirmos ao texto visual que revive as experiências do corpo localizado no espaço-tempo Lina; corpo-Lino para nos referirmos ao corpo que revive o espaço-tempo Lino; corpo-humanizado nos referirmos a visão hegemônica do corpo dito normal; corpo-roedor ou corpo-rato para nos referirmos a uma marcação do corpo-monstro.

realizamos um momento de ir e vir a fim de percorrer possíveis caminhos entre a materialidade dos textos e suas dimensões discursivas e sociais.

No Capítulo seguinte, **Quadro a Quadro: a tecitura viva**, apresentamos a próxima etapa de análises, aprofundando a discussão sobre os temas nos recortes selecionados a partir dos dados aqui discutidos.

4 QUADRO A QUADRO: A TECITURA VIVA

Neste capítulo, analisamos o evento discursivo com base no modelo tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006). Este capítulo se a partir dos referenciais teórico-analíticos, a saber: o modelo tridimensional do discurso da ACD (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006), a partir do qual mobilizamos o Sistema de Transitividade da LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e a GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) para a análise do texto linguístico e visual no nível descritivo de análise, articulando o resultados às teorias críticas sobre corpo, gênero e sexualidade abordadas no Capítulo 2, sobretudo os conceitos de corpo abjeto (KRISTEVA, 1982) e corpo-palimpsesto (COSTA, 2012; BACELLAR, 2020) relacionados a subversão das tecnologias de produção dos corpos (LAURETIS, 1987; HARAWAY, 1991; PRECIADO, 2014) associadas à matriz de dominação (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2006).

Na primeira seção, **Mapeando termos: o léxico do corpo**, mapeamos e discutimos a ocorrência e a concentração das referências aos termos corpo, gênero e sexualidade. Na segunda seção, **Não se nasce abjeto. Torna-se**, analisamos a produção discursiva do corpo-monstro a partir dos sentidos materializados nas aparições do corpo-roedor, investigando, mais profundamente, os sentidos conceituais simbólicos. Na segunda seção, **Produzindo corpos abjetos: a hegemonia no espelho**, analisamos as tecnologias de produção, compreendendo o corpo como uma intersecção, um terreno fraturado, impermanente e tecnológico e intersubjetivo. Já na terceira seção, **O corpo ainda pulsa: subversão é o movimento do corpo**, abordamos os movimentos do corpo produzido abjeto que pulsa em prol da resistência e, assim, passa a subverter de normas hegemônicas que o constituíram abjeto. Já na última seção, **A brecha do desejo (in)desejável**, discutimos a relação entre o desejo e a emancipação, a subversão e a produção de caminhos e experiências. Para tanto, iniciamos com uma breve descrição do evento discursivo, uma vez que, ao longo da análise, transitamos por esse corpo textual de forma não linear.

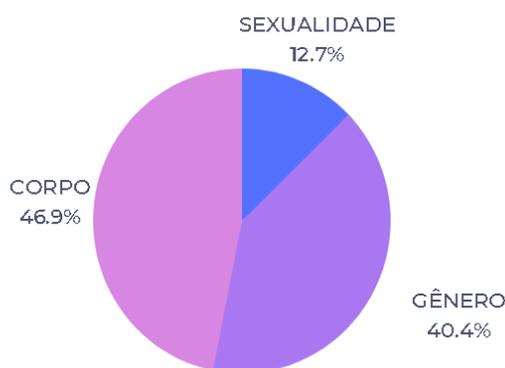
4.1 Mapeando termos: o léxico do corpo

Nesta seção, abordamos os resultados da primeira etapa de análise, na qual mapeamos referências linguísticas, diretas (*ipsis litteris*) e indiretas (fazendo referência ao sentido) aos temas ao longo das quatro seções da obra, identificando e registrando ocorrências dos termos: corpo(s), e sentidos associados; sexualidade, e sentidos associados; gênero, e sentidos

associados. Portanto, sendo a linguagem uma arena de luta permeada por relações sociopolíticas de poder, como Linguista Aplicada Transviada busco “dedicar atenção focal parra as maneiras com que os usos da língua e das linguagens podem discriminar, constranger e violentar” (BEZERRA, 2023, p. 61).

O primeiro dado²⁸ obtido nessa primeira etapa de análise diz respeito aos percentuais de ocorrência desses termos no somatório de referências diretas e indiretas (Gráfico 1), o que nos dá a seguinte configuração: corpo(s) 46,09%, Gênero 40,04%, Sexualidade 12,07%, que representa, respectivamente, 115, 99 e 31 ocorrências mapeadas.

Gráfico 1- Percentuais de ocorrência dos termos

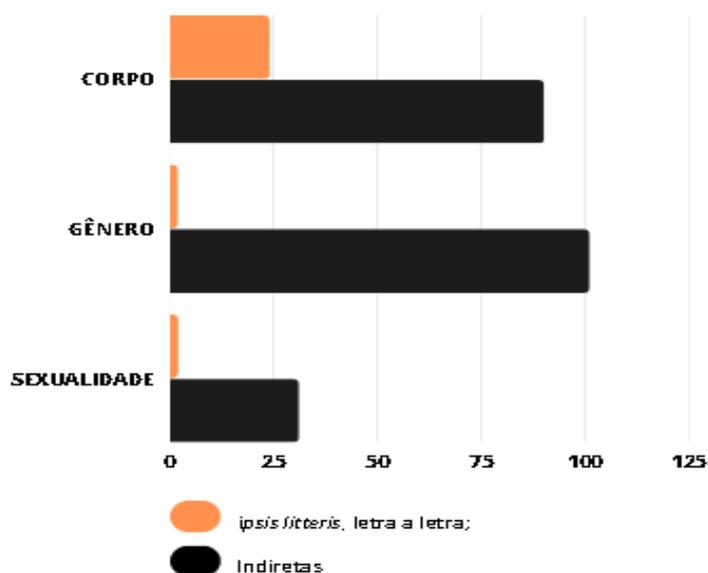


Fonte: produzido pela autora

Apesar da aparente aproximação dos quantitativos das referências a gênero e corpo, o mapeamento lexical das referências diretas e indiretas (Gráfico 2) indica que o termo *corpo* (*ipsis litteris*) aparece com a maior frequência em relação aos demais, vinte e quatro vezes, enquanto *gênero* e *sexualidade* aparecem apenas duas vezes cada. Esse é um dado caro à análise, uma vez que o corpo, terreno onde os marcadores sociais da diferença se materializam, aparece como principal tema da obra.

²⁸ Trazemos agora dados obtidos na primeira fase da análise da obra, uma vez que os dados obtidos durante o mapeamento das referências linguísticas são essências para determinar os critérios de seleção dos trechos que serão analisados.

Gráfico 2 - Percentuais de ocorrência dos termos



Fonte: produzido pela autora.

De forma geral, temos o seguinte: corpo, 24 referências *ipsis litteris* e 90 indiretas; gênero, 2 referências diretas e 101 indiretas; sexualidade, 2 referências diretas e 31 indiretas. Dentre as referências indiretas ao termo corpo, estão: partes do corpo, como pele, acne, rosto, queixo, mão, pé/pézinho/pés, perna, ossos, articulações, barriga, ombro, lombar, bexiga, peito, pulmões, tecido, quadril, estômago, coluna, vertebral, lábios, gengivas, dentre outras; elementos associados ao corpo, como feridas, bactérias, espinhas, inflamações, parasitas, infecções, poros, pragas, voz, carne, membros/extremidades, surdo; e também expressões que identificam o corpo, como entidade mútua, minha formação, partes de mim, meu eu-anterior. A alta frequência de termos como pé, pézinho, pernas, ossos, articulações, e outros nesse sentido, bem como o uso do termo deficiência (ARRUDA, 2021, p. 40), indicam, entre outros fatores, que características e variação dos corpos é um tema importante da na narrativa gráfica.

Nota-se apenas duas referências diretas ao termo gênero, “displasia de gênero” (ARRUDA, 2021, p. 23) e “onde deficiência e *gênero* se cruzam” (ARRUDA, 2021, p. 40). Já dentre referências indiretas ao termo gênero, destacam-se a) elementos que apontam o gênero no corpo, seja no âmbito físico ou comportamento, como testosterona, transmasculinos, transição, transcestral, “mascuLINA”, “femiNINA”, “meu jeito”, menina, filhinha, herói, indo, feminino, mulher, cara, moça, donzela, querido, neta e Lina, dentre outros. Enquanto o nome Lina tem muitas ocorrências, não há, além das referências nos paratextos, ocorrência do nome Lino, dado que manteremos em mente durante as análises. Nessa categoria de referência ao gênero no corpo, incluímos os pronomes “ela” e “ele” quando utilizados na narrativa

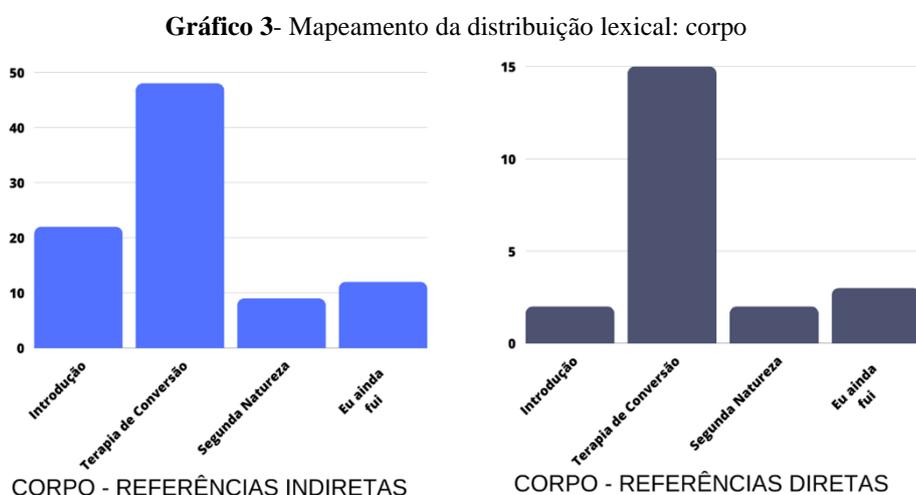
multimodal para apontar o gênero, ou questioná-lo. Há, ainda, a menção a ambientes e objetos identificados por atributos relacionados ao gênero, como banheiro masculino, sapatos masculinos, bexiga trans, sexo feminino, roupa de menina, mulher macho, e ocorrências que tratam de um sentido mais amplo, fazendo alusão ao âmbito institucional como feminilidade, maternidade, mulheridade, nome morto, masculinidade precária.

Destaca-se, ainda, a ocorrência do termo “sapatão”, que foi classificado nas duas categorias por duas razões, a primeira diz respeito à pragmática do uso, uma vez que aparece conectado ao sentido de gênero na sentença: “MULHER MACHO! SAPATÃO! Quer ser homem? Vai apanhar igual homem” (ARRUDA, 2021, p. 32); a segunda porque o termo sapatão é utilizado para marcar o que seria a orientação sexual enquanto se conecta ao atributo macho, conferido a mulher, de forma que há a sugestão do gênero na pragmática do termo sapatão.

No núcleo sexualidade, há duas menções *ipsis litteris*, “heterossexualidade compulsória” (ARRUDA, 2021, p. 24) e “hiperflexibilidade de sexualidade” (ARRUDA, 2021, p. 31). Quanto às referências indiretas, é possível subdividi-las nas seguintes dimensões: a) sexualidade no sentido de identidade, como em sapatão (ARRUDA, 2021, p. 32; 51; 72), hetero (ARRUDA, 2021, p. 55), lésbica (ARRUDA, 2021, p. 36) e bicha (ARRUDA, 2021, p. 24; p. 49); b) associado ao caráter institucional, como no caso da “heterossexualidade compulsória” (ARRUDA, 2021, p. 31); c) no sentido relacional, ou seja, que alude à prática ou a sexualidade constituída nas relações, como em “namorados” (ARRUDA, 2021, p. 66), “só amigas” (ARRUDA, 2021 p. 61), “namorada” (ARRUDA, 2021, p. 56), “amor de vocês” (ARRUDA, 2021, p. 46), “sadomasoquismo” (ARRUDA, 2021, p. 38), “beijar uma menina” (ARRUDA, 2021, p. 33), “toques íntimos” (ARRUDA, 2021, p. 29), entre outras; e d) no sentido de desejo, como em “alguns desejos (...) distorcidos” (ARRUDA, 2021, p. 30), “mais desejáveis” (ARRUDA, 2021, p. 38), orientação do meu desejo (ARRUDA, 2021, p. 42), “atração enorme” (ARRUDA, 2021, p. 42), “paixão platônica” (ARRUDA, 2021, p. 50), “eu te quero” (ARRUDA, 2021, p. 60). Destaca-se que, dentre todos os termos indiretos, Sapatão é o mais recorrente (3 x), seguido de lésbica (2x), o que indica a necessidade de discutir mais profundamente tanto os sentidos da sexualidade, materializados nas escolhas lexicais, quanto a inter-relação gênero-sexualidade, evidenciada no termo sapatão.

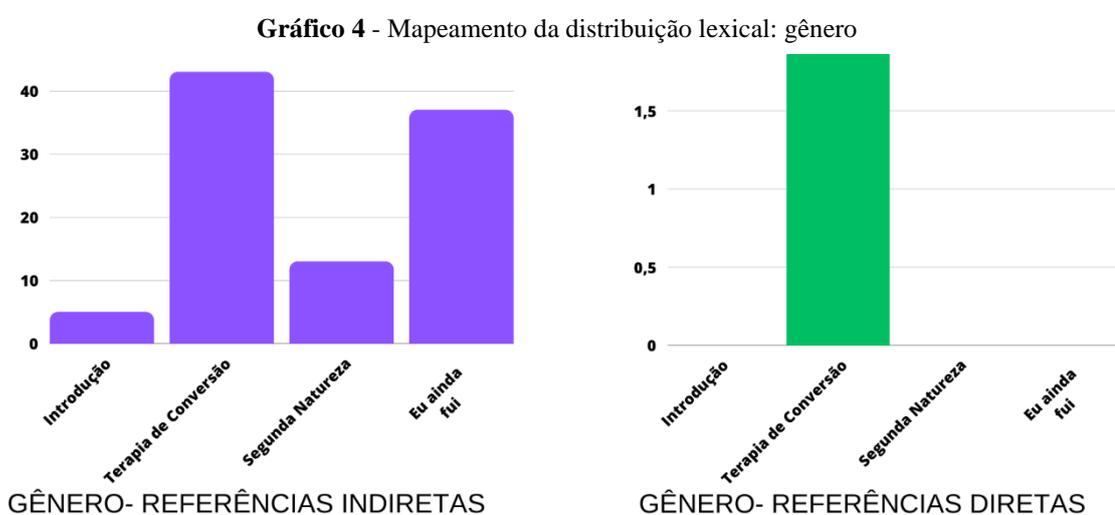
Destaca-se, contudo, que não analisamos, nessa etapa, cada ocorrência individualmente, uma vez que o objetivo é compreender a frequência com que aparecem e como se distribuem.

O mapeamento da distribuição (Gráficos 3, 4 e 5) das ocorrências ao longo dos quatro capítulos da obra, evidenciou a densidade narrativa da seção da obra, intitulada Terapia de Conversão que é, também, a seção mais longa da narrativa, com 29 páginas.



Fonte: produzido pela autora

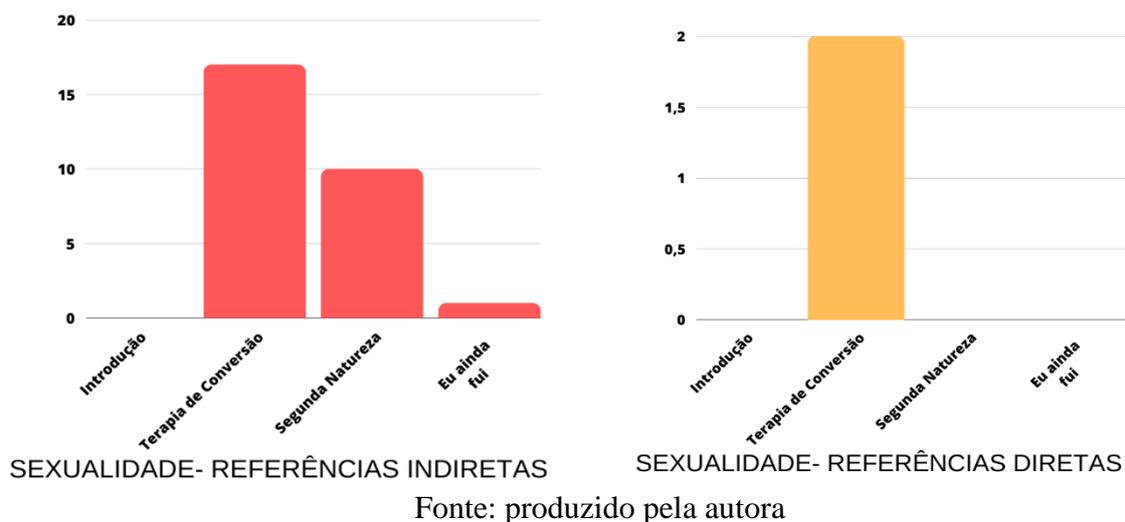
Na categoria corpo (Gráfico 3), a distribuição foi a seguinte: 1) introdução, 2 (*ipsis litteris*) e 22 (indiretas); 2) Terapia de Conversão, 15 (*ipsis litteris*) e 48 (indiretas); 3) Segunda Natureza, 2 (*ipsis litteris*) e 9 (indiretas); 4) Eu ainda fui, 3 (*ipsis litteris*) e 12 (indiretas).



Fonte: produzido pela autora

Na categoria gênero (Gráfico 4), as duas referências *ipsis litteris* aparecem na segunda seção, Terapia de conversão, já as indiretas se distribuem da seguinte maneira: 1) introdução, 5 ocorrências; 2) Terapia de Conversão, 43 ocorrências; 3) Segunda Natureza, 13 ocorrências; 4) Eu ainda fui, 37 ocorrências.

Gráfico 5 - Mapeamento da distribuição lexical: sexualidade

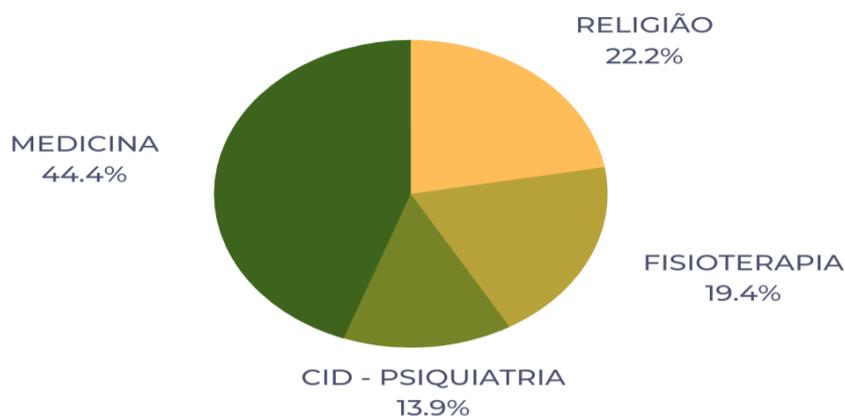


No mapeamento das referências à sexualidade (Gráfico 5), constata-se que as duas referências *ipsis litteris* ocorrem na seção Terapia de Conversão. Quanto às referências indiretas, apresenta-se o seguinte: 1) introdução, nenhuma ocorrência; 2) Terapia de Conversão, 17 ocorrências; 3) Segunda Natureza, 10 ocorrências; 4) Eu ainda fui, 1 ocorrência.

Resultados do mapeamento e da análise lexical, indicam: a) a centralidade temática do corpo no evento discursivo, visto que referências *ipsis litteris* e indiretas ao corpo parecem em maior número e em todas as seções da obra, de forma que o corpo pode ser visto como lócus de materialização de práticas discursivas e sociais relacionadas a identidade; b) que a segunda seção, Terapia de Conversão, tem grande impacto narrativo, uma vez que concentra maior número de referências em categorias de análise, indicando a sua importância para a análise.

A centralidade do corpo traz à tona a necessidade de investigar, mais atentamente, sua relação com atores sociais, pessoas e instituições, uma vez que a análise pode evidenciar assimetrias de poder que mantém a hegemonia (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006). Portanto, acrescentamos uma discussão sobre os recursos por meio dos quais operam as tecnologias de produção do corpo (KRISTEVA, 1982; PRECIADO, 2014).

Gráfico 6 - Tecnologias de produção do corpo (KRISTEVA, 1982; PRECIADO, 2014)



Fonte: produzido pela autora

Na análise, identificamos referências à Medicina, Religião, Fisioterapia e Psiquiatria, cujos sentidos perpassam a obra e se entrecruzam com referências à família, que adquire "métodos" (ARRUDA, 2021, p. 23) de interpelar o corpo a partir destas instituições. Em quantitativos (Gráfico 6), de um total de 36 ocorrências, identifica-se: 16 referências à medicina, 8 referências à religião, 7 referências à fisioterapia e 5 referências à psiquiatria por meio do uso do DSM e da referência ao CID.

Quanto à distribuição ao longo da obra, constata-se o mesmo resultado das demais categorias. São 33 referências na segunda seção, Terapia de Conversão; 2 referências na introdução; 02 na Segunda Natureza e 5 na última seção, Eu ainda fui.

Os resultados dessa etapa contribuíram para o recorte do objeto de pesquisa, sobretudo, dois resultados: a centralidade do corpo e a relevância da seção Terapia de Conversão (ARRUDA, 2021, p. 13-42).

A partir desses indicativos, realizamos uma segunda etapa de leitura-analítica, com foco nos sentidos visuais, a partir da qual identificamos a ênfase do corpo por meio de representações conceituais, especificamente, a figura do corpo-roedor, semelhante a um rato. O rato aparece apenas na seção Terapia de Conversão, o que justificou estabelecer essa seção como ponto de partida para as análises, iniciando-as pela investigação do corpo-roedor. Portanto, começamos a análise crítico discursiva (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006) centrada nas aparições do "corpo-roedor", termo que será utilizado para se referir a hibridéz humano-rato, enquanto utilizamos o termo "corpo-humanizado" para se referir ao

corpo que parece humano, ou seja, cuja existência normativa lhe confere a inteligibilidade sociodiscursiva de humano.

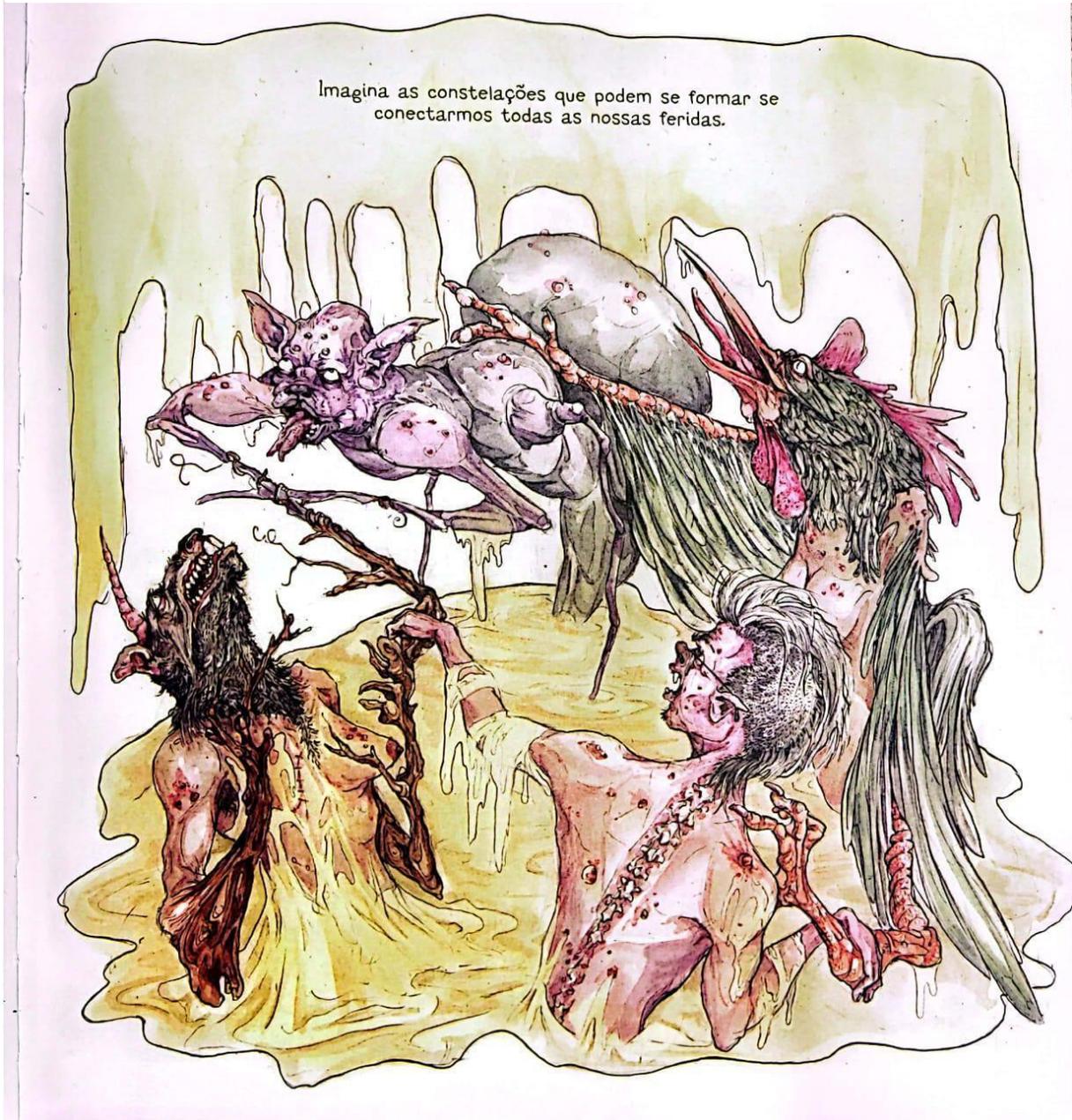
4.2 Não se nasce abjeto. Torna-se

O ancoramento da identidade em um eixo de determinação é evidente na clássica colocação beauvoriana, que sugere a força determinante da experiência social na atribuição da identidade do corpo (BEAUVOIR, 1967). Todavia, se a constância impermanente dos corpos em trânsito rompe eixos de ancoragem da identidade estável e definitiva, a construção, manutenção e o reforço das tecnologias de produção (LAURETIS, 1987; HARAWAY, 2009; PRECIADO, 2014) do corpo abjeto (KRISTEVA, 1982) espriam-se como resultado da repetição de práticas sociais e discursivas (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006). Portanto, nesta seção, focamos nos rastros do corpo-monstro, particularmente o corpo-roedor, principal participante da seção Terapia de Conversão, que concentra as ocorrências lexicais em referência aos temas centrais.

Na introdução, que antecede a seção Terapia de Conversão, assistimos a um corpo híbrido de diferentes animais expurgar seus fluidos, ditos sujos e repulsivos, espremendo-se para se constituir dizente e escritor de si (Figura 1).

Envolvidos por fluidos corporais, esses corpos se conectam, de forma que são ao mesmo tempo um-vários, conforme podemos perceber pelas diversas representações do eu (Figura 1). Percebemos que os participantes da imagem (Figura 1) têm corpos híbridos com animais e estão envolvidos por líquido amarelado que escorre pela página, porém, o escorrer desse fluido se inicia nas páginas anteriores quando o participante principal espreme um grande caroço, fazendo jorrar esse fluido corporal que escorre pelos quadros seguintes. Na última página, esse líquido que transborda do corpo é o mesmo que envolve os demais participantes, construindo um sentido de conexão entre diferentes camadas do eu. Essa construção de sentidos evidencia a variabilidade (GARLAND-THOMSON, 2005) e interseccionalidade (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2016) como constituinte do corpo, de forma que este não é visto como estático e uno, mas como múltiplo. Assim, o texto narrativo sinaliza essa conexão de feridas, ou seja, de camadas de abjetificação que se relacionam tanto no corpo do Lino quanto na interconexão com outros corpos produzidos.

Figura 1 - Corpos fluidos: a conexão corpo-textual



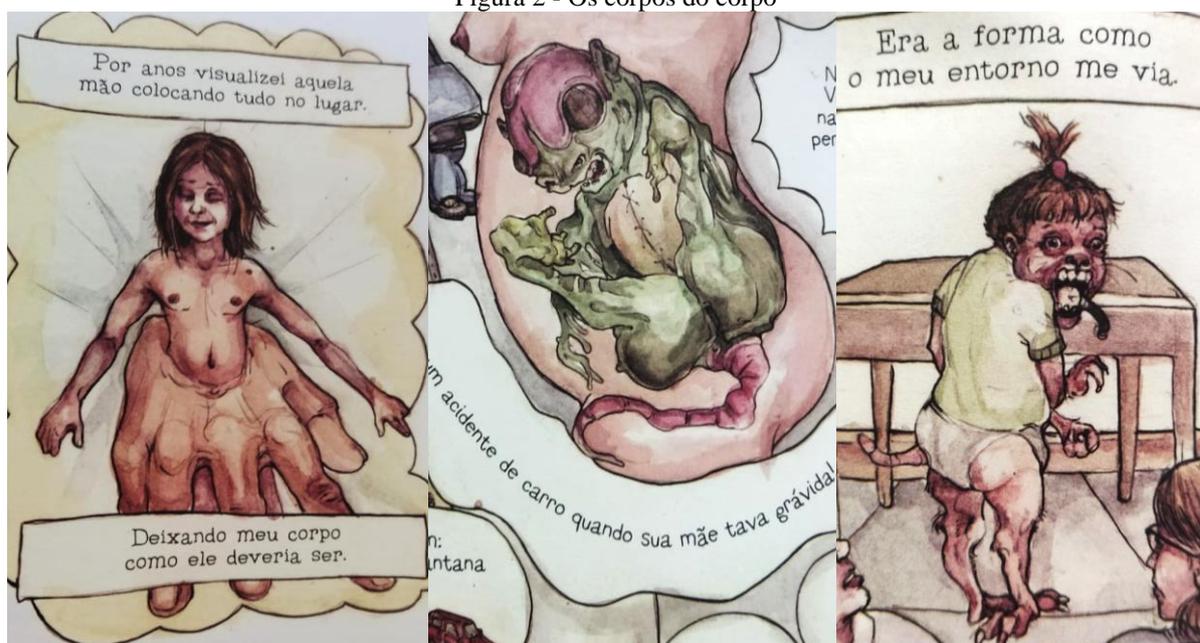
Fonte (ARRUDA, 2021, p. 11)

Os fluídos corporais, lidos no processo de abjetificação, como marcas deixadas por corpos impuros, repulsivos, sujos, nojentos (OLIVEIRA, 2020) adquirem outros sentidos emancipatórios nessa materialização (Figura 1). É justamente por se situar “nessa fronteira entre o ‘eu’ e o ‘mundo’, entre o ‘indivíduo’ e o ‘outro’” (OLIVEIRA, 2020, p. 193) que os fluidos corporais são forças de conexão que modificam não só a noção de humanidade, mas de pertencimento. Portanto, dialogando com esses corpos, olhando-os nos olhos, ouvindo-os

produzir uma multiplicidade de sons e sentidos que se constroem no respirar de um corpo-monstro. Por entre suas brechas entram e saem sentidos plurais e mutáveis.

A polimorfia do corpo-palimpsesto (CARRETO, 2008; COSTA, 2012; BACELLAR, 2020) fica evidente no mosaico de corpos materializado nessas páginas, iniciando-se com um corpo-humanizado, passando pela gestação de um corpo-girino híbrido e evidenciando-se nos rastros do corpo-roedor (Figura 2), conforme percebemos nas imagens a seguir.

Figura 2 - Os corpos do corpo



Fonte (ARRUDA, 2021, pp 16, 17 ,20)

A primeira imagem (ARRUDA, 2021, p. 16) é o desfecho de uma sequência que reconstrói experiências do corpo-Lina, particularmente uma técnica desenvolvida por ela para reescrever o seu corpo. “Imaginei uma mão gigante, feita de luz. Ela descia me escaneando meticulosamente por dentro e por fora e corrigia minhas imperfeições”, diz o texto narrativo, acrescentando, “Chamava de “a mão de deus” (ARRUDA, 2021, p. 15). Assim, ao mesmo tempo que o texto aciona a religião como uma tecnologia de produção do corpo (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987; HARAWAY, 1991; PRECIADO, 2014), o corpo é transpassado pela mão que o escreve, dotada do poder de transformá-lo e produzi-lo de acordo com o desejo de(o) ser. Além disso, há uma forte relação simbólica entre a mão e uma saia, elemento que aponta interdiscursivamente para a performatividade de gênero (BUTLER, 2003), de forma que sua produção no corpo está diretamente associada as tecnologias que o sustentam e as normas hegemônicas.

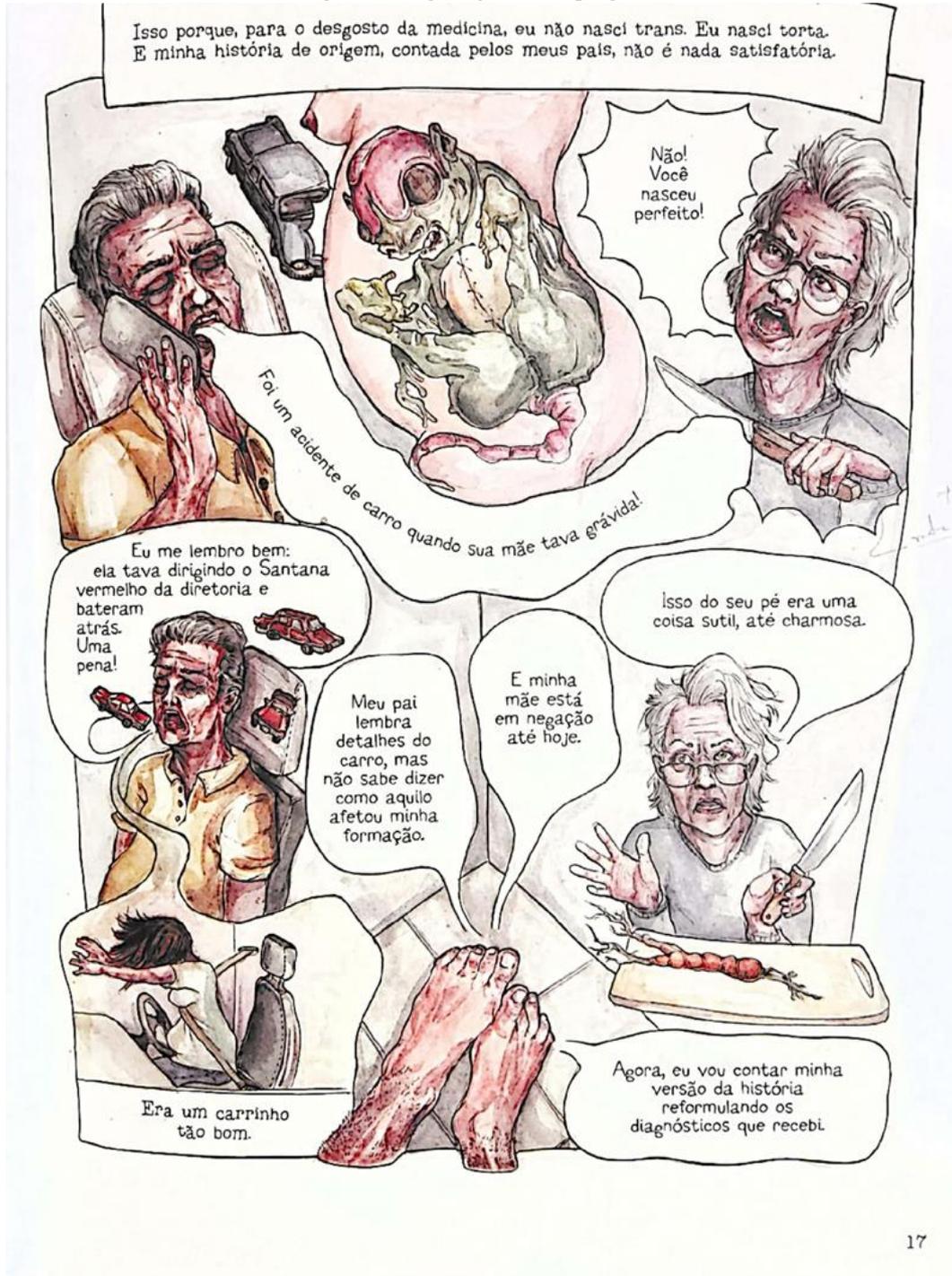
O segundo corpo, gestado em uma barriga humana, tem a aparência de um feto girino, no qual o roedor, materializado pelo rabo, já está inscrito, como uma outra camada do corpo-palimpsesto (CARRETO, 2008; COSTA, 2012; BACELLAR, 2020). O girino, enquanto símbolo sociocultural, remete a sexualidade dialogando interdiscursivamente com a imagem as sapas, termo utilizado para se referir a mulheres lésbicas e, ao mesmo tempo, inter-relaciona-se com o texto verbal narrativo, “para desgosto da medicina, eu não nasci trans. Eu nasci torta” (Figura 3).

O corpo-roedor (Figura 2), último da sequência, será discutido mais profundamente adiante, uma vez que é a materialização do corpo que mais aparece na narrativa, sendo o portador da maioria dos processos simbólicos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) da seção Terapia de Conversão. Porém, antes de nos concentrarmos no corpo-roedor, cabem algumas considerações a partir da página (Figura 3) que nos apresenta a gestação do corpo-girino.

Essa página (Figura 3) sintetiza marcos e marcas da vida de Lino, cujos fluxos se entrecruzam e interseccionam enquanto se materializam nas camadas do corpo. No texto, observa-se cinco participantes: o girino, com um rabo de roedor, os pés, no centro inferior da imagem, a cenoura, o pai, a mãe e o carro, de forma que, tanto as pessoas quanto os símbolos, revivem, em um tempo-espaço não linear, momentos distintos dos corpos, sobretudo no caso de Lino e da sua mãe. Há ainda dois elementos de personificação: o girino, que além das características híbridas com o feto humana está situado em uma barriga humana; e a cenoura que, por meio de um processo simbólico sugestivo, possui pernas associadas ao corpo humano. Ambos os participantes estão situados próximos à faca que, empunhada pela mãe, se transforma em um vetor de ação, sugerindo, ruptura e, intertextualmente, aludindo a uma possível castração do corpo.

Há um potencial transgressivo no estilo da composição, além da distribuição dos elementos, destacamos a ausência da sarjeta no canto superior direito, quebrando um padrão esperado para a linguagem dos quadrinhos; e o pé como falante, contando a história do corpo. Nessa seção, conhecemos a história de Lino junto com a história do seu corpo, sobretudo em relação à deficiência constada no seu nascimento, uma luxação no pé que desencadeia um desalinhamento no ósseo e corporal. Assim, reconstruindo o nascer do corpo, Arruda (2021) reescreve sua história de origem enquanto aponta tecnologias envolvidas na produção do seu corpo (LAURETIS, 1987; HARAWAY, 1991; PRECIADO, 2014) na oração *para o desgosto da medicina, eu não nasci trans*.

Figura 3 - A gestação do corpo-girino



Interdiscursivamente, a oração ecoa e rejeita o discurso frequente na sociedade, e dentro da comunidade LGBTQIA +, de que nascemos desse jeito e, portanto, precisamos apenas ajustar o corpo à sua essência primeira. Enquanto o termo *nascer* mobiliza os sentidos de gestação, também materializados na imagem da barriga da mãe, a oração evidencia os recursos institucionais (LAURETIS, 1987; BEZERRA, 2022) envolvidos na mediação e modulação do corpo. Vejamos a sistematização da análise de transitividade do texto narrativo da Figura 3:

Quadro 2 - Análise de Transitividade da Figura 3

Para	o desgosto	da medicina	eu não nasci trans
	P. Mental Desiderativo	Experienciador	Fenômeno

Eu	não nasci [não era]	trans
Portador	Proc. Relacional Intensivo	Atributo
Eu	nasci	torta
Portador	Proc. Relacional Intensivo	Atributo

Fonte: produzida pela autora

Nesses processos (Quadro 2), o *eu* aparece primeiramente como fenômeno experienciado pela *medicina* em um sentimento negativo, de desgosto. A razão dessa reação é explicitada nos outros dois processos relacionais, nos quais o *eu* identifica seu corpo-bebê por meio de dois atributos, *não-trans* e *torta*. O termo *torta*, como um recurso linguístico (LAURETIS, 1987; BEZERRA, 2022), materializa a intersecção entre o gênero feminino e a tipologia do corpo, pois faz referência à luxação nos pés. Essa intertextualidade também se realiza visualmente (KRESS, LEEUWEN, 2006), uma vez que temos, na posição de ideal, a gestação do girino e, na posição do real, os pés, dizentes do processo visual verbal que tem como *verbiage* a oração *Agora, eu vou contar a minha versão da história reformulando os diagnósticos que recebi*.

Nessa oração, o eu é dizente de sua própria história, tem o poder de contar sobre si, sendo também ator na ação de *reformular* os diagnósticos que o definiram até então. Por meio desse jogo simbólico-narrativo, são os pés, desviados da tipologia diagnosticada normal são o outro extremo da boca (CLÍMACO, 2018; GOMES et al. 2019), que têm o poder do dizer, de

contar a história do corpo e, ao mesmo tempo, de agir, ou seja, reformular(-se), por meio dos diagnósticos, as verdades do corpo. Ademais, no Sistema da Valor da metafunção composicional, a localização dos pés no centro inferior sugere sua relação com o real, ao mesmo tempo, simbolicamente, os pés são a parte do corpo que toca o chão, trazendo à tona o impacto dessa configuração corporal na realidade e nas experiências de Lino (Figura 3). Assim, o marcador social da diferença “deficiência”, se posiciona no limite entre o corpo e o chão, a realidade, o mundo, a sociedade. Portanto, processos de abjetificação e exclusão fazem com que corpos que destoam da configuração designada normal vivam a deficiência social sustentada pela exclusão de outras possibilidades de ser e viver.

Interdiscursivamente, isso traz à baila a modulação dos corpos por meio da medicina, com o foco para a avaliação e o diagnóstico da normalidade do eu por meio do DSM (Manual Estatístico e Diagnóstico de Transtornos Mentais), que classifica o corpo-mente em tipologias binárias e auto excludentes, normal-patológico. O termo *diagnóstico*, portanto, indica tecnologias (LAURETIS, 1987; HARAWAY, 1991; PRECIADO, 2014) de produção, controle, disciplinamento, punição e, portanto, abjetificação do corpo-dito-desviado.

Entre o DSM-4 e o DSM-5, a terminologia Transtorno de Identidade de Gênero foi alterada para a atual Disforia de Gênero. Em ambos os casos, o diagnóstico de anormalidade se baseia em uma ideia de incoerência entre sexo do nascimento, que designa o gênero atribuído ao bebê, e o sexo verdadeiro, alinhado ao gênero com o qual a pessoa se identifica. O manual, traduzido do inglês, explica que “os termos sexo e sexual referem-se aos indicadores biológicos de masculino e feminino (compreendidos no contexto de capacidade reprodutiva), como cromossomos sexuais, gônadas, hormônios sexuais e genitália interna e externa não ambígua” (DSM-5, 2014, p. 451).

Ter como critério central genitálias e características biológicas não ambíguas para ancorar a normalidade do corpo sugere que a coerência corpo-norma é crucial na fabricação de modelos hegemônicos que são materializados nos corpos por meio dos recursos tecnológicos que os produzem (LAURETIS, 1987; BEZERRA, 2022). O corpo disfórico, abjeto (KRISTEVA, 1982), é identificado como um desvio, uma discrepância, que necessita de correção em razão do seu “transtorno do desenvolvimento sexual” (DSM-5, 2014, p. 451). Portanto, atribuir o desvio ao corpo legitima uma mudança não marcada, uma produção com ares de neutralidade, a naturalização de uma interferência, muitas vezes cirúrgica, mas discursivamente naturalizada como normal, de forma que a produção de corpos abjetos (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987; HARAWAY, 2009[1991]; PRECIADO, 2014;

BEZERRA, 2022) serve, diretamente, à manutenção da hegemonia (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006), conforme explica o DSM-5:

o termo gênero é utilizado para denotar o papel público desempenhado (e em geral juridicamente reconhecido) como menino ou menina, homem ou mulher; porém, diferentemente de determinadas teorias construcionistas sociais, os fatores biológicos, em interação com fatores sociais e psicológicos, são considerados como contribuindo para o desenvolvimento do gênero (DSM-5, 2014, p. 451).

O DSM-5 (2014) intertextualiza com a crítica feminista do século XIX, na linha de pensamento socioconstrutivista, para reafirmar a influência dos fatores biológicos, todavia, de forma incongruente, atribui aos corpos intersexuais “indicadores biológicos conflitantes ou ambíguos de sexo” (DSM-5 p. 451).

Preciado (2014) aponta que o termo “gênero” foi cunhado por John Money para sanar o problema da identificação do sexo do corpo, visto que não poderia ser prevista a partir dos indicadores biológicos, dada a variabilidade das genitálias e as pessoas intersexo. Paralelamente, o DSM-5 se propõe a sanar o problema de que as pessoas podem desenvolver, ao longo da vida, uma identidade em “desacordo com seu conjunto uniforme de indicadores biológicos clássicos” (DSM-5, 451). Para isso, traz-se à baila o gênero do nascimento, designação de gênero, identificado a partir de indicadores biológicos que, embora pareçam o corpo, conferindo-o apenas uma classificação, produzem gênero e sexo pelos recursos por meio dos quais operam a tecnologias de produção do corpo (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987; HARAWAY, 2009[1991]; PRECIADO, 2014; BEZERRA, 2022).

Na imagem (Figura 3), o girino, ainda na barriga da mãe, é meta da ação do carro, da qual resulta a luxação no corpo, de forma que o este está, em todas as etapas de sua constituição, à mercê de forças que o produzem. Há, ainda, um forte sentido simbólico realizado pelo vetor da faca apontada para o feto enquanto a mãe afirma “você nasceu perfeito” (ARRUDA, 2021, p. 17). O adjetivo *perfeito*, flexionado no masculino, contrasta com o termo *torta*, indicando diferentes lugares no tempo-espço do mesmo corpo. Ao mesmo tempo, o girino está visualmente entre a faca e o acidente, eventos que interpelam a produção do corpo. Além disso, as feições da mãe, associadas ao objeto faca, realizam sentidos de raiva e agressividade, corroborados pelo formato pontiagudo do balão.

Há, ainda, uma intertextualidade de forte impacto narrativo, que será retomada ao final desta seção: o paralelismo entre a cenoura e os pés tortos é realizado, no nível conceitual simbólico, pela bifurcação na cenoura, atribuindo sentidos simbólicos de pernas. Assim, a *cenoura* bifurcada cria um intertexto com os *pés* e um interdiscurso com a deficiência

(CLÍMACO, 2018; GOMES et al. 2019). Na base da imagem, a cenoura está à mercê da faca, novamente empunhada pela mãe, enquanto o carro sai da boca do pai como elemento principal na descrição do acidente que gerou a luxação e resultou na deficiência, conforme a representação do acidente materializado na Figura 3. Portanto, a imagem dos pés como dizente dos processos verbais e narrador da história, associada a frequência e a concentração desse termo ao longo da seção, indica a centralidade do corpo e de seus marcadores, nesse caso, a deficiência (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2016).

Essas relações intertextuais e interdiscursivas evidenciam que as tecnologias hegemônicas de produção do sexo (LAURETIS, 1987; HARAWAY, 2009 [1991]; PRECIADO, 2014) operam por meio de práticas sociais, como o DSM-5, que reforçam os arranjos compulsórios de coerência corpo-identidade. Esse caráter tecnológico da produção dos corpos é evidenciado pelo “sujeito em processo” de Kristeva (1989), que implica dois sentidos: o sentido processual, de constante mudança, do vir a ser; e o sentido judicial, de processado, ou seja, submetido ao julgamento, a intervenção externa, desde a sua gestação enquanto corpo-discurso-matéria.

Há, portanto, a intersecção entre gênero e deficiência, fortemente marcada pelo texto visual e verbal enquanto percebe-se que a raça e a classe social, evidenciada pelo carro (Figura 3), mesmo que não marcadas linguisticamente, estão em ação no evento discursivo, de forma que é visível o entrecruzar de marcadores sociais, como raça, deficiência, sexualidade e gênero (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2016). A intersecção gênero e deficiência é evidenciada nas marcas linguísticas materializadas nos atributos *torta* e *trans*, de forma que essa intersecção se estreita enquanto se inscreve no corpo. Além disso, não nascer trans aparece em paralelo com nascer torta, sendo ambos atributos, mas apenas o primeiro é fenômeno do desgosto da medicina.

Notadamente, enquanto cirurgias de afirmação de gênero, que tomam como base um molde hegemônico de corpos, são vistas como processos normais, o processo de transição de gênero ora é discursivamente materializado como gerador de caos, de quebra da ordem ora aparece como uma forma de conter o caos e resolver a incoerência do corpo para, assim, gerar a normalidade. Portanto, o jogo normal-anormal é mobilizado como uma ideologia que justifica a produção de corpos abjetos, uma vez que a anormalidade deverá ser corrigida pela medicina (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987; HARAWAY, 2009 [1991]; PRECIADO, 2014; BEZERRA, 2022).

Dizer que não nasceu trans quebra a principal justificativa de certas práticas médicas que se colocam na posição de esculpir o corpo de acordo com sua verdade essencial. Dizer-se

torta e não trans, significa, portanto, que a mediação e modulação tecnológica institucionalizada não é a salvação que finalmente encontrará o corpo perdido no caos da incoerência. Assim, não parece ser possível apontar o limite entre o corpo natural e o corpo tecnologicamente produzido, pondo em xeque a ideia de uma constituição metafísica do corpo e trazendo à tona a produção discursiva da diferença que se materializa enquanto uma prática social central à gestação discursiva do corpo-abjeto.

Na seção seguinte, nos debruçamos sobre os processos que envolvem a produção do corpo-monstro, sobretudo as tecnologias por meio das quais opera a matriz de dominação e se sustentam as normas hegemônicas.

4.3 A produção do corpo-monstro

Figura 4 - O corpo sob pressão



Fonte: ARRUDA, 2021, p.19

Na sua primeira aparição (Figura 4), o corpo-humanizado se transforma progressivamente no corpo-roedor, sendo acrescido de atributos simbólicos, como a postura corporal, no segundo quadro, e as orelhas, a coluna e as feições, no terceiro quadro. No primeiro quadro, o rabo e os pés tortos estão em evidência na dimensão do real e são posicionados no centro da imagem, evidenciando não só a relação entre deficiência e abjetificação, mas a centralidade desses temas na narrativa.

Além disso, há uma linha diagonal que corta os quadrinhos, na medida em que violenta, limita e desumaniza o corpo em processo de abjetificação, de forma a limitar, reduzir e exaurir sua possibilidade da ação e trânsito social. Portanto, a linha do enquadramento parece empurrar o corpo-roedor para baixo, materializando, de maneira interdiscursiva, práticas sociais de abjetificação desses corpos. Essa mudança do corpo frente a produção da abjetificação fica evidente também pelo olhar e a postura da participante, os quais vão mudando e perdendo força enquanto o balão de fala parece crescer e expandir. Há, todavia, um contraste entre o rabo do corpo-roedor, que contradiz o olhar subjugado e parece resistir de forma pujante às vozes que abjetificam o corpo (Figura 3).

Nos balões de fala, os processos verbais “LINA! Arruma o pé! LINA! Senta direito! LINA! Olha a postura! LINA! Não deita de barriga pra baixo!” têm uma função explicativa ao detalhar os tratamentos caseiros realizados para corrigir a tortuosidade do corpo impedindo “desenvolvimentos anormais” (ARRUDA, 2021, p. 23). Percebemos, no segundo e terceiro quadro, que o balão está fora da linha de corte, de forma que a monstrosidade parece estar fora do controle do pai e da mãe.

No texto narrativo lemos: “Com as consultas, diagnósticos e tratamentos se intensificando, os métodos caseiros ganharam novas tonalidades” (ARRUDA, 2021, p. 23). Nessa oração, consultas, diagnósticos e tratamentos são práticas sociais que legitimam certas mudanças nos corpos enquanto abjetificam outras, operando por meio da ideologia normal/anormal para naturalizar o discurso de que toda correção do corpo é natural desde que seja para adequá-lo às normas.

Nesse sentido, Bezerra (2023, p. 51) discute processos históricos de padronização de corpos e subjetividades evidenciando a colonialidade “como uma das forças regulatórias mais significativas desse processo”, destacando “o poder governamental que cria as divisões entre quem deve ter sua proteção geral (corpos, direitos, etc.) e quem transgride tais padrões normativos e, portanto, escapa desse lugar privilegiado de salvaguarda sociopolítica”. A relação entre os processos de engendramento dos corpos e a colonialidade também é apontada por Lugones (2014) ao analisar a atribuição de gênero aos corpos indígenas com vivências distintas e não hegemônicas do que é hoje concebido como gênero.

Nessa mesma ótica, Simakawa (2014) analisa detalhadamente como as relações entre os sistemas da cisheteronormatividade e da colonialidade informa como são compreendidas socialmente as diversidades de corpos e de gêneros e procura “destacar as complexas interações entre a produção de corpos e gêneros inconformes, com as intersecções de colonialidades, racismos e outros processos normativos” (SIMAKAWA, 2015, p. 48). Portanto, as práticas e

discursos que atravessam os corpos, subjetividades, identidades e experiências são também parte de processos sociopolíticos e institucionais por meio dos quais se exerce o poder.

É em função dessas práticas, circunstâncias oracionais, que os métodos caseiros ganham novos tons (Figura 4), materializando práticas sociais no domínio familiar que operam como recursos semióticos, institucionais, linguísticos e discursivos a serviço das tecnologias de produção do corpo dito normal (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987; HARAWAY, 1991; PRECIADO, 2014; BEZERRA, 2022). Portanto, essas novas tonalidades evidenciam a repetição de práticas que visam controlar o fluxo e o impulso do corpo dito anormal por meio da repetição de práticas hegemônicas.

Vejamos a seguir a sistematização da análise de transitividade dos elementos linguísticos da Figura 4:

Quadro 3 - Análise de Transitividade Figura 4

LINA	[LINA]	Arruma	o pé
Vocativo	Ator	Proc. Material	Meta

LINA	[LINA]	senta	direito
Vocativo	Ator	Proc. Material	Circunstância Modo

LINA	[LINA]	Olha	a postura
Vocativo	Experienciador	Proc. Mental Cognitivo	Fenômeno

LINA	[LINA]	Não deita	de barriga pra baixo
Vocativo	Ator	P. Material	Circ. Modo

Fonte: produzida pela autora.

Nas quatro orações (Quadro 3), apesar de LINA encabeçar ações (arruma (material), senta (material), olha (cognitivo), deita (material) voltadas ao corpo (pé, tronco, coluna, barriga), esses processos são iniciados por uma terceira pessoa, sugerida tanto pelo uso do indicativo, deita, olha, senta, arruma, quanto pelo nome em caixa alta e as marcas visuais de falta indicando uma ação verbal. Essa construção é reforçada pelo atributo *direito*, relacionado

à ação de sentar, evidenciando o controle do corpo durante a realização de uma prática social fortemente vigiada, sobretudo para o gênero feminino. A ação das tecnologias hegemônicas no domínio familiar fica evidente, também, no texto narrativo *Meus pais acreditavam que tudo se ajeitava com o tempo: bastariam alguns incentivos verbais* (Figura 4), materializando práticas sociais autoritárias como parte do processo de abjetificação.

Analisando essas orações (Quadro 3), percebe-se a abjetificação, ou seja, a transformação da participante em roedor ao passo que os pais a abjetificam, ocorre, muitas vezes, na dimensão do não-dito, do implícito, uma vez que o comando *senta direito* implica que a forma como se está sentada é errada, da mesma forma que *olha e arruma* materializam o mesmo discurso de correção da anormalidade.

Há uma relação sequencial entre os quadros (Figura 4), estabelecida pelo Sistema de Valor da GDV, na qual o elemento à direita é lido com o valor dado (conhecido), e o elemento à esquerda com valor de novo, indicando a passagem do tempo. Segundo Eisner (2010), a sarjeta, espaço entre e abaixo dos quadros, é responsável, entre outras coisas, pela realização visual do tempo. Além disso, as linhas pontilhadas na demarcação dos três quadros sugerem que os sentidos por eles construídos se interpenetram e interconectam, sugerindo um continuum de limitação imposto ao corpo. Portanto, a construção do corpo-roedor nessa sequência parece ser mediada por tecnologias que operam por meio de recursos semióticos, discursivos, epistemológicos e institucionais (LAURETIS, 1994a apud BEZERRA, 2022), de forma que a monstruosidade que se materializa na figura do corpo-roedor vem de fora.

Nesse caso, é evidente o entrecruzamento dos recursos epistemológicos, semióticos, discursivos e institucionais (LAURETIS, 1987; BEZERRA, 2022) na linha diagonal que parece a) retirar, progressivamente, a possibilidade do corpo ser inteligido socialmente como humano; b) a atribuir características animais conectada às ações do dizer; c) reforçar a ideologia da correção a partir do discurso de que a anormalidade é caótica e repulsiva e, portanto, deve ser removida para produção da normalidade/humanidade. Portanto, essa conjunção de forças representada pela linha diagonal materializa a tríade opressora conceituada por Bezerra (2023), sobretudo por se referir tanto à abjeção e à desumanização fabricada quanto à invisibilização das violências, percebidas como naturais ao entorno, sendo parte de processos de adaptação do corpo às normas hegemônica sociopolíticas e institucionais.

Figura 5 - Segunda aparição do corpo-roedor



Fonte: ARRUDA, 2021, p. 20

Na segunda aparição do corpo-roedor (Figura 5) há novamente um sentido de progressão que aprofunda o processo simbólico atributivo, uma vez que a forma do corpo vai mudando gradualmente de um ponto dito normal até o animalesco.

Nessa sequência, vemos: a) o corpo-humanizado de uma criança branca visível da cintura para cima e que é ator da ação de mastigar um relógio; b) os pés, protagonistas do quadro do meio, centralizados na imagem e entrecruzados, evidenciando os contornos das pernas e a forma da bacia; c) um corpo com maior hibridez humano-roedor, na posição de informação nova, que tem a boca e as mãos abertas e uma expressão que parece misturar surpresa, medo e agressividade. Portanto, a progressão que parte do dito normal até a monstruosidade passa pela centralidade do marcador deficiência nas práticas sociais de abjetificação materializadas na sequência (Figura 5), de forma que parece o discurso capacitista parece mediar a compreensão da normalidade do corpo, todavia, sem se apartar dos outros marcadores sociais, como raça e gênero.

À medida em que a linha transformativa se realiza, o corpo é o fenômeno da reação enquanto o contato por demanda e o ângulo frontal da dimensão interativa nos colocam também como reagentes ao corpo. Ademais, a mudança de foco entre os quadros 1 e 3 sugere o escrutínio do corpo que, enquanto fenômeno, é julgado e condenado, materializando a prática de olhar alguém de cima a baixo e criando interdiscurso com práticas de discriminação e exclusão. Encontramos, portanto, mais uma evidência de como o sujeito-em-processo (KRISTEVA, 1982) tanto em seu sentido transformacional quanto processual, é abjetificado em práticas sociais que materializam e aprofundam assimetrias de poder (RESENDE; RAMALHO, 2006).

Assim, os recursos por meio dos quais as tecnologias hegemônicas operam necessitam da oposição normal/anormal, uma vez que, conforme lemos no texto verbal, o problema não é o corpo.

Vejamos, no Quadro 4, os resultados da análise de transitividade do texto linguístico da Figura 5:

Quadro 4 - Análise de Transitividade Figura 5

O problema	também não era	o meu desejo
Identificado	Relacional Intensivo Identificante	Identificador
[O problema]	[não era] nem	o meu corpo
Identificado	Relacional Intensivo Identificante	Identificador
[O problema]	era	a forma como meu entorno me via
Identificado	Relacional Intensivo Identificante	Identificador

Fonte: autora

A partir desses processos (Quadro 4) percebe-se o entrecruzar desejo e deficiência. O desejo, nesse caso, é o termo linguístico referido no primeiro quadro, situando simbolicamente a relação entre o corpo e a sexualidade por meio do processo acional de morder o relógio. Como ponto erógeno, a boca, sobretudo nos anos iniciais, é uma zona de prazer e experimentação, portanto o desejo realizado pela boca que morde o relógio. Ainda que sutil, essa relação sexualidade-corpo vai sendo aprofundada ao longo do evento discursivo, sempre em intersecção com outros marcadores, como a deficiência. Uma vez que o problema não era nem o desejo, nem o corpo, o terceiro quadro evidencia a força dos recursos epistemológicos na produção de corpos abjetos, visto que é a partir do olhar do entorno que o corpo se metamorfoseia para um animal raivoso (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987; HARAWAY, 2009[1991]; PRECIADO, 2014; BEZERRA, 2022).

4.4 Produzindo corpos abjetos: a hegemonia no espelho

A produção de corpos abjetos opera também por meio de recursos epistemológicos e semióticos (KRISTEVA, 1982), visto que há uma relação de poder entre o olhar alheio e a

identificação e compreensão subjetiva do eu e do outro. Portanto, as relações interpessoais são recursos que têm influência intersubjetiva na produção do corpo e da mente.

Figura 6 - O corpo interpelado pelo reflexo



Fonte: ARRUDA, 2021, p. 22

Na Figura 6, o terceiro quadro (novo) demarca um processo de abjetificação que tem como clímax a produção do reflexo do rato totalmente metamorfoseado, isto é, sem traços do corpo humanizado. A seção Terapia de Conversão materializa intertextualidades como o DSM-5 (2014), manual que legitima práticas sociais no âmbito da saúde, uma vez que é o meio de diagnóstico da normalidade da mente e, por conseguinte, do corpo. Assim, os quadrinhos (Figura 6) revivem a rotina dos tratamentos e intervenções fisioterapêuticas voltadas ao reposicionamento do quadril e do joelho para corrigir a tortuosidade oriunda da luxação nos pés.

A intervenção fisioterapêutica fica nítida pela posição de fenômeno que o corpo ocupa nos processos verbais, realizados pelos balões de fala dos primeiro e segundo quadros, cujos textos também materializam processos relacionados ao ato de olhar por meio dos termos *veja*, *dá pra ver*, *como deveria ver*. Já no texto visual, esse sentido é construído pela presença do espelho, que faz do corpo-humanizado fenômeno tanto do olhar da fisioterapeuta quanto do seu próprio. Nesse jogo do espelho-reflexo, há um processo de reação bidirecional entre corpo-humano e corpo-roedor, de forma que essas duas camadas do corpo-palimpsesto parecem se

encontrar no tempo-espaço enquanto se encaram no espelho. Nesse momento, a expressão facial que nos é visível aparece como reflexo que materializa o corpo-roedor no espelho, enquanto sugere emoções de receio e medo. Assim o espelho é um símbolo da intermediação da identidade, representando tanto o olhar a si, com o olhar do outro, sendo o leitor também parte da construção do ser que se enxerga no reflexo.

Na posição de leitores, interagimos com essas emoções no contato com o reflexo corpo-roedor, visto uma vez que o rosto-humano não é visível. Todavia, em virtude da presença do espelho, inferimos no rosto-humano a mesma expressão facial que interpretamos no reflexo, criando uma relação intrínseca entre o corpo que olha para o espelho e o reflexo que o olha de volta. Portanto, a presença do processo reacional bidirecional materializa a transferência dos sentidos narrativos, construídos no corpo-roedor, para o corpo-humano, de forma que ambos são fenômenos entre si.

Ademais, o nosso olhar enquanto participantes também parece intermediar a produção de inteligibilidade sobre esses corpos, pois transferimos ações e expressões do rosto do rato para o rosto de costas, de forma que participamos nas dinâmicas de poder dos jogos de visibilidade. Todavia, o olhar não exerce poder apenas de forma subjetiva, uma vez que os recursos semióticos, epistemológicos, discursivos e institucionais se inter-relacionam na ação das tecnologias de produção dos corpos (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987; HARAWAY, 1991; PRECIADO, 2014). Essa relação entre olhar e corpo se materializa por meio da repetição de determinadas práticas, ou de certos movimentos, de classificação, avaliação, diagnóstico que naturalizam certos tipos de intervenção no corpo. É por meio do olhar que os sentidos dos corpos são interpelados e interpretados, frequentemente, a partir de inteligibilidades hegemônicas nas quais se baseiam práticas que objetivam corrigir o funcionamento anormal ou a estética dissonante do corpo para esculpir o modelo normalizado. Portanto, nessa lógica, transforma-se o corpo para produzir repetições que reforçam modelos hegemônicos de corpos e identidades, criando moldes de normalidade adaptáveis, mas sempre conectados à hegemonia.

No quadro do meio (Figura 6), ao se posicionar junto ao corpo e utilizar o seu reflexo para interagir com ele, a fisioterapeuta interpela a inteligibilidade criada no espelho, exercendo sua autoridade enquanto media e modula a mudança do corpo. Essa posição de poder também fica evidente nos processos verbais dos balões de fala do primeiro e segundo quadro, visto que o corpo é alvo da fisioterapeuta cuja fala mobiliza a autopercepção do corpo para produzi-lo anormal.

No primeiro quadro (Figura 6), o corpo é fenômeno em um processo de reação na imagem, mediado pelo espelho, e em um processo mental cognitivo realizado pelos termos *veja*

só, apontando partes do corpo, *quadril e joelho* (Quadro 5). Por meio do termo *tem* cria-se uma relação possessiva entre o *corpo*, possuidor implícito na oração, e as características possuídas, *uma torção no quadril e hiperflexibilidade com luxação da articulação*. Assim, esse discurso que liga deficiência e corpo legitima a mudança do corpo apenas para corrigir ditas anomalias e deformidades, materializando uma visão capacitista e biologizante dos corpos de pessoas PCDs, uma vez que a deficiência não é do corpo, mas oriunda a exclusão da multiplicidade de corpos na construção de espaços sociais, restringindo o trânsito de corpos no terreno social (CLÍMACO, 2018; GOMES et al. 2019).

Garland-Thomson (2005) traz à baila a importância de pensar o corpo a partir da visão crítica da deficiência, sobretudo pela centralidade do corpo para a relação entre o eu e a sociedade. Assim, compreendemos que essa centralidade é materializada na obra tanto por meio das representações imagéticas quanto dos elementos linguísticos, conforme analisamos no Quadro 5:

Quadro 5 - Análise de Transitividade Figura 6

mas	[você]	veja só	como também tem uma torção no quadril e hiperflexibilidade com luxação da articulação do joelho.
	Experienciador	Proc. Mental Cognitivo	Fenômeno

[o corpo]	tem	uma torção no quadril e hiperflexibilidade com luxação da articulação do joelho	
Possuidor	Proc. Relacional Possessivo	Possuído	

Assim	[eu]	desenvolvendo a consciência de como deveria ver	meu corpo
	Experienciador	Mental Cognitivo	Fenômeno

Fonte: produzida pela autora

No segundo quadro (Figura 6), a expressão *fazendo assim* aponta para práticas realizadas na fisioterapia que materializam recursos semióticos e epistemológicos que mediam a auto identificação e compreensão do corpo e modulam sua forma palpável (LAURETIS, 1987; BEZERRA, 2022). Há, portanto, uma relação assimétrica de poder tanto entre a fisioterapeuta e a paciente, mas entre o corpo-humanizado e o corpo-monstrificado. A fisioterapeuta exerce uma autoridade socialmente legitimada e que interpela o desenvolvimento da consciência do

corpo, mediando intersubjetivamente a construção de sua inteligibilidade. Dessa forma, o roedor gigante que aparece no espelho como um atributo visual simbólico (Figura 6) é resultado direto da interpelação externa e das práticas e discursos hegemônicos que se alocam no ponto nevrálgico da relação entre eu-corpo e outro-mundo. Portanto, é apenas a partir dos processos de mediação e modulação que o corpo passa a ser abjeto (KRISTEVA, 1982), enxergando-se como um animal, uma praga urbana, o que remete aos ruas, a urbanidade, os cantos escuros da cidade por onde transitam, muitas vezes, corpos aos quais são atribuídas identidades abjetificadas e, portanto, são excluídos dos espaços públicos.

No último quadro, o texto verbal traz à tona o processo mental (Quadro 5) de desenvolver *a consciência de como deveria ver*, materializando a ação das tecnologias de produção do corpo em suas camadas palpáveis e subjetivas. Moura (2021) usa o símbolo de animais rastejando para explicar processos sociais de exclusão e abjetificação de corpos não normativos no espectro das transmasculinidades.

Nós não participamos dos espaços de decisão da polis, ressignificamos nossas vivências nos camuflando na cidade para acessar serviços e direitos básicos. Sinto que quando aparecemos, de fato, representamos uma ameaça e os que não conseguem lidar com as nossas existências procuram uma forma de nos eliminar, somos como míseros animais que rastejam no chão. (MOURA, 2021, p. 89)

Nessa sequência (Figura 6), o roedor não aparece mais como um híbrido humano-animal, mas como um duplo, uma vez que o espelho, utilizado pela fisioterapeuta como recurso institucional, epistemológico, discursivo e semiótico (LAURETIS, 1987; BEZERRA, 2022), reflete a camada abjetificada do corpo-palimpsesto, o corpo-roedor. Essas realizações, portanto, materializam a recorrência e a profundidade da interferência dos corpos, funcionando como um espelho que produz apenas reflexos de anormalidade e monstruosidade, abjetificando o corpo para reforçar o discurso de que há apenas uma forma de ser e a multiplicidade deve ser sempre corrigida em relação a esse modelo.

Na Figura 7, percebemos dois quadros de uma experiência de Lina no balé, retomando o elemento espelho para discutir a relação eu-outro. Além de aparecer novamente como um elemento *background*, a repetição do reflexo do rato no espelho indica que a repetição de práticas/discursos é fundamental para produzir o consenso que mantém a hegemonia e, para tanto, legitima certas humanidades enquanto monstrifica outras (BUTLER, 2003; RESENDE; RAMALHO, 2006; PRECIADO, 2014; BEZERRA, 2022). Todavia, apesar de repetir a relação corpo-reflexo parece haver um jogo de sentido realizado pela sobreposição dos corpo-reflexo, no qual interpretamos o corpo em duplas camadas de sentido que se sobrepõem, como um

palimpsesto (COSTA, 2012; BACELLAR, 2020). Dessa forma, não se consegue desagregar o reflexo e o corpo, a criança e o rato, uma vez que os seus sentidos se mesclam enquanto se sobrepõem no espelho.

Figura 7 - O pulo do rato



Fonte: ARRUDA, 2021, p. 25

Na primeira sequência (Figura 7), há um roedor sem características híbridas de humano, vestindo roupas de ballet na cor rosa, atributos associados à feminilidade, refletido no espelho. No centro da imagem tem uma criança branca de cabelos loiros, vestindo as mesmas roupas, sobreposta ao reflexo do rato, de forma a mescla de suas silhuetas cria intertextualidades visuais que interconectam simbolicamente tanto os corpos, portadores de sentidos, quanto suas identidades (KRESS, LEEUWEN, 2006). Já no texto verbal, o *problema* é identificado em relação ao fato de que as roupas evidenciam contornos indesejados do corpo *e a sala cheia de espelhos*. Esses processos apontam um ponto nevrálgico da hegemonia, sua manutenção depende da produção do abjeto, desumano, monstruoso, animalesco (KRISTEVA, 1982; FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; HARAWAY, 2009[1991]; RESENDE; RAMALHO, 2006; PRECIADO, 2014).

Ao contrário das imagens anteriores, nas quais se observa uma reação bidirecional realizada pelo espelho, por meio se realiza a associação entre o atributo simbólico *roedor* e o corpo, desta vez a criança está de costas para o espelho enquanto o reflexo permanece lá. Se nas demais imagens, o olhar de si aparecia na equação corpo-espelho, dessa vez a relação com o reflexo ocorre entre nós, enquanto participantes interativos, e o roedor que aparece em ângulo oblíquo e como oferta, (KRESS, LEEUWEN, 2006), o que significa um distanciamento entre o leitor, que interage com o corpo, e o corpo, representado na imagem, de forma que a participante se nega a enxergar o seu próprio reflexo no espelho, como se resistisse a aceitar e

incorporar a imagem abjetificada do corpo-roedor. Somos nós, também, que conectamos os dois corpos, pois o nosso olhar não só mescla os sentidos das silhuetas, mas interfere na produção do corpo, conforme explica Preciado (2015, p. 4) quanto relata “apenas quando os outros começam a me chamar de Paul que eu me torno Paul: eu devo a eles o meu nome”. Portanto, esse jogo de espelhos materializa as camadas do corpo-palimpséstico (COSTA, 2012; BACELLAR, 2020) interpelado pelo espelho, que materializa a ação de matriz de dominação (COLLINS; BILGE, 2006) por meio da qual operam tecnologias hegemônicas (LAURETIS, 1987; HARAWAY, 2009 [1991]; PRECIADO, 2014) que produzem corpos abjetos (KRISTEVA, 1982) por meio de práticas de exclusão e dominação para legitimar corpos, identidades, vivências e regimes hegemônicos de poder (FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; RESENDE; RAMALHO, 2006).

Já no eixo horizontal da sequência do segundo quadro (Figura 7), o corpo-Lina se transforma em um roedor enquanto realiza um movimento durante a aula de ballet, como se a humanidade fosse retirada enquanto o corpo estava no ar. Logo após cair, o roedor é fenômeno da reação da professora e recipiente do processo que verbaliza repreensão por meio da onomatopeia *Tsc. Tsc.* Assim, o processo acional da imagem, pular, é realizado por dois atores, o corpo-Lina, que pula, e o corpo-roedor, que cai, além de criar uma relação ideal-real entre o corpo-Lina e o corpo-roedor (KRESS, LEEUWEN, 2006). Além disso, o lócus da ação, uma aula de ballet, os atributos associados à performatividade do gênero feminino, como a roupa, e a reação e reprovação por parte da professora intertextualizam visualmente os marcadores gênero e deficiência. Portanto, essa sequência materializa tanto a polimorfia e a polissemia que constituem a multiplicidade e variabilidade interseccional do corpo (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2006), das identidades e das experiências.

Dessa forma, além do corpo palpável, as tecnologias hegemônicas de produção dos corpos (LAURETIS, 1987; HARAWAY, 2009 [1991]; PRECIADO, 2014) agem intersubjetivamente na medida em que interpelam a compreensão do Eu e do corpo.

4.5 O corpo ainda pulsa: subversão é o movimento do corpo

Figura 8 - Você faz com a mão eu desmancho com o pé



Fonte: ARRUDA, 2021, p. 28

Na Figura 8 observamos três participantes, Lina, sua mãe e o roedor, todavia, o roedor parece emergir deliberadamente a partir do desejo de Lina, que se transforma em sua forma animal como estratégia para passar despercebida pela mãe. Ratos são associados tanto a doenças infecciosas quanto à sujeira e esgoto, conforme apontam os significados registrados no dicionário e nos buscadores da internet. Além disso, o animal se encontra na cozinha, um lócus que, além de evidenciar a performatividade de gênero, sinaliza a linha de conexão entre a mãe e Lina, visto que ambas se encontram na cozinha. O Google identifica o substantivo rato como um mamífero roedor danoso às dispensas, registrando um sentido figurado de pessoa que rouba, ladrão, gatuno, enquanto o Michaelis acrescenta o sentido pejorativo “pessoa de má índole”²⁹. Já o Dicio.com acrescenta ao verbete rato o sentido informal “que age de modo trapaceiro, buscando enganar outra pessoa” e adjetivo, referindo-se aquilo “que não é comum; cômico, extravagante”³⁰.

Essas intertextualidades evidenciam sentidos culturais e discursivos mobilizados no imaginário social sobre o símbolo rato que se relacionam interdiscursivamente com o processo de tornar corpos abjetos ao produzi-los como anormais, incomuns, sujos, delinquentes, e assim por diante. Todavia, a ação de Lina, quando se apropria do corpo-roedor, evidencia uma mudança na dinâmica de poder da relação corpo-mundo, uma vez que essa transformação ocorre pelo desejo da participante.

No texto da voz narrativa, *Mas, de uma forma geral os métodos deles eram falhos. Facilmente hackeáveis*, percebemos essa mudança na relação entre o corpo-Lina e o corpo-

²⁹ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/rato>. Acesso em: 10/03/2023.

³⁰ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/rato/>. Acesso em: 10/03/2023.

roedor. O termo *hackeáveis* que se refere aos métodos interdiscursivamente as ações dos pais frente ao corpo não normativo, sugerindo que o corpo-roedor foi acionado como forma de subverter a lógica de vigilância e controle familiar.

Na Figura 9, elementos circunstanciais, como a maca, evidenciam recursos institucionais que operam de forma cirúrgico-terapêutica na produção dos corpos, materializando assimetrias de poder, como a reação da fisioterapeuta que grita e renega o corpo sobre a maca, posicionado como fenômeno do seu escrutínio nos dois quadros. Nessa narrativa, a metamorfose do corpo vem como reação a fala da fisioterapeuta, que desacredita sua inteligibilidade no processo verbal enquanto leva a mão à cabeça em desaprovação no processo acional. Esses sentidos são intensificados pelas expressões faciais das participantes e se explicitam nos processos verbais dos dois quadros e no processo mental do primeiro quadro, no qual Lina se auto identifica como forte. Já nos processos verbais, na posição de dizente e interventora, a fisioterapeuta grita em tom voz de comando, **NÃO! Presta atenção**, para então julgar o corpo ininteligível por meio do processo mental *Não acredito!*. Com isso questiona-se não apenas a forma e a funcionalidade do corpo, mas a sua a inteligibilidade e identidade, negando-o para, então, apontá-lo anormal, defeituoso, abjeto. A abjetificação (KRISTEVA, 1982), portanto, se realiza não só em práticas de regulação e produção do corpo, mas na produção de verdades sobre ele.

Figura 9 - Do céu ao inverso



Fonte: ARRUDA, 2021, p. 30

As reações dos participantes (Figura 9) estão conectadas pela oração *Olha só!* que coloca Lina, alvo e receptor do processo verbal da imagem, como reagente ao seu próprio corpo. Assim, Lina parece experienciar a profundidade da interpelação dos recursos por meio dos quais operam tecnologias de desumanização do corpo (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987;

HARAWAY, 2009 [1991]; BUTLER, 2003; 2004; PRECIADO, 2014). Entretanto, a desumanidade do corpo, conferida pelos mais severos e ramificados recursos de geração de corpos abjetos, não faz parte do corpo, mas é um produto exaustivamente e compulsoriamente criado pela repetição de práticas hegemônicas de exclusão e opressão. A circunstância narrativa também materializa essa assimetria de poder, uma vez que o corpo de Lina está vulnerável às ações verbais e materiais da fisioterapeuta. Assim, é preciso que se repita exaustivamente ações e movimentos de correção para que o corpo passe a incorporá-los, tornando-se mais próximo do normal pela ação dos recursos institucionais. Todavia, conforme se percebe na fala da fisioterapeuta, o corpo pulsa seus próprios sentidos, quebrando a repetição dos movimentos normativos e se emergindo sentidos próprios e mutáveis de suas camadas. É apenas quando se percebe pelas lentes normativas da fisioterapeuta que o corpo se assusta com sua forma, portanto, aquilo que é escrito por meio da repetição de determinadas práticas pode submergir por entre as diferentes camadas do corpo. Todavia, esses sentidos não são donos de si, mas se tornam textos do corpo e, portanto, camadas acessíveis, editáveis, permeáveis, subversivas, adaptáveis e profundamente mutáveis.

4.6 A brecha do desejo (in)desejável

Na Figura 10 observamos uma linha dividindo o enquadramento, de forma que os acontecimentos transcorrem simultaneamente enquanto a narrativa se bifurca em dois momentos da vida que materializam “desencaixes físicos” e “deslocamentos sociais” (ARRUDA, 2021, p. 33) a partir de diferentes marcadores sociais da diferença (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2006). À direita, ainda criança, Lina brinca de esconde-esconde com outras crianças na escola. E à esquerda, Lina, ao que parece na pré-adolescência, tem experiências interpessoais relacionadas à sexualidade.

A ocorrência simbólica do corpo-rato (Figura 10) emerge em contraste com as realizações anteriores, pois parece ser autogerenciada a partir da fala da personagem, a qual delimita uma diferenciação entre mãe e filha, e sugere outro elemento na equação: o prazer. Isso é visível nas expressões faciais e nas ações materializadas nas imagens, no lado esquerdo, o rato parece relaxado e encaixado entre os itens do armário, com expressões sorridentes e afáveis e no lado direito, durante uma prática sexualizada, o corpo parece adquirir flexibilidade enquanto cresce e produz expressões de contentamento e prazer.

Nos últimos quadros (Figura 10), o estado de relaxamento do rato à esquerda progride para a ação de dormir, realizada pela posição corporal que sugere um feto em seu estado de

proteção uterina. Enquanto à direita ocorre um processo acional transacional que tem como vetor as patas do roedor e meta as partes íntimas da outra participante. Em ambos os casos, há sentidos visuais que realizam a ideia de hiperflexibilidade explicitada no texto verbal e que aparece no tópico dessa sequência narrativa, Com isso, ser hiperflexível é uma estratégia executável a partir das especificidades da configuração do corpo e pensada tanto para garantir a adaptação às condições espaciais e interpessoais quanto para assegurar o fruir do seu desejo e a vivibilidade de sua existência (BUTLER, 2015).

Assim, deficiência e sexualidade se interpelam e se interseccionam na materialidade do corpo-mutável, conforme discutido por Garland-Thomson (2005) na diferenciação (*disability*) e lesões (*impairment*), evidenciando o caráter social da deficiência e chamando atenção para a importância de se refletir criticamente sobre a intersecção entre deficiência e os demais marcadores. Portanto, a subversão de uma identidade abjeta, conferida externamente por meio de tecnologias hegemônicas, que faz emergir o corpo-estratégico. Portanto, como resultado desse processo as ditas debilidades viram habilidades.

Nessa ótica, o corpo é uma tecnologia de subversão tanto de si quanto das práticas sociais hegemônicas que compulsoriamente o interpelam, colocando-o em processos de ação e reação, para, assim, produzi-lo normativamente. Essa ação é materializada pela voz narrativa nas orações: “Portanto, quando encontrava uma situação limitante ou pessoas limitadas... não tentava me impor ou resistir aos obstáculos: me moldava para contorná-los. Eu era estrategicamente hiperflexível” (ARRUDA, 2021, p. 36). Enquanto a voz narrativa faz referência aos limites impostos pelas práticas e atores sociais, o diálogo na imagem do primeiro quadro materializa a abjetificação da sexualidade não normativa. Todavia, no segundo e no terceiro quadro o corpo parece romper essas barreiras limitantes, usando-as de forma estratégica para, então, subvertê-las.

Figura 10 - Escorrem pelas brechas corpos inteiros

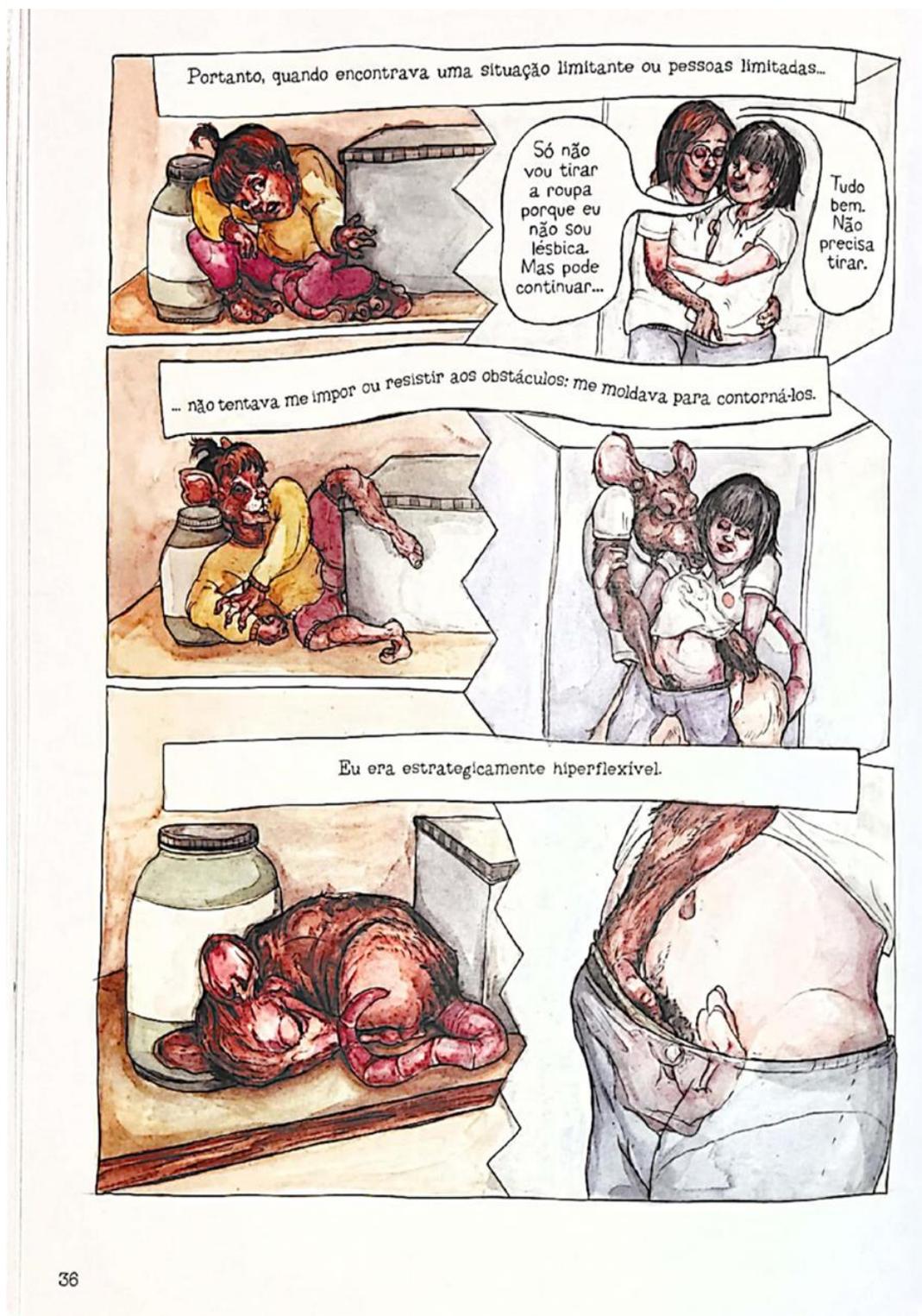


Figura 11 - Abjeção: te pego lá fora...



A página seguinte da HQ (Figura 11) materializa sentidos contrários em relação à experiência do corpo-rato, sugeridos na dimensão narrativa pelas expressões faciais e ações dos participantes. Nessa sequência, a circunstância de lugar das duas linhas temporais aponta jogos de (in)visibilidade que se materializam tanto em relação a deficiência quanto a sexualidade. Nas duas linhas temporais, a surpresa parece ser um elemento em comum realizado pelo contraste entre o primeiro e segundo quadro da página. Os dois processos verbais do primeiro quadro sugerem que a estratégia foi bem sucedida, no caso da brincadeira com as crianças por meio da oração *Ninguém me encontrou! Acho que ganhei!*; e no segundo caso, na fala da participante - *Ahhhh... acho que... tive um orgasmo!* Portanto, as duas orações tem como ação um processo cognitivo realizado pelo verbo *acho*, indicando a relação entre as práticas e a cognoscibilidade tanto das experiências quanto do corpo, sobretudo em função da circunstância da imagem, uma vez que o banheiro é percebido como o lugar do escatológico, do que deve ser escondido, ininteligível.

No segundo quadro (Figura 11), as expressões faciais mudam abruptamente a partir dos fenômenos aos quais o corpo-rato reage: no lado esquerdo, o esquecimento e a invisibilidade do corpo perante as crianças que o abandonam e seguem para outra brincadeira; e no lado direito, o abandono que reforça a invisibilidade de corpos e sexualidades não hegemônicas, sugerindo processos de desumanização movidas pelo medo de se tornar também um corpo abjeto, materializando a repulsa e a opressão como formas de garantir a normalidade (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987; FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; HARAWAY, 1991; RESENDE; RAMALHO, 2006; PRECIADO, 2014). Não apenas a monstruosidade do corpo dito desviante é conferida por aloca-lo no lugar do impróprio, escatológico, como aquilo que deve ser escondido, mas é essa prática de exclusão e abjetificação que torna possível a naturalização de um corpo normal, seja quanto a sua forma, seja o gênero, sexualidade, e assim por diante. Não se produz o normal sem produzir corpos abjetos, sobretudo por meio de normas já naturalizadas hegemônicas e opressões que já operam por meio da matriz. Desnaturalizar o normal, significa também subverter o abjeto, colocar os corpos ditos impuros, monstruosos em lugar de destaque, em praça aberta, a luz do dia, fora dos armários e dos banheiros. Por fim, há um forte paralelismo simbólico entre o armário e o banheiro, ambos referidos como o lugar relegado a corpos tornados abjetos, monstruosos, pela repetição de práticas de exclusão e pela manutenção do reforço a inteligibilidades hegemônicas produzidas no âmbito da matriz de dominação (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987; FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989];

HARAWAY, 2009[1991]; COLLINS, 2000; RESENDE; RAMALHO, 2006; COLLINS; BILGE, 2006, PRECIADO, 2014).

O último bloco da seção Terapia de Conversão, tem como tópico a intertextualidade com o CID a partir da classificação disforia de espécie, colocando em evidência, por meio do termo disforia, a relação entre gênero, deficiência, sexualidade e corpo. O CID, assim, faz parte do aparato por meio do qual se dá o exercício de poder institucional voltado “ao controle dos corpos e das subjetividades não normativas e/ou de grupos minorizados” (BEZERRA, 2023, p. 52). Portanto, as últimas sequências (Figuras 12, 13 e 14) mobilizam sentidos interseccionais do corpo, retomando sua potência estratégica e subversiva enquanto materializam práticas e discursos hegemônicos.

Nas sequências da Figura 12, o espelho volta ao jogo de sentidos, novamente, como um elemento fundamental para a construção narrativa. Nas duas páginas, o espelho aparece como participante do último quadro, evidenciando sua importância para o desfecho enquanto materializa sentidos distintos, mas interconectados. O espelho é, ainda, anunciado verbalmente no terceiro quadro da primeira imagem pela fala da fisioterapeuta, cujo impacto é conferido visualmente pela disposição da boca no quadro. A relação entre as práticas sociais do primeiro quadro, no qual o rato precisa deitar-se sob um cabo de vassoura e do terceiro quadro, no qual a boca é o elemento central, evidencia o uso desse elemento como um recurso tecnológico de construção intersubjetiva do corpo e de sua auto inteligibilidade.

É evidente que essa interpelação acontece tanto na dimensão palpável quanto subjetiva por meio de práticas sociais que modificam o corpo a partir de ideologias reducionistas que renegam as multiplicidades e interseccionalidade de experiências, corpos e identidades enquanto naturalizam o discurso de correção de anormalidades. Todavia, ainda que exaustivamente repetidas, o texto narrativo materializa ações pulsantes do corpo referidas como *reações descontroladas* a partir das quais o rato gargalha no primeiro quadro, de forma que a indisciplina do corpo é uma fonte de satisfação e prazer.

Há, ainda, uma forte relação entre a dimensão composicional e conceitual no primeiro quadro da primeira página (Figura 12) que materializa uma atmosfera sexualizada por meio do posicionamento do corpo-rato que aparece deitado, com as mãos para cima e o cabo de vassoura abaixo das pernas. Semelhantemente, no segundo quadro da mesma página, a posição da fisioterapeuta sugere que ela está entre as pernas do corpo-rato, construindo sentidos relacionados a relações interpessoais sexualizadas. Portanto, essas realizações conferem ao terceiro quadro, que centraliza a boca, um apelo sexual, de forma que o comando “vem aqui

pro espelho”, sugere um tipo de prazer sádico por parte da fisioterapeuta ao executar intervenções no corpo que parecem entrecruzar dor e prazer.

Figura 12 - O rato, o espelho e o desejo



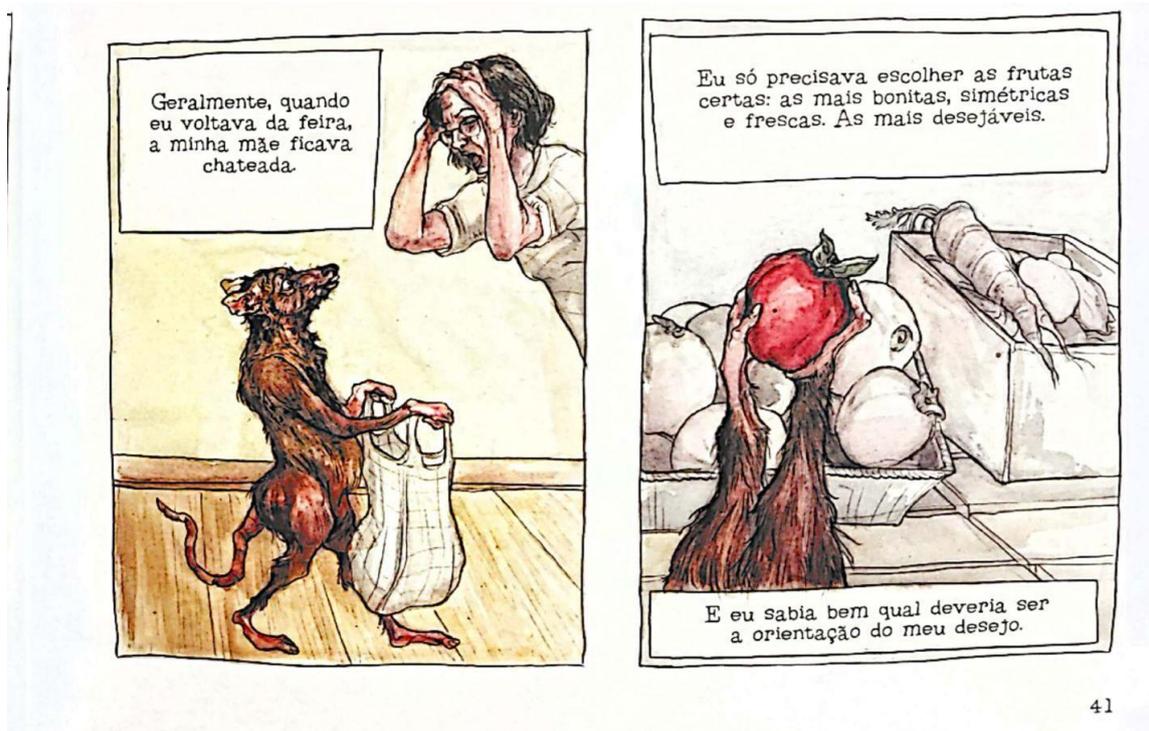
Fonte: ARRUDA, 2021, p. 39,40

O último quadro (Figura 12), desfecho narrativo em ambas as páginas, materializa o discurso da anormalidade e deficiência do corpo, legitimando práticas sociais de abjetificação orientadas à correção da anormalidade, como é evidente na oração *Vamos arrumar isso*. Na imagem, há três participantes: fisioterapeuta, dizente do processo verbal do balão de fala; Lina, que aparece no canto inferior direito; e o rato, que reflete no espelho em maior tamanho, tomando quase todo o quadro. Assim, o reflexo do rato materializa tecnologias hegemônicas, enquanto suas expressões, que indicam descontentamento e decepção, são mediadas diretamente pelas práticas hegemônicas que interpelam a inteligibilidade do corpo. Portanto, o reflexo da mão da fisioterapeuta no espelho (Figura 12) evidencia a ação de recursos tecnológicos que produzem abjeção (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987; FAIRCLOUGH,

1995; 2015[1989]; HARAWAY, 2009[1991]; RESENDE; RAMALHO, 2006; PRECIADO, 2014).

Na segunda página (Figura 12), a voz narrativa classifica os acontecimentos das imagens por meio da oração: “Onde a deficiência e o gênero se cruzam... simetria e mulheridade se misturam” (ARRUDA, 2021, p. 40), evidenciando a intersecção mulheridade-deficiência como alvo das práticas que interpelam e produzem o corpo. Essas práticas de correção são materializadas ao longo da obra e se orientam pela matriz de dominação, de forma que o corpo é corrigido não apenas em função ao modelo de corpo não deficiente, mas em relação a mulheridade, branquitude, cisgenereidade, heterossexualidade, e assim por diante (COLLINS, 2000; COLLINS; BILGE, 2006). Portanto, a ação de corrigir o corpo torto, legitimada pela medicina como uma forma de aprimorá-lo para conferir-lhe melhor qualidade de vida e funcionalidade intersecciona, em suas práticas, outras normas sobre o corpo, produzindo, também, um corpo de mulher, heterossexual que enforme a inteligibilidade hegemônica.

Figura 14 - Do meu desejo sei eu



Fonte: ARRUDA, 2021

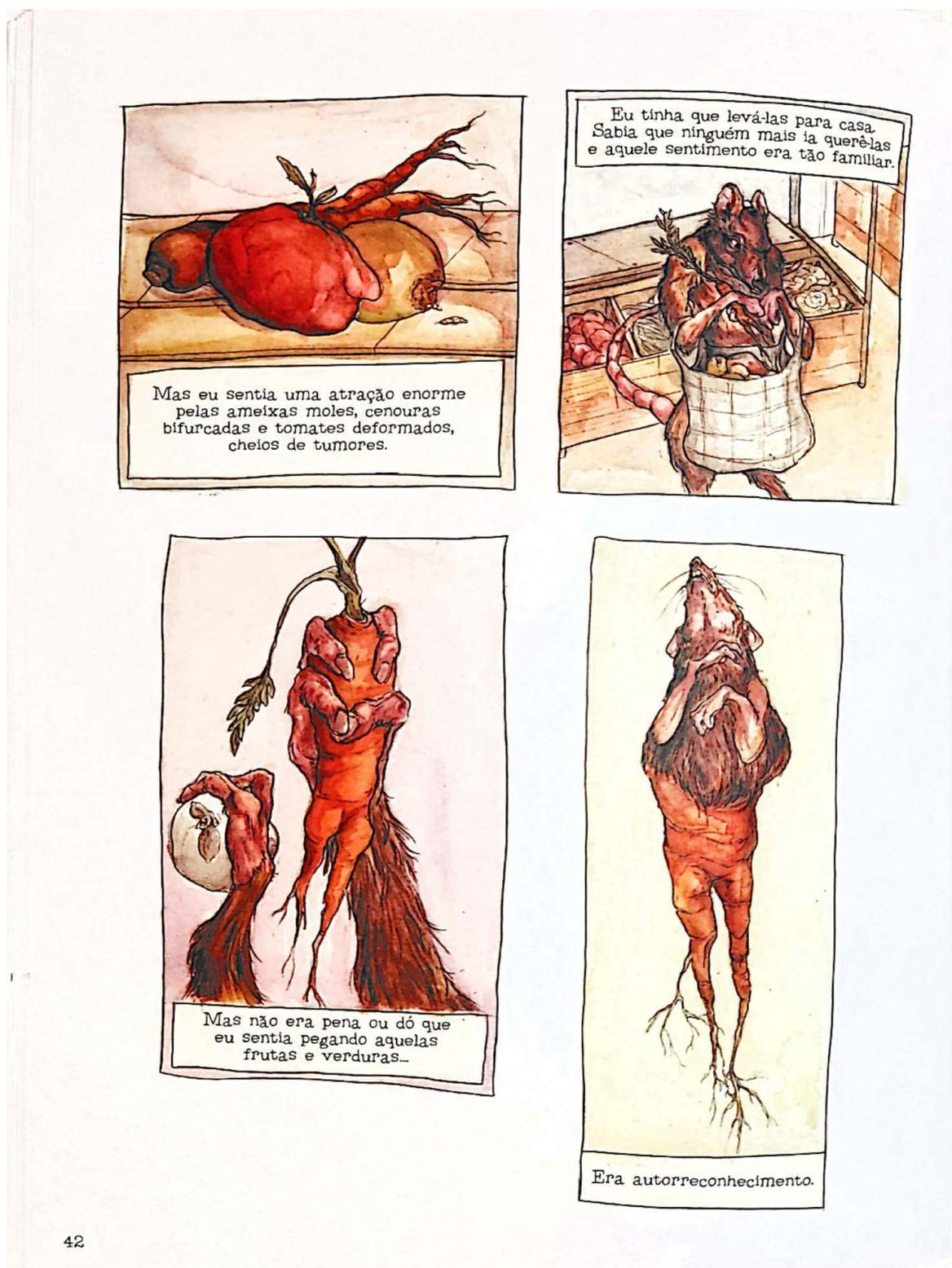
Há, todavia, um *turning point* narrativo realizado pela voz narrativa, no segundo quadro da segunda página (Figura 12) por não se conformar e buscar a livre fruição dos seus ossos e

desejos ao enunciar “precisei fugir desse olhar para buscar sentido no meu corpo” (ARRUDA, 2021, p. 40). Nesse quadro, a fisioterapeuta aparece de costas em um movimento de afastamento que marca sua última aparição na narrativa gráfica enquanto as expressões faciais de Lina, de cara fechada, sugerem uma ruptura na relação entre as participantes que materializa outra dinâmica de poder. Assim, a produção do corpo desejável implica, portanto, a criação daquilo que é indesejável, cuja constituição necessita da triplidade opressora, sobretudo no que diz respeito à desumanização fabricada que nega a certos corpos “a possibilidade de figurar no imaginário social quer seja como indivíduos possíveis, quer seja como objetos desejáveis” (BEZERRA, 2023, p. 58).

No último quadro, o processo bidirecional de reação entre o corpo-Lina e o corpo-rato, intrinsecamente conectados pelo espelho, sugere que essa nova relação como refúgio da inteligibilidade hegemônica, gerando uma força que quebra a repetição de práticas de produção de abjeção executadas pela fisioterapeuta. Se compararmos o último quadro da primeira e última página percebemos sentidos distintos na relação corpo-reflexo e que estão ligados a ausência da fisioterapeuta, portanto, a imagem que encerra a Terapia de Conversão do corpo retoma o espelho como um elemento de subversão dos recursos epistemológicos de produção do corpo abjeto e de inteligibilidades hegemônicas (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987; FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; HARAWAY, 2009 [1991]; RESENDE; RAMALHO, 2006; PRECIADO, 2014). Por fim, a voz narrativa afirma “e encontrei prazer nas dores das minhas imperfeições” (ARRUDA, 2021, p. 40), materializando o prazer como a força da reescrita de si. No processo mental realizado pelo balão do pensamento, cujo atributo perfeito está relacionado ao *binder*, indica que a potência do subversivo pode ser justamente aquilo que é construído discursivamente como anormal, deformado, deficiente, interseccionando transmasculinidade e deficiência com força de subversão. Essa intersecção materializada no evento discursivo tensiona o discurso de que o perfeito é o natural e o imperfeito é tudo aquilo precisa ser corrigido para que as pessoas possam ser incluídas na vida social funcional. Essa ideologia de que o natural, no sentido de não modificado, é o perfeito por meio da repetição de práticas de coerção e correção parece ser estritamente necessária para manter a frágil hegemonia, cuja estrutura se desorienta e desaba sem a repetição de práticas e discursos que produzem corpos abjetos (KRISTEVA, 1982; LAURETIS, 1987; FAIRCLOUGH, 1995; 2015[1989]; 2009 [1991]; RESENDE; RAMALHO, 2006; PRECIADO, 2014). Portanto, a relação entre as camadas do corpo-palimpsesto materializa o escorrer do corpo submerso pelas brechas do prazer em busca de outros sentidos e sabendo-se possuidor do poder de ser e dizer sobre si.

Figura 16 - Corpo e desejo no palimpsesto subversivo

Figura 17 - Corpo e desejo no palimpsesto subversivo



A última sequência narrativa (Figura 13 e 14) marca a rotina de ir às compras e encerra tanto o primeiro momento do evento discursivo quanto este Capítulo, enquanto evidencia a relação entre abjeção, subversão e desejo.

Nessa sequência (Figura 13), a voz narrativa revive a experiência de ir à feira escolher frutas para a sua mãe. Essa prática é fiscalizada pela sua mãe, que a orienta a *escolher as frutas certas*, ou seja, aquelas cujas formas recebem atributos *bonitas, simétricas e frescas*, sendo classificadas, portanto, como *as mais desejáveis*.

Esse texto indica uma relação entre o que é hegemônico e o que é desejável, realizada, sobretudo, pelos termos *certas* e *simétricas*, de forma que se deseja apenas aquilo que é produzido como desejável por meio dos recursos cuja operação materializam tecnologias hegemônicas (LAURETIS, 1987; BEZERRA, 2022). No entanto, o desejo, tal qual o corpo, é subversivo, uma vez que escapa, quase que por movimentos descontrolados, as barreiras de contenção e correção que o limitam. É o desejo e o prazer que aparecem como forças de subversão de inteligibilidades hegemônicas que produzem o corpo abjeto. É o corpo-rato, em sua incompreensibilidade, incontrolabilidade e incognoscibilidade que passa hackeia as tecnologias que produziram sua monstruosidade por meio do processo acional de pegar a maçã, fruta que culturalmente simboliza o desejo proibido (Figura 13). Portanto, olhando-se enquanto humano e não sujeitando-se a orientação hegemônica de sua inteligibilidade, do seu corpo e do seu desejo, o rato não é abjeto e o desejo do indesejável é a força que reescreve, no tecido social, a sua humanidade.

Os recursos institucionais, epistemologias, discursivos e semióticos que produzem corpos hegemônicos atuam para produzir determinados desejos e vinculá-los a determinados corpos, conforme materializa a voz narrativa (Figura 13) quando a voz narrativa afirma “e eu sabia bem qual deveria ser a orientação do meu desejo” (ARRUDA, 2021, p. 41). Interdiscursivamente e intertextualmente, a forma palpável do corpo aparece em intertexto com o marcador sexualidade enquanto se questiona a produção da orientação hegemônica do desejo. Todavia, na Figura 14, é o desejo, materializado como “uma atração enorme”, subverte sua orientação hegemônica e, ao fazê-lo, desencadeia no corpo-rato a ação de escolher “ameixas moles, cenouras bifurcadas e tomates deformados, cheios de tumores” (ARRUDA, 2021, p. 41).

A cenoura que aparece na última página da seção Terapia de Conversão (Figura 14) é uma intertextualidade com a cenoura que apresentada na Figura 3 e posicionada entre a faca e o acidente. Entretanto, dessa vez (Figura 14), sua presença traz à tona processos de subversão das tecnologias hegemônicas e do corpo abjeto, quando a voz narrativa afirma “Eu tinha que levá-las para casa” (ARRUDA, 2021, p. 42) enquanto o rato coloca a cenoura na cesta de

compras. Essa centralidade da cenoura e seu paralelismo simbólico com o corpo apontam para questões relacionadas à deficiência, sobretudo no que diz respeito à construção dos critérios que definem quais corpos são normais, aceitáveis e desejáveis. Há, portanto, uma relação tripolar entre desumanização, abjetificação e invisibilização, conceituada como triabilidade opressora, com o objetivo de “negar [a certos corpos] a possibilidade de figurar no imaginário social quer seja como indivíduos possíveis, quer seja como objetos desejáveis” (BEZERRA, 2023, p. 58). Assim, a ação realizada pelas patas do rato ao segurar firmemente a indesejável cenoura bifurcada, simboliza o poder do corpo e o não assujeitamento às tecnologias de produção de abjeção. Portanto, desejar o indesejável é o movimento que desencadeia ações subversivas realizadas pelo corpo-rato e que culminam no autorreconhecimento da última imagem (Figura 14).

Como mostra Derrida (1973 apud BEZERRA, 2023), ao discutir a suplementariedade, para que se estabeleça algo como desejável é necessário fabricar o indesejável, construindo uma relação dicotômica na cadeia de significados atribuíveis aos corpos no imaginário social. Assim, a naturalização de certos corpos e identidades como desejáveis ocorre, necessariamente, por meio da desumanização e abjetificação de variabilidades humanas construídas, no interior desses processos, como não normativas. Há, portanto, uma ativa construção do indesejável intrínseca à normatização do desejável, cuja cadeia, segundo o filósofo, pode ser desconstruída à medida em que as oposições e os binarismos são escrutinados. Todavia, é por meio do corpo em sua mutabilidade, polissemia e indisciplina que parece ser possível hackear as normas, subvertendo a ordem do desejo e a desejabilidade do indesejável.

Dessa forma, percebemos que é o rato, símbolo das inscrições da dissidência do corpo, e não o corpo-humanizado, na sua passabilidade e naturalidade institucionalizada, que escolhe as frutas tortas e descartáveis, desejando, assim, o indesejável. É o desejo do corpo abjetificado que se materializa como uma energia de subversão que alarga as brechas por meio das quais o corpo raspa as normas enquanto escreve-se múltiplo, polissêmico e impermanente em cada uma de suas camadas palimpsésticas. Por fim, a fusão visual rato-cenoura no último quadro materializa a interseccionalidade enquanto evidencia o poder de corpos não normativos, produzidos pelas tecnologias hegemônicas enquanto abjetos, monstros e desumanos, de reescrever o palimpsesto corporificado de suas existências e experiências na força e na energia de sentidos não normativos.

5 CONTRACAPA: LINHAS FINAIS

Se o desejo escapa por entre as brechas das normas, é a potência de ser, inscrita no corpo, que alarga os espaços que acolhem o eco de vozes falantes, pujantes e desejantes de si. Agora, nestas linhas finais, retomo meu tom e me apoio nas linhas para entoar as últimas notas e tecer os últimos fios desse palimpsesto que acolhe toda a escrita e (re)escrita de si.

Ao longo desta pesquisa, mergulhei nos sentidos e pude compreender a importância dos espaços, brechas e fendas por entre a luz entra. É nessas brechas que me estreito e por entre as fronteiras, híbridas, indisciplinadas, transviadas e líricas que (re)construo a mim mesma enquanto construí o passo a passo dessa pesquisa. Entre linhas e linhas, o recorrente pensamento de que não fossem os rumos transviados dos últimos tempos esta pesquisa sequer seria possível na academia. A LA brasileira contemporânea figura como um ninho de possibilidades, gestando novas possibilidades de ser e fazer pesquisa enquanto retorna sempre ao seu próprio reflexo para que também não escape ao recriar de si no poder subversivo de encarnar a si mesmo e ter o seu próprio corpo como espelho. Sem sombra de dúvidas, é em função de um conjunto de vozes que, suleadas pelo compromisso político de criar novas inteligibilidades, vêm criando novas possibilidades e abrindo precedentes na produção de conhecimento científico e transformando as relações entre disciplinas e áreas do conhecimento.

É nesse sentido que se constrói a Linguística Aplicada Transviada (BEZERRA, 2023), pois transviar os estudos linguísticos abre fendas para novas possibilidades e inteligibilidades, sobretudo no que diz respeito aos discursos de abjetificação, desumanização e invisibilização. Portanto, é na análise desses discursos que podemos compreender o “funcionamento dos sistemas semióticos e sua ligação com as estruturas opressivas” (CALDAS-COULTHARD, 2022, p. 70 apud BEZERRA, 2023, p. 145).

Enquanto linguista aplicada transviada, reconheço que meu corpo-palimpsesto sapatão, sertanejo e macumbeiro é, também, parte desta pesquisa, fulgurando como uma força subversiva e política, afinal, conforme explica Bezerra (2023, p. 144), “essas pessoas, dissidentes da lógica cisheteronormativa, por sua vez, representam, por meio de sua própria corporalidade, rupturas e pontos de fratura nas estruturas hegemônicas de subjetividade”.

Se aproximando intimamente dessas rupturas, ao longo desta pesquisa, mergulhamos na polissemia do corpo e do texto, transitando por significados e representações para discutir como discursos multimodais sobre corpo(s), sexualidade(s) e gênero(s) materializados na obra atuam na manutenção ou contestação de hegemonias relacionadas à construção de identidades por meio da: a) identificação da frequência dos temas na obra a partir das ocorrências diretas e

indiretas a corpos, gêneros e sexualidades; b) análise de discursos e relações sociais materializados no relato multimodal das experiências do autor por meio de recursos verbais e visuais e c) discussões sobre as implicações das relações interdiscursivas, intertextuais e das práticas sociais, materializadas na obra, nos processos de manutenção, reafirmação e contestação de hegemonias relacionadas a construções identitárias. Portanto, retomando as etapas desta pesquisa, dedico algumas linhas para discutir trecho a trecho do percurso analítico.

O léxico do corpo, primeira etapa de análise, nos trouxe uma visão holística com o mapeamento de ocorrência dos termos corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s). Ao longo da sua consecução identificamos, também, o grau de recorrência dos temas nas seções da narrativa gráfica, dado que serviu de critério metodológico para a escolha dos trechos analisados no Capítulo 4.

Durante essa etapa, constatamos que: a) as referências diretas e indiretas ao termo corpo estão em maior percentual na obra, com 46,9% de ocorrência, seguidas por gênero, com 40,4% e, por último, sexualidade, com 12,7%. Observando as referências linguísticas no léxico da obra, percebemos que as referências indiretas ao termo corpo, por exemplo, indicaram a necessidade de aprofundarmos a discussão crítica sobre deficiência. Essa inferência ocorre em função da repetição de termos e expressões como, ossos erráticos, pernas tortas, e assim por diante. Encontramos, também, maior recorrência de termos associados ao desenvolvimento ósseo e motor, como ombro, lombar, quadril, coluna, pernas, ossos, pé, sugerindo a centralidade do marcador social da diferença deficiência. Conforme discutido ao longo da análise, um acidente de carro ocasionou uma luxação no corpo do bebê ainda durante a gestação, a qual resultou em uma alteração na forma corporal de Lino. Assim, a centralidade do tema deficiência, além de indicada pelo léxico da obra, é evidenciada também na voz narrativa que conta a experiência do corpo durante as sessões de fisioterapia afirmando ser “onde deficiência e gênero se encontram” (ARRUDA, 2021, p. 40).

Outro dado relevante para o desenrolar das análises foi o mapeamento lexical do termo corpo, uma vez que influencia a delimitação do recorte de análise. Primeiramente, percebemos que as referências ao termo corpo estão concentradas na seção 2 da obra, intitulada Terapia de Conversão, sendo a mais longa, com 29 páginas. Esse indicativo nos chamou atenção para os elementos visuais desenvolvidos pelo autor, a partir dos quais constatamos a centralidade do roedor, sendo o principal participante desse bloco narrativo. Com isso em mente, iniciamos as análises apresentadas no Capítulo 4, tendo como foco investigar as aparições desse corpo-roedor, discutindo-as e analisando-as a partir dos entrecruzamentos teóricos.

O gênero é outro tema central da obra, o que fica evidente desde o subtítulo até o uso do termo “displasia de gênero” (ARRUDA, 2021, p. 23) que aparece associado intertextualmente em interdiscursividade com o CID, conforme já discutido. Todavia, percebemos que esses temas se interseccionam ao longo da obra, de forma que gênero, corpo, deficiência e sexualidade se atravessam constantemente. No tocante a gênero e sexualidade, percebemos a materialização lexical dessa intersecção, especialmente, nas orações “MULHER MACHO! SAPATÃO! Quer ser homem? Vai apanhar igual homem? (ARRUDA, 2021, p. 32) que fazem parte de um processo verbal da imagem no qual dois garotos colegas de escola falam isso para Lina adolescente. Esse processo verbal, por sua vez, materializa tanto a intersecção gênero-sexualidade, evidenciando-a por meio da linguagem, quanto chama atenção para a recorrência de práticas sociais de violência pautada em homofobia e lesbofobia. Portanto, essas práticas materializadas na linguagem se inter-relacionam com outras ações e discursos de ódio.

Ao longo dessas análises ficou evidente tanto a recorrência de práticas de violência baseadas em discursos de desumanização e abjetificação quanto os processos de naturalização dessas práticas sustentados pela hegemonia e articulados à matriz de dominação.

Na segunda seção, **Não se nasce abjeto. Torna-se**, analisamos os processos envolvidos na produção discursiva do corpo-monstro, compreendendo a abjeção e a desumanização como ancoragem para práticas e discursos que atribuem uma monstruosidade a certos corpos para estabelecer e fabricar a humanidade de outros. Ao mesmo tempo em que é abjetificado, tanto as camadas de um mesmo corpo parecem se unir a partir das suas ditas impurezas, representadas, na Figura 1, pelos fluídos corporais, quanto os sentido de vários outros corpos abjetificados se interseccionam, criando, assim, uma constelação que se forma pela conexão de feridas abertas pelas matriz hegemônica de opressão.

Já nas Figuras 2 e 3, percebemos que os processos de abjetificação do corpo ocorrem a partir do externo, do entorno, compreendendo, também, o caráter interseccional, e não apenas múltiplo, do corpo. Na Figura 3, a interseccionalidade entre os marcadores gênero e deficiência é evidenciada pela imagem do pé como dizente do processo verbal realizado pelo balão de fala, no qual diz: “agora, eu vou contar minha versão da história reformulando os diagnósticos que recebi” (ARRUDA, 2021, p. 17). Além dos sentidos simbólicos realizados pela imagem, a oração posiciona o corpo como lócus da nossa história, uma vez que é na corporalidade que se interseccionam os marcadores sociais que atravessam nossa trajetória. Ao contar sua versão da história a partir dos diagnósticos, o autor torna visível as maneiras pelas quais as instâncias sociopolíticas e institucionais exercem o poder de atribuir sentidos aos corpos a partir de uma matriz de opressões que visa a manutenção de assimetrias de poder que constituem a

hegemonia. Portanto, é preciso levar em consideração tanto a configuração do corpo, sobretudo pela relação entre *disability* e *impairment*, quanto a intersecção entre deficiência e os demais marcadores sociais da diferença (GARLAND-THOMSON, 2005).

Na seção 4.3, **A produção do corpo-monstro**, analisamos como o corpo-humanizado se transforma visualmente no corpo-roedor em razão da interpelação do outro, nesse caso, a voz da mãe e do pai (Figura 4), de forma que a monstruosidade vem de fora. Semelhantemente, a Figura 5 localiza o abjeto e o animalesco no olhar do entorno, evidenciando que a monstruosidade está na relação entre corpos e normas hegemônicas.

Essa relação, além de interferir no trânsito do corpo no mundo, pode intermediar, também, a autocompreensão do próprio corpo, conforme discutimos na seção 4.4, **Produzindo corpos abjetos: a hegemonia no espelho**. Percebemos que a produção de corpos abjetos envolve, também, recursos epistemológicos e semióticos por meios dos quais o olhar alheio pode intermediar a compreensão subjetiva do eu e do outro. Conforme apontado por Bezerra (2023, p. 50), “os corpos são áreas vitais para a compreensão de relações de poder estabelecidas nos mais variados contextos”. Assim, a presença do espelho nas Figuras 6 e 7 materializa essa relação intersubjetiva; no primeiro caso, no reflexo da fisioterapeuta que aparece no espelho, evidenciando uma relação de intermediação, já no segundo caso, na sobreposição do corpo-humanizado ao reflexo, atribuindo uma dupla identidade ao interseccionar sentidos referentes ao gênero, particularmente o modelo hegemônico de feminilidade e o marcador deficiência, uma vez que o esperado de um corpo feminino se cruza com o modelo do corpo saudável, normal, correto. Assim, o espelho simboliza, também, a intervenção do outro na produção da relação entre o eu e o corpo, de forma que o ser abjeto não é algo intrínseco, mas produzido discursivamente e, muitas vezes, esculpido nos corpos por meio das práticas sociais que reforçam a manutenção de normas hegemônicas. Todavia, tal qual os ossos erráticos de Lino, o corpo-abjeto deseja e, portanto, cria a si mesmo nas fendas das matrizes de opressão, conforme percebemos nas duas últimas seções.

Na seção 4.5, **O corpo ainda pulsa: subversão é o movimento do corpo**, discutimos a relação entre corpo e normas com foco na potência subversiva constitutiva do corpo, que pode quebrar ciclos de repetição práticas desumanizantes, subvertendo o processo de abjetificação e apropriando-se das características do corpo para potencializar suas possibilidades de ser.

Percebemos que, na Figura 8, o corpo-Lina se transforma, progressivamente, no corpo-roedor, porém, dessa vez, características do corpo construídas como debilidades são mobilizadas como uma estratégia para entrar e sair da cozinha de forma sorrateira, comportamento associado aos roedores. Interdiscursivamente, os atributos socialmente

conferidos ao símbolo rato se relacionam ao processo de abjetificação dos corpos, sobretudo no tocante aos discursos de que aqueles cujas corporalidade e identidade não se adequam às normas hegemônicas, seja pela configuração corporal, o gênero, a sexualidade, e assim por diante, são anormais, sujos, impuros. Já na Figura 9, as práticas interventoras realizadas por parte da fisioterapeuta questionam não apenas a materialidade orgânica e funcionabilidade do corpo, mas sua inteligibilidade, apontando-o como defeituoso, abjeto. Todavia, sendo a abjeção um processo externo, os sentidos normativos são textos editáveis e passíveis de desconstrução (DERRIDA, 1973), acessíveis e permeáveis, uma vez que o corpo é lócus de subversão no qual se reescrevem novas significações. Portanto, buscamos impulsionar a desconstrução desses sentidos, ao longo desta pesquisa, ao “revelar oposições binárias que se colocam como pilares de relações de opressão ao marcarem um elemento do binarismo como natural/normal (heterossexualidade) e outro como cultural/anormal (outrossexualidade)” (BEZERRA, 2023, p. 57).

É nesse sentido que, na seção 4.6, **A brecha do desejo (in)desejável**, passamos à potente hiperflexibilidade do corpo (Figura 10), cuja maleabilidade desafia e desestrutura as tecnologias que produziram sua abjetificação. Dessa vez, o corpo-roedor parece surgir de forma autogerenciada, conforme materializado na voz narrativa que diz “me moldava para contorná-los”, se referindo a obstáculos, situações limitantes e pessoas limitadas. Ademais, o prazer entra na equação a partir dos processos acionais realizados na imagem, ampliando os sentidos de um corpo-estratégico cuja ação tem força subversiva. Já na Figura 11, os jogos de (in)visibilidade materializam práticas que produzem a (in)cognoscibilidade de experiências e corporalidades, acentuando essa relação pela circunstância representada na imagem, o banheiro, lugar do escondido, do escatológico, do ininteligível. Portanto, não se produz corpos ditos normais, visíveis e vivíveis sem repetição e naturalização de práticas de exclusão e abjetificação, de forma que quebrar a repetição dessas práticas é um movimento subversivo.

O último bloco narrativo da obra (Figuras 12, 13 e 14) aprofunda esse movimento de subversão retomando o espelho como um elemento central para a construção intersubjetiva do corpo e de sua inteligibilidade. Todavia, as ações pulsantes dos ossos, sinalizadas no texto verbal como “reações descontroladas”, trazem à tona o potencial indisciplinar do corpo enquanto as expressões faciais evidenciam contentamento e prazer (Figura 12). A fala da fisioterapeuta no processo verbal, *Vamos arrumar isso*, materializa o discurso de que a anormalidade e a deficiência estão no corpo e podem ser arrumadas por meio de práticas interventivas, notadamente tortuosas. Ademais, há uma intersecção evidente entre os marcadores sociais da diferença que tomam corpo na Figura 12, de forma que, ações corretivas,

sustentadas pela matriz de dominação, produzem corpos abjetos em função de inteligibilidades hegemônicas de gênero, raça, sexualidade e dos demais marcadores sociais da diferença. Todavia, o corpo é ator e deseja o livre fluir dos seus permeáveis e impermanentes sentidos, conforme afirma a voz narrativa quando enuncia “precisei fugir desse olhar para buscar sentido no meu corpo” (Figura 12).

A última sequência analisada (Figuras 13 e 14) põe esse desejo de ser e fluir no centro da narrativa, utilizando a experiência de fazer compras e escolher frutas para a mãe como uma metáfora para a relação com o próprio corpo e seu trânsito no mundo. Os atributos *bonitas, simétricas, frescas* e, portanto, *desejáveis*, evidenciam a relação entre o hegemônico e o desejável, trazendo à tona, também, o poder de desejar o indesejável. Todavia, o corpo-roedor, em sua potência de ser e agir, parece hackear e subverter as tecnologias que produziram sua abjetificação ao escolher a maçã estranha, esquisita, simbolizando o fruto indesejável, proibido (Figura 13). A relação entre desejo e hegemonia também aparece na voz narrativa quando afirma “eu sabia bem qual deveria ser a orientação do meu desejo” (Figura 13), ao mesmo tempo em que se questiona essa orientação ao defender a “atração enorme” que sentia pelas frutas ditas defeituosas. Assim, o desejo é aquilo que escapa, que escorre e é também propulsor da quebra de práticas hegemônicas a partir das quais agem as tecnologias de produção de abjeção.

Como desfecho da seção Terapia de Conversão da obra e das análises, a Figura 14 rompe os limites do indesejável e, com isso, evidencia a conexão entre desejo e autorreconhecimento. Nessa sequência, a cenoura volta à cena apontando para evidenciar o poder de subversão e não a sujeição do corpo frente às normas, pois se, na Figura 3, a cenoura estava à mercê da faca empunhada pela mãe, agora ela é acolhida pelos braços do corpo-roedor, cujo desejo produz novas inteligibilidades que ecoam nas brechas do corpo-palimpsesto e recriam seus sentidos enquanto subvertem e rompem com o fluir de práticas e inteligibilidades hegemônicas.

Percebemos, assim, que os processos de abjetificação do corpo atuam de forma interseccional, não sendo, portanto, possível definir uma linha, um limite entre o humano e o monstro. Ciente de que esses resultados não são estanques, não sugerem uma palavra final sobre o que é ser Lino e viver no seu corpo, acreditamos que evidenciam tanto a multiplicidade e polissemia dos corpos, conectados pelas suas feridas e seus fluidos, quanto a força de resistência ao evocar o poder de atribuir sentidos ao próprio corpo e usá-lo para combater a pressão constante para defini-lo, (in)formá-lo e identificá-lo.

Ao longo desta pesquisa transitamos, junto com os corpos de Lino, por entre vivências, experiências e reflexões que abrem fendas epistemológicas por meio das quais potencialidades

e novas inteligibilidades se fazem vivas. Portanto, o nascimento do corpo abjeto, sobretudo frente ao marcador deficiência, é também o nascimento do corpo-palimpsesto, subversivo e dotado do poder de (re)escrever seu tecido orgânico e discursivo.

Analisar a produção do corpo-monstro colocou em evidência a relevância de compreender como sistemas de significação construídos pelas instituições sociais, como a família, a escola, e as instituições médicas e terapêuticas, atuam para produzir o abjeto tanto nas camadas intersubjetivas quanto na pele exposta do corpo. Compreendendo que produzir conhecimento é uma das formas de criar novas inteligibilidades, acredito que esta pesquisa se conecta a uma rede transviada que não só investiga e analisa as relações entre o linguístico e o social, mas o faz de forma subversiva, fronteira, indisciplinar, transviando limites e concepções naturalizadas. Enquanto linguista aplicada transviada, tenho me alinhado à produção de conhecimento não normativo em prol da vivibilidade de corpos abjetificados, conforme explica Bezerra (2023, p. 78).

Sendo uma reação às mudanças sociais, a homofobia (à qual acrescento a transfobia e a lesbofobia) também pode ser vencida, ou pelo menos arrefecida, por meio do conhecimento que se produz e se dissemina sobre subjetividades e corpos dissidentes da lógica cisheteronormativa, que é evidência incontestada da importância de nos engajarmos cada vez mais com pesquisas que tratem dessas temáticas em um meio acadêmico ainda tão amplamente conservador.

Enquanto corporalidade dissidente, sei que o corpo abala o entorno e não é apenas definido por ele, pois dizer que o corpo pulsa é também evocar o desejo de si como força motriz da subversão, uma vez que o abjeto reside nas estruturas sociodiscursivas por meio das quais operam forças hegemônicas e não nos corpos. Proponho, então, que tomemos impulso para emancipar nossos corpos, o que significa viver todas as camadas palimpsésticas do ser, compreendendo que o tecido textual que nos reveste e nos separa do mundo é também fonte de subversão. Portanto, existir é subversivo e o desejo do ser é a força por meio da qual pilares hegemônicos podem ser desestruturados, emancipando o corpo das amarras epistemológicas produzidas pela matriz de dominação.

Se o corpo pulsa, o desejo é o atrito que impele o seu movimento. A cada espasmo do corpo, as debilidades podem pouco a pouco se transformar em habilidades, enquanto a potência do ser ganha força e desestabiliza pilares hegemônicos. Se é o corpo-palimpsesto, em seu desejo e em sua força, que alavanca a emancipação e quebra a repetição de práticas hegemônicas para produzir, com sua própria tinta, novas linhas sobre si, a conexão de nossas tintas, nossas escritas

dissidentes e nossas corporalidades é uma constelação subversiva e política cuja potência desestabiliza o cerne das opressões.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. Califórnia: Aunt Lute Books, 1999.

ARROJO, Rosemary. **A questão do texto original**. In: ARROJO, Rosemary. Oficina de tradução: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 5ª ed., 2007.

ARRUDA, Lino. **Monstrans: experimentando horrormônios**. Campinas: Ed. do Autor, 2021.

ARRUDA, Lino. **Zine Sapatoons**. Campinas: Ed. do Autor, 2011.

ARRUDA, Lino. **Zine Anomalia**. Campinas: Ed. do Autor, 2014.

ARRUDA, Lino. **Novo Corte de Peitos**. Campinas: Ed. do Autor, 2018.

ARRUDA, Lino. **Quimer(d)a**. Campinas: Ed. do Autor, 2015-2018.

ASSIS, Érico. 10 HQs brasileiras que marcaram a década. In: ASSIS, Érico. 10 HQs brasileiras que marcaram a década. **Omelete**, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/melhores-quadrinhos-livros/10-hqs-brasileiras-marcaram-decada-2010>. Acesso em: 2 fev. 2023.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

BACELLAR, Camila Bastos. À beira do corpo erótico descolonial, entre palimpsestos e encruzilhadas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: difusão Europeia do Livro, 1967.

BENJAMIN, Ruha. **Race after technology: Abolitionist Tools for the New Jim Code**. Medford, MA : Polity, 2019.

BENTO, Berenice. **TRANSVIAD@S: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Salvador: Editora Devires, 2017.

BEZERRA, Fábio; CANALE, Germán (org.). **Estudos críticos do discurso multimodal sobre comunidades LGBTQIA+ na América Latina**. São Paulo: Pontes. 2022.

BEZERRA, Fábio. Análise crítica do discurso multimodal de memes sobre (o uso de) linguagem não binária. In: BEZERRA, Fábio; CANALE, Germán (org.). **Estudos críticos do discurso multimodal sobre comunidades LGBTQIA+ na América Latina**. São Paulo: Pontes. 2022. p. 21-57.

BEZERRA, Fábio. DIAS, Thayse Silva da Rocha. A experiência social da lesbianidade representada no drama autobiográfico-memorístico em quadrinhos. *Revista Prolíngua*, v. 16, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/issue/view/2706>. Acesso em 17 de abril. De 2023.

BEZERRA, Fábio. **Linguística Aplicada Transviada: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar**. Campinas: Pontes Editores, 2023.

BRAZ, Camilo. Vestido de antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens. *Bagoas*, n. 3, p. 75-95, 2009.

BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: Um conceito do Pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. N.Y: Routledge, 2004.

BUTLER, Judith. Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?. Tradução: Sérgio Lamarão, Arnaldo Marques da Cunha. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTRO, Estela Carielli de. **Multimodalidade nos quadrinhos: uma análise da HQ Vidas Secas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós Graduação em Letras, Recife, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40693>. Acesso em: 10 dez. de 2022.

CALDERON BASTIDAS, Nicole Angela; CORDOVA DUCLOS, Joyce. **La traducción al español de los marcadores discursivos de la novela gráfica Persépolis de Marjane Satrapi**. Bacharelado em Tradução e Interpretação Profissional. Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas (UPC). Facultad de Ciencias Humanas, 2020. Disponível em: <https://repositorioacademico.upc.edu.pe/handle/10757/648642>. Acesso em: 10 dez. de 2022.

CARRASCO, Jorge L. Catalá; DRINOT, Paulo; SCORER, James. **Comics and Memory in Latin America**. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 2017.

CARRETO, Carlos Clamote. Alugares entre o Inferno e o Céu. *Medievalista*, v. 5, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/medievalista/6382?lang=en>. Acesso em: 10 dez. de 2022.

CASTELLS, M. **The internet galaxy: Reflections on the internet, business and society**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CAVALCANTI, M. A propósito de linguística aplicada. **Trabalhos de linguística aplicada**, v. 7: 5-12, 1986

CELANI, M.A.A. **Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil**. In.:SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (Orgs). Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. P. 129 – 142.

CELANI, M. A. A. **Afinal, o que é Linguística Aplicada?** In: Paschoal, M. S. Z. de; Celani, M. A. A. (Orgs.). Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística aplicada transdisciplinar. São Paulo:educ, 1990.

CELANI, Maria Antonieta Alba Celani. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem & Ensino**, vol.8, n.1, p.101-122, 2005.. Disponível em: <http://rle.ucpel.edu.br/index.php/rle/article/viewFile/198/165>. Acesso em 3/4/2016.

CHEN, Angela. ACE: **What asexuality reveals about desire, society and the meaning of sex**. Boston: Beacon Press. 2020.

CHINEN, N.; RAMOS, P.; VERGUEIRO, W. Literatura de Quadrinhos no Brasil: uma área em expansão. In: FIGUEIRA, D.; RAMOS, P.; VERGUEIRO, W; (orgs.). **Quadrinhos e literatura**: diálogos possíveis. São Paulo: Criativo, 2014.

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity**. Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CHUTE, Hillary L. **Graphic Women**: life narrative and contemporary comics. New York Chichester, West Sussex: Columbia University Press, 2010.

CLÍMACO, Julia Campos. **Corpo, feminismo e deficiência**. In: NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; CHATAGNIER, Juliane Camila; LARANJA, Michelle Rubiane da Rocha (orgs). **Corpos que (se) importam**: refletindo questões de gênero na literatura e em outros saberes.Campinas-SP: Pontes. 2018.

COIMBRA, Alda Maria; BERALDI, Gabriel Moreira. Quadrinhos? uma abordagem multimodal para o ensino de filosofia. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 4, n° 9, p. 114 a 128, set/dez, 2017.

COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Tradução: Bianca Santana. **Revista Parágrafo**. Jan/Jun. 2017 V.5, N.1 (2017)- ISSN: 2317-491.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge, Malden: Polity Press, 2016.

COLLINS, P. H. **Black feminist thought**: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. 2nd ed. New York: Routledge, 2000.

COSTA, Cristiano Bedin da. **Corpo em obra**: palimpsestos, arquitetônicos. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto

Alegre. 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40475>. Acesso em: Acesso em 7 jan. 2023.

DALLA VECCHIA, Adriel; MASTELLA, Veronice. A multimodalidade e o discurso pela igualdade social em X-Men. In: **XXII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão: Redes e Territórios**, 2017, Anais, Rio Grande do Sul: UNICRUZ. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2017/XXII%20SEMIN%20C3%81RIO%20INTERINSTITUCIONAL%202017%20-%20ANAI/GRADUA%20C3%87%20C3%83O%20-%20RESUMO%20EXPANDIDO%20CI%20C3%8ANCIAS%20SOCIAIS%20E%20HUMANIDADES/A%20MULTIMODALIDADE%20E%20O%20DISCURSO%20PELA%20IGUALDADE%20SOCIAL%20EM%20X-MEN.pdf>. Acesso em 7 jan. 2023.

DALMASO, Renata Lucena. Quadrinhos autobiográficos corpo(rificados): considerações sobre o gênero autobiografia em quadrinhos e representações de deficiência. *Revista Cerrados: Literatura, Artes e Inclusão Social*, UNB, v. 27, n. 46, p. 15-27, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/19628>. Acesso em: 20 dez. 2021.

DALMASO, Renata Lucena. The visual metaphor of disability in Sarah Leavitt's graphic memoir *Tangles: a story about Alzheimer's, my mother and me*. **Ilha do deserto**, v. 68, n. 2, p. 75-092, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2015v68n2p758>. Acesso em: 20 dez. 2021.

DANTAS, Jacqueline Wanderley Marques; CARVALHO, Margareth Valdivino da Luz. Análise Crítica do Gênero Discursivo História em Quadrinhos da Revista **Zé Carioca**, **Revista Ininga**, Volume 7, Nº 1, UFPI, 2020. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/ininga/article/view/8305>. Acesso em: 7 jan. 2023.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. de Miriam Schnaiderman e Renato Ianini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, Ed. da USP, 1973

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução: Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DIAS, Thayse Silva da Rocha; BEZERRA, Fábio Alexandre Silva. Uma análise multimodal dos vínculos afetivo-sexuais da relação mãe-filha na graphic memoir “Você é minha mãe?”. **Antares**, v. 13, n. 30, maio/ago 2021. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/issue/view/362>. Acesso em 17 de abril. De 2023.

DOMINGUES, Luis Mahin; RODRIGUEZ, Shay de los Santos. Homens trans envelhecem? Diálogos entre transmasculinidade e envelhecimento. In: PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas (org.). **Corpos transitórios**. 1. ed. Salvador: Pustilnick, 2021. p. 49-62.

EISNER, S. Grave New World? Workplace Skills for Today's College Graduates. **American Journal of Business Education**, 3, 27-50, 2010.

- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis**. Londres: Longman: 1995.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. 3. ed. Londres: Longman, 2015[1989].
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**. 5.ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III: O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.
- FREUD, Sigmund. A sexualidade na etiologia das neuroses, 1898. In: _____. Primeiras publicações psicanalíticas. Rio de Janeiro: **Imago**, 1996. p. 251-274. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).
- GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves; RAMOS, Rubem Borges Teixeira. As histórias em quadrinhos: instrumento de informação e de incentivo à leitura. **DataGamaZero - Revista de Ciência e Informação**, v. 13, n. 2. Abril/2012. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/repositorio/2017/07/pdf_8ac65f6f62_0000023436.pdf. Acesso em 02 de jan. 2023.
- GARCÍA, S. **A novela gráfica**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Feminist Disability Studies. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, The University of Chicago, v. 20, ed. 2, 11 jul. 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/423352>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- GARLAND-THOMSON, Rosemarie. **Extraordinary Bodies: Figuring Physical Disability in American Culture and Literature**. New York: Columbia University Press. 2017.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOMES, Aguinaldo Rodrigues; MAGNANI, Josimara Aparecida. **Travas e Trans - Abjetificação e precarização de vidas no cárcere brasileiro**. In: Gomes, Aguinaldo Rodrigues; LION, Antonio Ricardo Calori de (orgs). **Corpos em Trânsito: Existência, subjetividade e representatividades**. Salvador: Editora Devires. 2020.
- GOMES, Aguinaldo Rodrigues; LION, Antonio Ricardo Calori (orgs). **Corpos em trânsito: existências, subjetividades e representatividades**. 1. ed. Salvador: Devires. 2020.

GOMES, Ruth Bonan. et al. Novos diálogos dos estudos feministas da deficiência. **Revista estudos feministas**, v. 27, n. 1, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/2697>. Acesso em 02 de jan. 2023.

GOMES, Ivan Lima. Imaginando uma outra história da resistência negra: entrevista com Marcelo D'Saete. *ArtCultura*, v. 21, n. 39, p. 117-124, 2019. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/qdownload/52017-outros-cultura-visual-e-hq-quadrinhos-pdf-free.html>. Acesso em: Acesso em 02 de jan. 2023.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4 ed. Londres: Edward Arnold, 2014.

HARAWAY, Donna J., A Cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century. In: Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature, New York, Routledge, 1991 (Trad. Bras. Tomaz Tadeu). In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari & TADEU, Tomaz, **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**, Belo Horizonte, Autêntica, 2009, 2a ed.)

HARVEY, D. **Justice, Nature and the Geography of a Difference**. London: Blackwell, 1996.

HATFIELD, Charles. **Comic studies: a guidebook**. New Jersey: Rutgers University Press, 2020.

HATFIELD, Charles. Indiscipline, or, The Condition of Comics Studies. *Transatlantica: Revue d'études américaines*. **American Studies Journal**, Association française d'Etudes Américaines (AFEA), v. 1, p. 1-18, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/transatlantica/4933>. Acesso em: 20 dez. 2021

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

KLEIMAN, Angela B. Afinal, o que é Linguística Aplicada? **Intercâmbio**, v. 2, 1990. pp. 22-31

KLEIMAN, Angela B. **Agenda de pesquisa e ação em linguística aplicada: problematizações**. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 39-58.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. London/ New York: Routledge, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror: An Essay on Abjection**. EUA: Columbia University Presse. New York. 1982

LAURETIS, Teresa. **A tecnologia do gênero**. EUA: Indiana University Press. 1987.

- LELIS, Camila Luiza. Políticas do corpo e transmasculinidades em Monstrans: Experimentando horrormônios . V **Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. – 22 a 25 de novembro de 2021
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014: 935-952.
- MARTEL, Frederic. **Mainstream**: a guerra global das mídias e das culturas. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- MAHIN, Luis. **Últimas palavras**: escrever para provocar novas educações sobre as formas de viver. In: PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos Transitórios: Narrativas Transmasculinas**. Salvador-BA: Diálogos, 2021.
- MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- MCCLLOUD, Scott. **Reinventing Comics**: How imagination and Technology are revolutionizing an Art Form. New York: Paradox Press, 2000.
- MIGNOLO, Walter. **Colonialidade**: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. RCBS, São Paulo, v. 32, n. 94. 2017.
- MIGNOLO, Walter. **Local histories/global designs**: coloniality, subaltern knowledges and border-thinking. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- MOITA LOPES, L.P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In.:SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 113 – 128.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Afinal, o que é Linguística Aplicada? **Intercâmbio**, v. 2, 1990. pp. 13-21.
- MOITA LOPES, L.P.. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-107.
- MOITA LOPES, L. P.. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In PEREIRA e PILAR (orgs.). **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.
- MORTENSON, Joani; MORTENSON, Luke. **Borders, Bodies & Kindred Pleasures**: Queering the Politics of Maternal Eroticism. In: GIBSON, Margaret F. (ed.). **Queering Motherhood: Narrative and Theoretical Perspectives**. Canadá: Demeter Press, 2014. cap. 11, p. 185-202.
- MOURA, Thales Gabriel Trindade de. **Quando corpos transmasculinos atravessam as cidades**. In: PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. **Corpos Transitórios: Narrativas Transmasculinas**. Salvador-BA: Diálogos, 2021.
- MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

OLIVEIRA, Manoel Rufino David de. O conceito de abjeção em Julia Kristeva. **Revista Seara Filosófica**, nº 21. pp. 185-201, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/searafilosofica/article/view/19975>. Acesso em: 10 de fev. de 2023.

PAIVA, V.L.M.de O. Reflexões sobre ética e pesquisa. In. **RBLA**, v. 5, n. 1, 2005

PENNYCOOK, A. Postmodernism in language policy. In Ricento T. (Ed.), **An introduction to language policy: Theory and method** (pp. 60–67). London: Blackwell. 2006..

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo:N-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. Transfeminismo. São Paulo: Editora n-1. 2015.

PREDEBON, Nathalia Rodrigues Catto. **Do entretenimento à crítica: letramento multimodal crítico no livro didático de inglês com base em gêneros dos quadrinhos**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, RS, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/3997>. Acesso em: 10 de dez de 2022.

RAJAGOLAPAN, Kanavillil. Repensar o papel da linguística aplicada. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 149-168.

RAJAGOLAPAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. Ciência Social Crítica e Análise de Discurso Crítica: Discurso na modernidade tardia. In: RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise Crítica do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-54.

RESENDE, Viviane de Melo RAMALHO, Viviane C. S. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (dis)curso**. Tubarão, v.5, n. 1 jul./dez. 2004, pp. 185-207.

RIBEIRO, Guilherme Trielli. Ricardo Aleixo: Outros, o mesmo. **Revista da Rede Internacional ELYra**. v 1, 2013. Disponível em: <http://elyra.org/index.php/elyra/article/view/9>. Acesso em: 19 de mar. de 2023.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, The University of Chicago, v. 5, ed. 4, p. 631-660, 1980.

ROBINS, R. H. **Pequena História Da Linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

RODRIGUES, Alexandro; SOUZA, Leonardo Lemos. Pelas dobras da leitura e da escrita: criança, alfabetização e a decolonização do corpo, gênero e sexualidade. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 11, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/praticasdelinguagem/article/view/37010>. Acesso em: 19 de mar. de 2023.

RODRIGUES, Shay de los Santos. **Uma breve autoetnografia de um corpo transmasculino**. In: PFEIL, Bruno; VICTORIANO, Nathan; PUSTILNICK, Nicolas. *Corpos Transitórios: Narrativas Transmasculinas*. Salvador-BA: Diálogos, 2021.

ROEDER, Iohanna Campos. **Imagens, jornalismo e ficção: um estudo das reportagens em quadrinhos da Revista Fórum**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193983>. Acesso em: 10 de dez de 2022.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Categorização e análise de graphic novels brasileiras. *Sociopoética. Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade*. n.. 22, v. 1. jan-jun./2020. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/SOCIOPOETICA/article/view/269https://revista.uepb.edu.br/SOCIOPOETICA/article/view/269>. Acesso em: 19 de mar. de 2023.

SILVA, Marcelo Travassos da; ACIOLI, Moab Duarte. **Análise Crítica de Superman: entre quadrinhos, discurso e mudança social, HQ Week: HQa, tecnologias e novas experiências narrativas.**, UFJF: Juiz de Fora, 2020. Disponível em: https://www.ufjf.br/midiadigital/files/2020/07/anais_hqweek_2020_marcelo_travassos.pdf. Acesso em: 7 jan. 2023.

SILVA JUNIOR, Ailton da Costa da Silva. Histórias em quadrinhos como fonte de pesquisa: uma análise sócio-histórica acerca do graphic novel “Batman: a piada mortal”. **DIÁLOGO**, Canoas, ed. 34, p. 55-70, 7 jan. 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5919218>. Acesso em: 7 jan. 2023.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **O fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. São Paulo: Autêntica, 2019.

SOUZA FILHO, Cleber de. Quadrinhos: Uma interface entre Ciências e Educação. In: 15° **Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia**, 2016, Anais Eletrônicos, Santa Catarina: UFSC. Disponível em: https://www.15snhct.sbhct.org.br/resources/anais/12/1474038874_ARQUIVO_Quadrinhos,umainterface-CLEBERDESOUZAFILHO.pdf. Acesso em: 7 jan. 2023.

SOUZA FILHO, Cleber de; VIEIRA OURIQUES, Evandro. (2017). Super-heróis, história dos quadrinhos e a popularização das ciências. **Revista Scientiarum Historia**, 1(1), 6. Disponível em: https://doi.org/10.51919/revista_sh.v1i1.159. Acesso em 10 dez. 2022.

SOUZA, Manoel de; MUNIZ, Maurício. **O Império dos Gibis: a Incrível história dos quadrinhos da Editora Abril**. São Paulo: Heróica, 2020.

STRYKER, Susan. **Transgender History: The roots of today's revolution**. 2. ed. rev. New York: Seal Press, 2017. 279 p.

TILIO, Rogério. 30 anos da ALAB: 30 anos de Linguística Aplicada e Ensino de Línguas no Brasil. **RAÍDO**, v.14, n. 36, p. 17-36, 2020.

VARGAS, A. L. A invenção dos quadrinhos autorais: uma breve história da arte da segunda metade do século XX. **Revista história, histórias**. Brasília, vol. 4, n. 7, 2016. ISSN 2318-1729.

WINNICOTT, Donald. Transitional objects and transitional phenomena. **International Journal of Psycho-Analysis**, v. 34, p. 89-97, 1953.